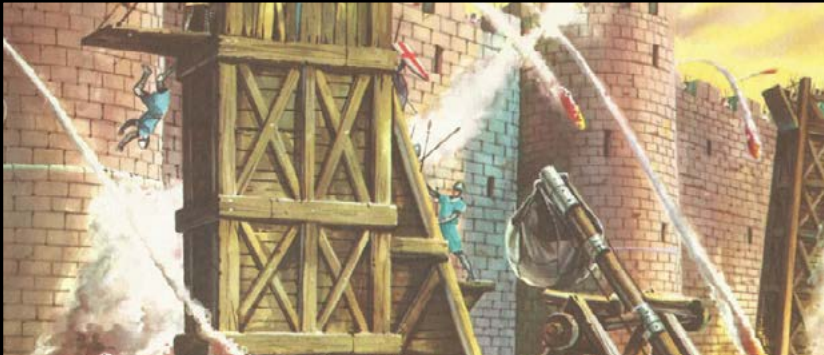


**GURPS®**

Quarta Edição

# CRUZADAS



por **EUGENE MOYERS**  
com **GRAEME DAVIS**

**STEVE JACKSON GAMES**

**GURPS®**

Quarta Edição

Revisado em 21 de setembro de 2025  
atualizações e outros livros em: <http://t.me/modulobasico>

# CRUZADAS



Escrito por **EUGENE MOYERS**, com **GRAEME DAVIS**  
Edição de **GRAEME DAVIS**, **ALAIN H. DAWSON**, e **JASON "PK" LEVINE**  
Ilustrações por **PAUL DALY**  
Cartografia por **ED BOURELLE**



*Um livro de referência da e23 para GURPS*

**STEVE JACKSON GAMES**



# SUMÁRIO

|                                    |                                        |                                      |
|------------------------------------|----------------------------------------|--------------------------------------|
| <b>INTRODUÇÃO..... 3</b>           | <b>A QUINTA CRUZADA..... 19</b>        | <b>MODELOS ..... 31</b>              |
| Fontes Recomendadas ..... 3        | A Cruzada Albigense ..... 19           | Equipamento Sugerido..... 32         |
| Sobre os Autores..... 3            | <b>A SEXTA CRUZADA..... 20</b>         | Assassino..... 32                    |
| Sobre GURPS ..... 3                | <b>A SÉTIMA CRUZADA..... 20</b>        | Cavaleiro Cruzado ..... 33           |
| <b>1. O MUNDO</b>                  | A Cruzada dos Pastores..... 21         | Guerreiro Religioso ..... 33         |
| <b>DAS CRUZADAS ..... 4</b>        | Os Mongóis..... 21                     | Guerreiro Sarraceno..... 34          |
| O Império Romano ..... 4           | <b>A OITAVA CRUZADA..... 21</b>        | Um Tesouro de Guerreiros..... 34     |
| <b>OS FRANCOS ..... 4</b>          | <b>A NONA CRUZADA ..... 22</b>         | <b>5. BIOGRAFIAS..... 35</b>         |
| França ..... 4                     | Outras Cruzadas..... 22                | Ricardo I ..... 35                   |
| Inglaterra ..... 4                 | <b>ENFIM, O FIM ..... 23</b>           | Saladino ..... 36                    |
| O Sacro Império Romano ..... 5     | <b>CRONOLOGIA DAS CRUZADAS..... 23</b> | Reinaldo de Châtillon..... 36        |
| Espanha ..... 5                    |                                        | Frederico II ..... 37                |
| Itália ..... 5                     |                                        | Balduíno IV..... 37                  |
| Os Reinos Normandos ..... 5        |                                        | Zengui ..... 38                      |
| Os Reinos Latinos..... 5           |                                        | Baibars ..... 38                     |
| As Ordens Militares ..... 5        |                                        | Outras Biografias ..... 38           |
| <b>OS GREGOS ..... 7</b>           |                                        | <b>6. CAMPANHAS..... 39</b>          |
| <b>OS MUÇULMANOS..... 7</b>        |                                        | <b>ESTILOS DE CAMPANHA..... 39</b>   |
| Xiitas e Sunitas ..... 7           |                                        | Campanhas Realistas ..... 39         |
| Os Assassinos ..... 8              |                                        | Campanhas de Ação-Aventura .... 39   |
| Os Turcos ..... 8                  |                                        | Campanhas Cinematográficas .... 39   |
| Os Sarracenos..... 9               |                                        | <b>CENÁRIOS DE CAMPANHA ..... 40</b> |
| Egito ..... 9                      |                                        | Campanhas de Fantasia ..... 40       |
| Os Piratas Berberes ..... 9        |                                        | Os Evangelhos Gnósticos ..... 40     |
| <b>2. A HISTÓRIA</b>               |                                        | Campanhas Marítimas ..... 40         |
| <b>DAS CRUZADAS ..... 10</b>       |                                        | Campanhas de                         |
| Fidelidade Histórica ..... 10      |                                        | Cidades Perdidas..... 40             |
| <b>PRELÚDIO ..... 10</b>           |                                        | Campanhas de                         |
| <b>A PRIMEIRA CRUZADA..... 10</b>  |                                        | História Alternativa..... 41         |
| <b>AS TERRAS SANTAS ..... 11</b>   | <b>3. A VIDA DURANTE</b>               | <b>CENÁRIOS COMBINADOS ..... 41</b>  |
| Os Cinco Exércitos ..... 12        | <b>AS CRUZADAS ..... 24</b>            | Black Ops ..... 41                   |
| Antioquia..... 12                  | Feudalismo ..... 24                    | Cabal ..... 41                       |
| A Cruzada Popular ..... 12         | <b>DISTÂNCIA E VIAGEM..... 24</b>      | Cataclismo ..... 41                  |
| Jerusalém ..... 13                 | <b>ROTAS PARA AS CRUZADAS..... 25</b>  | Cliffhangers..... 41                 |
| Os Reinos Latinos..... 13          | UMA TERRA ESTRANGEIRA ..... 25         | Faerie..... 41                       |
| Jihad ..... 14                     | A Orientalização dos Francos .... 26   | Horror e Atomic Horror..... 41       |
| <b>A SEGUNDA CRUZADA ..... 14</b>  | A Igreja ..... 26                      | Illuminati ..... 42                  |
| Noradine ..... 15                  | Sinais e Maravilhas ..... 26           | <b>In Nomine ..... 42</b>            |
| Saladino ..... 15                  | <b>QUESTÕES E PROBLEMAS ..... 26</b>   | Middle Ages I ..... 42               |
| <b>A TERCEIRA CRUZADA ..... 16</b> | Mão de Obra ..... 26                   | Noites da Arábia ..... 42            |
| As Cruzadas do Norte ..... 17      | A Economia das Cruzadas ..... 27       | Viagem no Tempo..... 42              |
| Ricardo Coração de Leão..... 17    | Comércio..... 27                       | Vikings..... 42                      |
| Apuros em Jerusalém ..... 17       | Uma Europa Distraída ..... 27          | WWII ..... 42                        |
| <b>A QUARTA CRUZADA ..... 18</b>   | A Política no Estado Cruzado .... 28   | <b>BIBLIOGRAFIA..... 43</b>          |
| Desviados pelo Doge..... 18        | <b>GUERRAS NO OUTREMER ..... 28</b>    | Livros..... 43                       |
| O Saque de Constantinopla..... 18  | Táticas e Composição ..... 28          | Filmes..... 44                       |
| As Cruzadas das Crianças ..... 18  | Condições Locais..... 29               | <b>ÍNDICE ..... 45</b>               |
|                                    | Cercos..... 30                         |                                      |
|                                    | <b>4. PERSONAGENS ..... 31</b>         |                                      |
|                                    | <b>VANTAGENS E DESVANTAGENS... 31</b>  |                                      |
|                                    | Espécimes Não Tão Perfeitos..... 31    |                                      |

*Esta época é  
como nenhuma  
outra...  
– São Bernardo  
de Claraval*

Criação do Sistema **GURPS** ■ STEVE JACKSON  
Editor da Linha **GURPS** ■ SEAN PUNCH  
Editor-Chefe ■ PHILIP REED  
Gerente e23 ■ STEVEN MARSH

Design de Páginas ■ PHILIP REED e  
JUSTIN DE WITT  
Diretor de Arte ■ WILL SCHOONOVER  
Produção Artística e Indexador ■ NIKOLA VRTIS  
Assist. Editor-Chefe ■ MONICA STEPHENS

Diretor de Marketing ■ PAUL CHAPMAN  
Diretor de Vendas ■ ROSS JEPSON  
**GURPS** FAQ a Cargo de ■  
VICKY "MOLOKH" KOLENKO

# INTRODUÇÃO

As Cruzadas foram um dos dramas mais pitorescos da história. Elas também foram uma fonte de atrito e mal-entendido entre o cristianismo e o islamismo que dura até hoje.

Os cruzados trouxeram mais do que especiarias do Oriente Médio. Eles trouxeram de volta novos tipos de lavoura, tecnologias médicas e científicas aprimoradas, e novos conhecimentos geográficos. A Europa nunca mais foi a mesma depois das Cruzadas. O Oriente foi aberto para o Ocidente.

As Cruzadas foram um labirinto de contradições: honra e traição, bravura e covardia, ganância e sacrifício. Elas foram cheias de batalhas, explorações, dificuldades, intolerância e aceitação, manobras políticas, castelos imponentes e guerreiros famosos. No **GURPS Cruzadas**, você encontrará o choque violento entre duas sociedades, mas também grandes feitos, heróis fascinantes, e enormes castelos surgindo da névoa do calor do deserto. Então vamos para Jerusalém! Deus o quer!

## FONTES RECOMENDADAS

O **GURPS Cruzadas** cobre 200 anos da história do Oriente Médio, do final do século XI ao final do século XIII. Ele pode ser usado junto com **GURPS Middle Ages 1**, **GURPS Swashbucklers** e **GURPS Vikings** para criar aventuras históricas realistas. Da mesma forma, há fundo e atmosfera suficientes para criar qualquer número de aventuras de fantasia ou de história alternativa, espe-

cialmente se usado em conjunto com **GURPS Noites da Arábia**, a série **GURPS Masmorras Fantásticas**, **GURPS Mundos Infinitos** e **GURPS Places of Mystery**. O **GURPS Magia** pode adicionar mais emoção a qualquer campanha ou aventura ambientada no mundo de **GURPS Cruzadas**.

## SOBRE OS AUTORES

Gene Moyers estudou história medieval na Universidade de Oregon. Ele é um ex-tripulante do Exército dos EUA e jogador de longa data. Ele contribuiu para outros livros **GURPS**, incluindo **GURPS WWII: All the King's Men** e **GURPS WWII: Return to Honor**. **GURPS Cruzadas** é seu primeiro livro **GURPS** completamente como autor. Gene atualmente trabalha como massoterapeuta em Portland, Oregon, enquanto continua escrevendo como freelancer.

Graeme Davis é o autor de **GURPS Middle Ages 1**, **GURPS Vikings** e **GURPS Faerie**. Ele também escreveu vários artigos para a *Pyramid*, incluindo um sobre organizações semelhantes aos Templários que apareceu na edição #3/19: *Tools of the Trade — Clerics*. Ele começou a jogar na faculdade na década de 1970, conseguiu um emprego na Games Workshop em 1986 e está na indústria de jogos desde então. Além de seu trabalho em jogos de tabuleiro, ele foi escritor e designer de vários videogames, incluindo dois títulos da aclamada série de jogos de estratégia histórica *Total War*.

## Sobre GURPS

A Steve Jackson Games está comprometida com o total apoio aos jogadores de **GURPS**. Nosso endereço é SJ Games, P.O. Box 18957, Austin, TX 78760. Por favor, inclua, um envelope selado e auto-endereçado toda as vezes que você nos escrever! Nós também podemos ser contatados por e-mail: [info@sjgames.com](mailto:info@sjgames.com). Nossos recursos online incluem:

**Novos suplementos e aventuras.** **GURPS** continua a crescer — saiba o que está chegando de novo em [www.sjgames.com/gurps](http://www.sjgames.com/gurps). e23. Nossa divisão de e-publicações oferece aventuras **GURPS**, ajuda em jogos, e apoio em forma de PDF... cópias digitais dos nossos livros, além de conteúdos adicionais disponíveis apenas na e23! Basta acessar [e23.sjgames.com](http://e23.sjgames.com).

**Pyramid** ([www.sjgames.com/pyramid](http://www.sjgames.com/pyramid)). Nossa revista mensal em PDF inclui novas regras e artigos para **GURPS**, cenários independentes de sistemas e muito mais. Procure cada edição temática na e23.

**Internet.** Visite-nos na web em [www.sjgames.com](http://www.sjgames.com) para erratas, atualizações, P&R, e muito mais. Para discutir **GURPS** com o pessoal da SJ Games e colegas jogadores, venha para nossos fóruns em [forums.sjgames.com](http://forums.sjgames.com). A página da web de **GURPS Cruzadas** pode ser encontrada em [www.sjgames.com/gurps/books/crusades/](http://www.sjgames.com/gurps/books/crusades/).

**Bibliografias.** Muitos de nossos livros têm extensas bibliografias e estamos colocando-as online — com links para permitir que você compre as fontes que lhe interessam! Vá para a página web de cada livro e procure o link "Bibliography".

**Errata.** Todo mundo comete erros, incluindo nós — mas nós fazemos o nosso melhor para corrigir os nossos erros. Atualização de folhas de erratas para todas as versões de **GURPS**, incluindo este livro, estão disponíveis em nosso site — veja acima.

Regras e estatísticas neste livro são especificamente para o **GURPS Módulo Básico da Quarta Edição**. Referências de páginas que começam com MB se referem a esse livro, não este.

**GURPS**, Warehouse 23 e a pirâmide que tudo vê são marcas registradas da Steve Jackson Games Incorporated. Pyramid, e os nomes de todos os produtos publicados pela Steve Jackson Games Incorporated são marcas registradas ou marcas comerciais da Steve Jackson Games Incorporated, ou usadas sob licença. **GURPS Cruzadas** é copyright © 2010 por Steve Jackson Games Incorporated. Algumas artes são copyright © 2010 JupiterImages Corporation. Todos os direitos reservados.

A digitalização, o upload e a distribuição deste livro pela Internet ou por qualquer outro meio sem a permissão do editor é ilegal e punível por lei. Adquirir apenas edições eletrônicas autorizadas e não participe ou incentive a pirataria eletrônica de materiais protegidos por direitos autorais. Agradecemos seu apoio aos direitos do autor.

# CAPÍTULO UM

# O MUNDO

# DAS CRUZADAS

Para entender as Cruzadas, primeiro é necessário entender o mundo em que elas ocorreram. As Cruzadas não foram simplesmente um conflito entre cristãos e muçulmanos. O mundo cristão foi dividido entre católicos ocidentais e cristãos ortodoxos orientais,

e os muçulmanos foram divididos em linhas religiosas e étnicas. Embora seja verdade que a maioria dos cruzados eram católicos ocidentais, havia rivalidade entre suas pátrias individuais, e entre seus governantes e o papa. A realidade era tudo menos simplória.

## O Império Romano

A forma que a cristandade tomou deve muito ao Império Romano dos tempos clássicos. O imperador Constantino dividiu o Império Romano nas porções ocidental e oriental no século IV. A metade ocidental do império havia sucumbido às invasões bárbaras e estava emergindo da chamada Idade das Trevas. Embora unida pela fé Católica Romana, a Europa fragmentou-se politicamente em muitos reinos, principados e ducados.

A metade oriental do império — agora como Império Bizantino — continuou como uma entidade política, mas era composta por muitas nacionalidades. As influências asiáticas, gregas e do Oriente Médio levaram a um cisma entre a Igreja Ortodoxa Oriental e a Igreja Católica Romana. Embora rico, o Império Bizantino estava com escassez de mão de obra e sob pressão de um Islã em expansão e vários povos orientais.

## Os FRANCOS

Para o Império Bizantino, todos os católicos eram Francos, em homenagem aos povos germânicos que dominaram a Europa Ocidental após o colapso de Roma. Entre eles, é claro, eles eram Franceses, Ingleses, Alemães e assim por diante.

*Embora a maior parte dos Cruzados fosse proveniente da França, o Cruzado mais famoso acabou sendo um Inglês.*

### FRANÇA

O maior número de Cruzados veio da França, que era uma grande potência na Europa Ocidental. Foi no Concílio de Clermont em 1095 que o Papa Urbano II fez o chamado que levou à Primeira Cruzada. O rei Luís VII da França liderou a Segunda Cruzada junto com Conrado III da Alemanha. A Terceira Cruzada foi liderada por Filipe II da França com Ricardo I da Inglaterra, e o imperador Frederico I do Sacro Império Romano. As cruzadas Francesas continuaram até a morte de Luís IX na Oitava Cruzada.

Paris tornou-se o quartel-general europeu dos Cavaleiros Templários, e muitos nobres Franceses eram motivados a ingressar na Ordem. No entanto, foi um rei da França — Filipe IV — quem pronunciou sua ruína (pág. 6).

### INGLATERRA

Talvez seja irônico que o cruzado mais famoso de todos os tempos — o rei Ricardo I “o Coração de Leão” — fosse Inglês. Embora seja verdade que a Inglaterra enviou muitos homens nas Cruzadas, sua contribuição real foi muito menor do que a da França e do Sacro Império Romano.

Além de Ricardo, apenas um rei Inglês partiu para uma cruzada. Eduardo Pernas Longas — o futuro Eduardo I — chegou a Túnis depois que Luís IX da França morreu durante a Oitava Cruzada e retirou-se para a Sicília antes de montar uma expedição que é considerada por alguns historiadores como a Nona Cruzada.

Apesar da relativa falta de interesse da realeza nas cruzadas, as tropas Inglesas viajaram para a Terra Santa, tanto por conta própria quanto como membros das ordens militares. Os Templários eram ativos na Inglaterra, e os Hospitalários herdaram suas propriedades junto com outras propriedades Templárias em toda a Europa.

## O SACRO IMPÉRIO ROMANO

Na época das Cruzadas, as terras que mais tarde se tornariam a Alemanha e a Áustria foram divididas em vários pequenos estados, unidos sob a bandeira do Sacro Império Romano. O nome remonta ao império fundado por Carlos Magno três séculos antes da Primeira Cruzada.

Depois da França, os estados Alemães foram os cruzados mais ativos, com reis e imperadores liderando várias cruzadas. A dinastia Hohenstaufen (1138–1254) assumiu o Reino da Sicília dos normandos. Seu membro mais famoso foi Frederico Barbarossa, que morreu em uma cruzada em 1190.

## ESPAÑHA

Na época das Cruzadas, a Espanha estava dividida. Os Mouros Muçulmanos ocupavam o sul da Península Ibérica, e o norte era dividido entre os reinos cristãos de Aragão, Castela, Navarra e Leão, com Portugal ocupando a costa atlântica.

### A Reconquista

A *Reconquista* estava em andamento desde que os mouros invadiram a Espanha mais de 300 anos antes da Primeira Cruzada. Embora definitivamente tivesse motivos religiosos e étnicos, a *Reconquista* não foi declarada uma Cruzada pelo papa. As forças envolvidas eram principalmente locais, embora cavaleiros Templários e Hospitalários tenham participado de algumas batalhas.

Na época da Primeira Cruzada no final do século 11, os cristãos Espanhóis conseguiram com que os mouros recuassem para cerca de metade de seus ganhos iniciais, mas ainda havia muito a ser feito. A necessidade de libertar sua pátria do domínio muçulmano significava que havia relativamente poucos cruzados Espanhóis na Terra Santa.

## ITÁLIA

Como a Espanha e o Sacro Império Romano, a Itália era uma série de pequenos estados, em vez de uma nação unificada. A Sicília e o sul da Itália eram campos de batalha para interesses concorrentes normandos, muçulmanos e bizantinos. Os Estados Papais controlavam a Itália central, mas eram fracos militarmente. O norte da Itália era dominado por cidades-estados como Pisa, Gênova e Veneza, que muitas vezes eram governadas por oligarquias de poderosos comerciantes ou famílias de banqueiros. Isoladas e cercadas por montanhas e um sistema rodoviário precário, essas cidades-estado concentravam-se no comércio marítimo do Mediterrâneo.

As cidades-estado ofereciam algum apoio naval aos cruzados, mas estavam focadas principalmente no lucrativo negócio de estabelecer concessões comerciais no *Outremer* (francês para Ultramar, a forma como eram chamadas as terras dos cruzados) e transportar peregrinos e cruzados pelo Mediterrâneo. À medida que a era das Cruzadas avançava, eles também forneciam mercenários aos reinos latinos e às ordens militares.

No século 13, um conflito entre o papado e os imperadores do Sacro Império Romano envolveu a Itália. Algumas campanhas papais foram declaradas Cruzadas, mas a atenção foi desviada da Terra Santa.

## OS REINOS NORMANDOS

O *GURPS Middle Ages 1* cobre a conquista normanda da Inglaterra, mas os normandos também eram ativos no Mediterrâneo. Começando como mercenários a serviço das facções lombardas e bizantinas no sul da Itália, eles estabeleceram o Reino da Sicília em 1130 após mais de um século de expansão. No processo, eles conquistaram o emirado muçulmano da Sicília e expulsaram os bizantinos do sul da Itália.

Embora os normandos tenham participado das Cruzadas, eles estavam frequentemente ocupados em disputas territoriais com o papa, revoltas baroniais e tensões com o Império Bizantino. Eles negociavam com Pisa, Gênova, Bizâncio, e até o Egito. O Reino da Sicília caiu para a dinastia Alemã Hohenstaufen em 1194.

*Eis, irmãos, agora é o tempo favorável, agora é o dia da salvação.*

*– São Bernardo de Claraval*

## OS REINOS LATINOS

Após o sucesso da Primeira Cruzada, havia quatro reinos Cruzados principais. O Reino de Jerusalém consistia no que hoje é Israel e na Palestina ocupada. O Principado de Antioquia e o Principado de Edessa ficavam na atual Turquia, fazendo fronteira com a Armênia cristã e o Império Bizantino. O Condado de Trípoli era uma faixa estreita ao longo da costa da atual Síria. Juntos, esses quatro estados formavam o Reino Latino de Jerusalém; para evitar confusão entre o grupo e o próprio Reino de Jerusalém, eles também eram conhecidos como Reinos Latinos.

Em teoria, os governantes de Antioquia, Edessa e Trípoli deviam lealdade ao rei de Jerusalém como seus vassalos feudais. Na prática, esses três estados cruzados eram bastante independentes, especialmente se um rei fraco ocupasse o trono de Jerusalém. Um rei forte poderia dobrar os outros estados à sua vontade e apresentar uma frente unificada às ameaças muçulmanas, mas com muita frequência, os governantes dos estados cruzados estavam divididos, até para conduzir suas próprias guerras e fazer alianças. Isso tornou vulnerável toda a presença cristã no *Outremer*.

## AS ORDENS MILITARES

Na época das Cruzadas, a natureza da guerra europeia estava mudando. Os exércitos feudais foram sendo substituídos por exércitos permanentes profissionais, e as ordens militares desempenharam um grande papel nesse processo.

As duas ordens militares mais importantes envolvidas nas Cruzadas foram os Cavaleiros Templários e os Cavaleiros Hospitalários. Os Cavaleiros Teutônicos eram menos importantes no Mediterrâneo, mas assumiram o papel de liderança nas Cruzadas do Norte (pág. 17) que erradicaram o paganismo ao redor do Báltico.

No final das Cruzadas, todas essas três ordens haviam crescido de pequenos grupos de monges guerreiros para organizações ricas e poderosas cujos exércitos permanentes rivalizavam com os de algumas nações europeias. Frequentemente, elas eram a primeira linha de defesa dos reinos cruzados. Apesar de seu pequeno número, elas formavam a espinha dorsal de muitos exércitos cruzados e eram consultadas em quase todas as decisões militares.

Expulsos da Terra Santa após a queda de Acre em 1291, os Templários e Hospitalários construíram seu poder naval e continuaram invadindo fortalezas muçulmanas enquanto faziam lobby na Europa para uma nova Cruzada. Infelizmente, muitas pessoas os culpavam pela queda dos Reinos Latinos. As ordens caíram em desgraça nas cortes europeias, enquanto reis e nobres começaram a lançar olhares gananciosos para seus castelos e tesouros.

## Os Cavaleiros Templários

Os Templários foram as primeiras das grandes ordens militares a serem criadas e, de muitas maneiras, serviram de modelo para as outras.

Em 1118, o cavaleiro francês Hugh de Payens e outros oito abordaram o rei Balduíno II de Jerusalém, que lhes permitiu estabelecer seu quartel-general no lado sudeste do Monte do Templo. Tomando o nome do Templo de Salomão que existia nos tempos bíblicos, eles se tornaram os Pobres Cavaleiros do Templo de Salomão e se dedicaram à proteção dos peregrinos cristãos nas Terras Santas.

Em 1129, a Ordem recebeu a sanção papal no Concílio de Troyes, e ficou sob o patrocínio do líder clérigo Bernardo de Claraval, que era sobrinho de um dos nove cavaleiros originais.

Os Templários seguiam uma regra monástica de pobreza, castidade e obediência, que combinavam com vigor marcial e devoção à libertação das Terras Santas dos muçulmanos. Seus esforços de recrutamento na Europa trouxeram doações de dinheiro e terras, bem como novos seguidores. Eles ganharam uma reputação de ferocidade no campo de batalha, raramente se rendendo e se recusando a pagar resgates por qualquer um deles que fosse capturado. Os muçulmanos passaram a odiá-los e temê-los, e rotineiramente executavam prisioneiros templários.

Com sua riqueza e alcance internacional, os Templários também se tornaram banqueiros. O dinheiro poderia ser depositado em qualquer preceptoria Templária em troca de uma carta de crédito que poderia ser trocada por dinheiro em qualquer outra preceptoria Templária. Os negócios cresceram e logo os reis os procuravam para obter empréstimos ou alugar suas crescentes frotas para o transporte de peregrinos e cruzados. No auge de seu poder em 1139, uma bula papal foi emitida fazendo com que a Ordem respondesse apenas ao papa.

Os Templários possuíam terras na França, Inglaterra, Escócia, Espanha e Portugal. Sua sede europeia era em Paris. Ao contrário dos Hospitalários, eles mantiveram poucos castelos nas Terras Santas, mas por um tempo eles possuíam todo o Chipre.

Em 1307, o rei Filipe IV da França apresentou acusações de heresia contra os Templários ao Papa Clemente V, seu amigo de infância e sua criação como papa em Avinhão. Clemente autorizou a prisão dos líderes Templários e a apreensão de todos os seus bens. Ataques coordenados ocorreram em toda a França e em outros países em 13 de outubro daquele ano. Com base em confissões dadas sob tortura, os líderes templários foram executados e a Ordem foi dissolvida.

Desde aquela época, tem havido teorias da conspiração sobre a sobrevivência dos Templários e um tesouro perdido dos Templários. Estes receberam um novo ímpeto em 1982 com a publicação de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada* de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln (veja a bibliografia nas págs. 43–44), mas a Ordem permanece perdida na história.

## Os Cavaleiros Hospitalários

A Ordem do Hospital de São João de Jerusalém foi formada por volta de 1070 para fornecer hospedagem, cuidados e tratamento médico aos peregrinos cristãos que visitavam os locais sagrados de Jerusalém. Em 1113, os privilégios papais liberaram a ordem do pagamento de dízimos e permitiram que os irmãos elegessem seu próprio grão-mestre. Depois de 1154, a Ordem respondia apenas ao papa.

Na década de 1130, os Hospitalários começaram a contratar sargentos para proteger os peregrinos e, em 1136, receberam o castelo de Beit Jibrin. No início da década de 1140, Raimundo II de Trípoli deu à Ordem uma série de castelos de fronteira, incluindo Krak des Chevaliers, que se tornaria uma das fortificações mais poderosas das Terras Santas.

Como os Templários, os Hospitalários também receberam terras, castelos e propriedades na Europa. Essas propriedades forneciam riqueza para continuar as guerras santas e serviam como campo de recrutamento e treinamento para novos Hospitalários. A Ordem desempenhou um papel na

*Reconquista* espanhola, protegendo importan-

tes rotas de peregrinação.

O papel militar da Ordem era frequentemente defensivo, protegendo os peregrinos e guarnecendo os castelos ao longo das fronteiras. O papa criticou sua participação nas invasões do Egito pelo rei Amalrico I de Jerusalém (1162–1168), mas pode-se argumentar que eles estavam apenas respondendo à escassez crítica de mão de obra nos reinos cristãos (veja págs. 26–27).

Na época em que Saladino capturou Jerusalém em 1187, os Hospitalários eram uma grande força militar. Eles participaram da desastrosa batalha de Hatim, onde os muçulmanos executaram todos os prisioneiros Hospitalários. O castelo de Belvoir caiu em janeiro de 1189, após um cerco de um ano e meio. À medida que sua fama crescia, os Hospitalários pareciam atrair a culpa por cada revés ou má decisão dos cristãos.

Ao contrário dos Templários, eles conseguiam desviar algumas críticas apontando para suas extensas obras de caridade. Eles não participaram de nenhuma cruzada europeia, mas se envolveram na política interna dos estados Cruzados. Eles apoiaram Gênova na guerra civil de Acre, de 1256–58, perdendo para os venezianos apoiados pelos Templários.



Os Hospitalários participaram das invasões do Egito durante a Quinta e a Sétima Cruzadas e sofreram pesadas perdas na batalha de La Forbie. Eles possuíam muitos castelos, mas muitas vezes eram forçados a contratar mercenários para guardá-los, com alguns cavaleiros Hospitalários no comando. A grande fortaleza de Krak de Chevaliers caiu em 1271. Margate, outro grande castelo Hospitalário, foi capturado em 1285. Após a queda de Acre, os Hospitalários mudaram-se para Chipre, e de lá para a ilha de Rodas.

No início do século XIV, os Hospitalários receberam a maioria das propriedades dos templários arruinados (veja pág. 6). Embora o zelo das cruzadas tenha diminuído no século 14, os Hospitalários ajudaram a defender a Armênia cristã e conquistaram e mantiveram várias cidades ao longo da costa da Anatólia por longos períodos. Após ser derrotada em Rodas em 1522, a Ordem mudou-se para Malta, onde permaneceu como uma pedra no sapato do Império Otomano durante séculos.



## Os Cavaleiros Teutônicos

Após a perda de Jerusalém em 1187, alguns comerciantes de Lübeck e Bremen fundaram um hospital de campanha durante o cerco de Acre em 1190. O Papa Celestino III reconheceu a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos de Santa Maria de Jerusalém em 1192, concedendo a Regra de Santo Agostinho aos monges. Com base no modelo dos Cavaleiros Templários, os Cavaleiros Teutônicos se tornaram uma ordem militar em 1198, com ordens papais para tomar e manter Jerusalém para o cristianismo latino e defender a Terra Santa contra os muçulmanos.

Com sede em Acre, a Ordem recebia os pedágios dos portos da cidade e recebia doações de terras no Sacro Império Romano, Grécia e Palestina. Durante a coroação de Frederico II como Rei de Jerusalém em 1225, os Cavaleiros Teutônicos serviram como sua escolta na Igreja do Santo Sepulcro.

Apesar de terem participado de várias batalhas, os Cavaleiros Teutônicos nunca foram tão influentes no *Outremer* quanto os Templários e Hospitalários. A Ordem mudou-se para a Transilvânia — então sob domínio Húngaro — em 1211, mas em 1224 o rei da Hungria ficou apreensivo com seu poder crescente e os expulsou. No ano seguinte, eles responderam a um apelo do rei da Polônia e assumiram um papel importante nas cruzadas contra os Mongóis no Báltico (pág. 22).

# Os GREGOS

Assim como os bizantinos e os muçulmanos consideravam todos os europeus ocidentais como “Franco” indiferenciados, os ocidentais não viam nenhuma diferença entre os vários povos do Império Bizantino e os chamavam a todos de Gregos. Eles se viam como romanos, mas eram uma mistura de grupos étnicos: Búlgaros e Gregos da Europa, cristãos armênios da Ásia Menor e Turcos e árabes étnicos que haviam abraçado o cristianismo ortodoxo.

O povo de Bizâncio era muito consciente de suas tradições, riqueza e posição no mundo. Eles se viam como os únicos herdeiros da cultura romana; para eles, Constantinopla era o último posto avançado da verdadeira civilização e os Francos eram pouco mais que bárbaros.

O Império Bizantino esteve em retirada gradual por séculos. Apesar de sua fraca força militar, o império era fantasticamente rico em comparação com os países ocidentais, e sua capital, Constantinopla, era maior do que qualquer cidade do mundo ocidental. Séculos de guerras de fronteira esgotaram sua força de trabalho, mas sua riqueza permitiu o uso crescente de mercenários, incluindo muitos da Europa Ocidental. Esses “Franco” eram considerados lutadores ferozes, bárbaros e às vezes pouco confiáveis, mas úteis na batalha.

Quando os Turcos, em plena expansão territorial e cultural, conquistaram a Ásia Menor, Bizâncio enfrentou uma grave crise. O imperador Aleixo I apelou para seus vizinhos na Europa, esperando por mais mercenários. A resposta ao seu apelo não veio da forma que ele esperava; em vez disso, enormes exércitos cruzados apareceram, esperando ser abastecidos em seu caminho para a Terra Santa.

## Ortodoxia Oriental

Antes do cisma, a Igreja Cristã estava dividida em uma *pentarquia* de cinco regiões, com sede em Roma, Constantinopla, Antioquia, Alexandria e Jerusalém. Destes, apenas Roma estava no Império Romano do Ocidente e, com a queda do Império do Ocidente, e a chamada Idade das Trevas, a Igreja de Roma se desenvolveu separadamente da do Oriente.

O *GURPS Russia* inclui um capítulo sobre a Igreja Ortodoxa. Embora existam algumas diferenças entre a Ortodoxia Russa e a Ortodoxia Grega praticadas na época das Cruzadas, esta informação é suficiente para um MJ criar uma distinção razoavelmente precisa entre Catolicismo e Ortodoxia.

# Os MUÇULMANOS

O mundo muçulmano estendeu-se da Índia à Espanha e, conseqüentemente, era composto por uma grande variedade de grupos étnicos: árabes, persas, mouros e outros. O Islã era uma religião dinâmica; os convertidos podiam ser judeus ou cristãos conquistados, ou mesmo invasores como os Turcos.

## XIITAS E SUNITAS

Maomé, o fundador do Islã, morreu em 632. Seu devoto seguidor, Abacar, foi escolhido como seu sucessor, tornando-se o primeiro califa do mundo muçulmano. Outros seguidores favoreceram

o primo e genro de Maomé, Ali, e formaram o “partido de Ali”, conhecido como *Shi'atu* ou simplesmente *Shia*. Os seguidores de Abacar eram conhecidos como *Sunitas*. Ali se tornou califa em 656, mas foi assassinado cinco anos depois, e a dinastia Sunita Omíada foi estabelecida.

Os Xiitas continuaram a ver os descendentes de Ali como os verdadeiros líderes do Islã, criando um cisma na fé islâmica que foi comparado ao cisma entre cristãos Ortodoxos e Católicos. A rivalidade entre Sunitas e Xiitas continua até hoje no Iraque e em outros lugares.

## Os Assassinos

Uma seita dissidente radical do ramo Ismaelita da fé muçulmana, os Assassinos na Palestina operavam a partir de castelos nas montanhas no centro da Síria e eram independentes dos grupos Assassinos originais no norte da Pérsia.

Dizem que seu nome deriva do suposto uso de haxixe, mas teorias mais convincentes o derivam da palavra *hashashin* (um termo depreciativo aplicado a eles por outros muçulmanos) ou do nome de seu mestre persa Hassan-i Sabbah.

Grande parte da lenda dos Assassinos, como é conhecida no Ocidente, vem dos escritos de Marco Polo, que afirmou ter visitado sua fortaleza em Alamute, Turquia, em 1273. No entanto, a fortaleza foi destruída pelos mongóis em 1256, e muitos consideram seu relato fictício.

Os Assassinos eram famosos por assassinar seus rivais políticos, incluindo líderes Sunitas, comandantes cristãos agressivos e outros que eles consideravam heréticos de seu tipo de Islã. Seu nome entrou nas línguas europeias como sinônimo de “homicida”; no inglês, essa definição foi reduzida para denotar um homicida com motivações políticas.

Suas lealdades mudavam constantemente. Às vezes, eles eram aliados de senhores cristãos e até prestavam homenagem a eles. Em outras ocasiões, eles assassinaram nobres cristãos e líderes religiosos, às vezes a mando de governantes muçulmanos.

Dizia-se que a preferência dos Assassinos pelo uso da adaga e sua estratégia de assassinato em público tinham como objetivo criar e espalhar o terror; sua suposta disposição de se envolver em missões suicidas servia ao mesmo propósito. Certamente, esses são os aspectos mais conhecidos e difundidos de sua lenda. As histórias de suas proezas — como a que deixaram uma adaga no travesseiro de Saladino enquanto ele dormia, como um aviso para que não mexesse com eles — provavelmente eram exageradas, mas se tornaram um fator importante na vida quotidiana dos Cruzados por muitos anos, tanto como uma força adversária real quanto como uma lenda assustadora. Ainda mais informações sobre a seita dos Assassinos podem ser encontradas no **GURPS Noites da Arábia**.

Os Xiitas se viam como o partido reformista do Islã e condenavam o que viam como o interesse indecoroso dos Sunitas por economia e política. Em meados do século VIII, os Xiitas derrubaram os governantes Omíadas e estabeleceram a dinastia Abássida. No entanto, os Abássidas renunciaram à fé Xiita. Os Xiitas então se concentraram nas cidades sagradas de Meca e Medina, longe dos principais centros políticos.

### Os Ismaelitas

Durante este tempo, a fé Xiita gerou muitas seitas. A mais importante delas foram os Ismaelitas, que acreditavam que o Islã dominante — incluindo os Xiitas tradicionais — havia se desviado do “verdadeiro caminho”. Por muitos anos, os Ismaelitas foram um movimento secreto, espalhando-se lentamente por todo o Islã e tornando-se especialmente forte no norte da África e no sul da Arábia. Uma de suas ramificações mais famosas foi a terrível seita dos Assassinos (veja quadro acima).

*As relações entre os Ismaelitas e os Cruzados também eram em geral pacíficas, embora houvesse alguns conflitos ocasionais.*

– Peter Willey, *Eagle's Nest*

Aproveitando a fraqueza da dinastia Abássida, um ativo movimento Ismaelita surgiu em 909 e fundou a dinastia Fatímida. Os Fatímidas tomaram o poder pela primeira vez na Sicília e conquistaram o Egito em 969, tomando a Palestina logo depois. No auge de seu poder, a dinastia Fatímida incluía o norte da África, a Sicília, o Egito, a Palestina, a costa do Mar Vermelho e a maior parte da Península Arábica.

Assim como parecia que os Fatímidas Ismaelitas triunfariam sobre os Abássidas Sunitas, a conversão das tribos turcas invaso-

ras estimulou o poder Sunita. Os Turcos viam os Xiitas em geral, e os Fatímidas Ismaelitas em particular, como seus inimigos mortais. Seus ataques à Palestina Fatímida ocorreram em um momento em que os Ismaelitas estavam enfraquecidos por seus próprios cismas religiosos. Na época das Cruzadas, o poder Fatímida havia entrado em rápido declínio. Golpes militares abalaram a dinastia Fatímida enquanto os ataques turcos continuavam. Os últimos califas Fatímidas foram figuras decorativas para uma sucessão de ditadores militares egípcios. Sua dinastia foi finalmente encerrada pela conquista do Egito por Saladino em 1169–1171.

A seita Ismaelita nunca recuperou seu poder, embora pequenos remanescentes sobrevivam até hoje.

## Os Turcos

Os Turcos eram um povo nômade das estepes da Ásia Central, que se converteram ao Islã quando conquistaram a Pérsia no início do século XI. Eles não eram um único povo, mas eram formados por muitas tribos e clãs.

### Os Seljúcidas

Os Turcos Seljúcidas dominaram grande parte do Oriente Médio na época da Primeira Cruzada. A expansão Seljúcida após a conquista de Bagdá em 1055 os colocou em conflito com o Império Bizantino, que falhou em impedi-los de se expandir para a Anatólia. Após a morte de Malique Xá em 1092, o Grande Império Seljúcida incluiu grande parte da atual Turquia, Síria, Palestina, Irã, Iraque e Ásia central até o Indocuche, bem como as margens do sul do Golfo Pérsico.

Os Seljúcidas derrotaram os Fatímidas Xiitas na Síria e na Palestina e conquistaram Jerusalém junto com o resto de seu império. Seu governo pôs fim ao livre acesso que os peregrinos cristãos desfrutavam sob os Fatímidas, gerando ressentimento contra o Islã.

Na década de 1080, porém, a guerra de clãs irrompeu em grande parte da Síria, Palestina e Anatólia. Por volta de 1200, os Seljúcidas haviam perdido seus territórios orientais para a dinastia Corásmia da Pérsia, e o Levante era controlado pelos Egípcios Aiúbidas.

## Os Zênquidas

Fundada por Zengui (pág. 38) em 1127, essa dinastia Turca governou a Síria e o norte do Iraque para o Império Seljúcida, mantendo alguns desses territórios até meados do século XIII.

## Os Sarracenos

Os Cruzados e alguns historiadores tinham o hábito de se referir a todos os muçulmanos na Terra Santa como “Sarracenos”. Uma das referências mais antigas está no livro *Geografia* de Ptolomeu no século II EC; ele se refere a um povo *Sarakenoi* que vive no noroeste da península Arábica, que é distinto dos Árabes.

O clérigo Espanhol do século XIII Raimundo de Penaforte, definindo “Sarraceno” em sua *Summa de Poenitentia*, começa descrevendo os muçulmanos, mas termina incluindo todas as pessoas que não são cristãs nem judias.

Dependendo da época e do lugar, os muçulmanos na Terra Santa podem ser Turcos, Árabes, Persas e de várias outras origens étnicas. “Sarraceno” pode ser uma generalização boa o suficiente para os cruzados usarem, mas fica muito aquém para outros propósitos. Ao longo deste livro, nomes mais precisos são usados para se referir a grupos muçulmanos específicos.

## EGITO

Alguns grupos diferentes dominaram o Egito entre os anos 900 e 1500.

### Os Fatímidas

Os Fatímidas eram uma dinastia Xiita que governou o Egito e partes do norte da África entre 909 e 1171. No auge, seu império se estendia do Iêmen à Síria.

Menos agressivos que os Seljúcidas, os Fatímidas eram conhecidos por sua tolerância religiosa (nomeando muçulmanos Sunitas e até mesmo cristãos e judeus para cargos oficiais) e patrocínio das artes.

Na época da Primeira Cruzada, os Fatímidas haviam perdido a Síria e a maior parte da Palestina para os Seljúcidas, mas mantiveram o controle do Egito.

### Os Aiúbidas

Os Aiúbidas eram uma dinastia muçulmana Sunita de origem Curda que governou a Síria, Palestina, Egito e partes do norte da África e da Arábia de 1171 a 1341. A dinastia foi fundada por Saladino (pág. 36) depois que ele dissolveu o Califado Fatímida no Egito.

Depois que Jerusalém foi cedida aos cruzados em 1228, os *emires* da Síria tentaram afirmar sua independência do Egito, dividindo o império até cerca de 1247. A partir de 1260, seus territórios foram devastados pelos Mongóis e o império começou a se desintegrar.

### Os Mamelucos

Os Mamelucos eram soldados que se converteram ao Islã e eram tecnicamente escravos. Muitos eram de origem Turca. Eles estiveram presentes no Egito desde o século IX, mas se espalharam pelos impérios Fatímida e Aiúbida.

O Mameluco Baibars tomou o poder em 1250 e atacou tanto os Mongóis quanto os Cruzados. Os Mamelucos finalmente expulsaram os Cruzados das Terras Santas e continuaram a governar lá até que seu Sultanato foi conquistado pelo Império Otomano em 1517.

## Os PIRATAS BERBERES

Piratas muçulmanos operavam a partir de bases no sul da França e no norte da Itália desde o século IX. Invasores muçulmanos saquearam Roma em 846, danificando o Vaticano. Em 911, o bispo de Narbona não conseguiu cruzar os Alpes para a França porque os muçulmanos controlavam todas as passagens.

Com o declínio do Império Bizantino e a contínua pressão turca sobre Constantinopla, os corsários muçulmanos se mudaram para bases em Chipre, Creta, Sicília e nas Ilhas Baleares, na costa sul da Espanha. Suas bases ao longo da costa Berbere, no norte da África, deram a eles o nome de “Piratas Berberes”, e não foi até o século 19 que eles foram finalmente subjugados. (os versos “para as margens de Trípoli” no Hino dos Fuzileiros Navais Americanos referem-se à participação do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA nas Guerras Berberes de 1801–1815.)

Embora os corsários não fossem a potência que se tornariam mais tarde, eles tinham livre curso no Mediterrâneo e provavelmente atacariam qualquer alvo menor do que uma frota naval completa. Suas galeras a remo podiam ultrapassar e manobrar os navios à vela Francos, a menos que os ventos fossem ideais. Os cativos tripulavam as galés ou eram vendidos nos mercados de escravos do mundo muçulmano.

Os corsários não participaram ativamente das Cruzadas, mas foram uma ameaça constante para a navegação em todo o Mediterrâneo.



# CAPÍTULO DOIS

# A HISTÓRIA DAS CRUZADAS

Em 1095, o mundo mediterrâneo estava em um estado de fluxo. O imperador Bizantino Aleixo I Comneno estava desesperado por ajuda contra os Turcos Seljúcidas em expansão. O mundo islâmico foi dilacerado por facções religiosas. A Europa era expansiva e agressiva, e facilmente inspirada pelo papa Urbano II a fazer uma cruzada para libertar os santuários sagrados do cristianismo dos infiéis. Os séculos que se seguiram mudariam a Europa e o Oriente Médio para sempre.

## *Fidelidade Histórica*

Muitos eventos na história das Cruzadas são pintados com relatos imprecisos, documentação pobre ou total preconceito. Os relatos deste livro não concordarão com todas as fontes históricas disponíveis sobre as Cruzadas — mas, muitas vezes, elas se contradizem.

## PRELÚDIO

O capítulo 1 resumiu o mundo na época das Cruzadas: o Império Romano no ocidente havia sucumbido para os Francos e

*Senhores, estou indo  
para o além-mar e não sei  
se voltarei...*

*— João de Joinville*

outros invasores Germânicos, mas o cristianismo prevaleceu e Roma era o centro da Igreja Católica. No oriente, o Império Bizantino sucedeu a Roma. Constantinopla era o centro do cristianismo ortodoxo e se via como o último posto avançado da civilização Romana.

No entanto, Constantinopla estava sob pressão da expansão dos Turcos Seljúcidas, que haviam tomado a Anatólia e consolidado o domínio muçulmano da Terra Santa. Bizâncio empregou mercenários do Ocidente durante séculos, apesar do cisma entre as Igrejas Católica e Ortodoxa, e quando o imperador Aleixo I apelou ao Ocidente por ajuda, ele esperava que os mercenários respondessem ao chamado. Em vez disso, ele recebeu Cruzados enviados por uma Igreja Católica que esperava tomar o oriente da Ortodoxia.

## A PRIMEIRA CRUZADA

O Papa Urbano II viu uma grande oportunidade em responder ao apelo de Aleixo por ajuda. Ele estava em contato com Constantinopla desde que assumiu o papado em 1089 e estava bem ciente da situação no Oriente. Um movimento de guerreiros cristãos liderados pelo papado não apenas salvaria vidas cristãs e libertaria a Terra Santa da dominação muçulmana. Também pode levar à reunificação das duas igrejas sob o papado.

Urbano apresentou o apelo Bizantino por ajuda no concílio de Piacenza em março de 1095. Naquele mês de agosto, ele consultou o bispo Ademar em Le Puy, antes de convocar os bispos franceses para um concílio em Clermont em novembro. Lá, diante de uma grande reunião de nobres e eclesiásticos, ele convocou uma Santa

Cruzada para preservar o Cristianismo no Oriente e libertar Jerusalém dos infiéis.

Urbano detalhou as atrocidades muçulmanas contra os cristãos e insinuou as oportunidades de conquistar e governar as terras orientais. Ele ofereceu a remissão de todos os pecados para aqueles que assumissem a Cruzada e proteção eclesiástica de terras e propriedades. Era um pacote muito atraente, com vantagens materiais e espirituais. Os Cruzados não apenas esperavam conquistar novas terras no Oriente, mas a Igreja garantiu que outros nobres cristãos não usurpariam as terras que deixassem para trás. Além disso; eles acumulariam riquezas no Céu retomando as Terras Santas para o cristianismo, e seus pecados passados seriam todos perdoados.

# AS TERRAS SANTAS



Na hora, um humilde bispo Ademar se apresentou e implorou para liderar a Cruzada a Jerusalém em nome de Urbano. Urbano o abençoou e entregou-lhe uma grande cruz.

Nos nove meses seguintes, Urbano viajou pela França promovendo sua Cruzada, que começaria em agosto de 1096. O espírito da cruzada se espalhou tão rapidamente que as coisas começaram a sair do controle de Urbano. Em vez de um exército coeso marchando sob a bandeira da Igreja Católica, a Primeira Cruzada explodiu em ondas de exércitos separados. Algumas foram lideradas ou sancionadas pela Igreja, mas outras foram mais espontâneas.

## OS CINCO EXÉRCITOS

A Primeira Cruzada foi organizada em cinco grandes exércitos, cada um liderado por um nobre proeminente. O líder oficial, o bispo Ademar, viajou com o exército de Raimundo IV, conde de Toulouse. Os outros exércitos eram comandados por Godofredo de Bouillon; Hugo, Conde de Vermandois; Robert, Duque da Normandia; e Boemundo, Príncipe de Taranto. Partindo em agosto de 1096, eles viajaram por várias rotas e chegaram aos poucos a Constantinopla.

À medida que cada exército chegava, o imperador Aleixo enganou ou coagiu seus líderes a fazer um juramento de fidelidade a ele pessoalmente e exigiu promessas de devolver todas as terras e posses bizantinas liberadas ao império. Ele então enviou os cruzados através do Bósforo antes que eles pudessem causar problemas para seu povo.

Em junho de 1097, o enorme exército cruzado se reuniu na Anatólia e partiu para Niceia, a cidade muçulmana mais próxima. Após um cerco de dois meses, Niceia se rendeu a Aleixo, que apareceu no campo de batalha no último momento. Os Francos resmungaram, mas foram lembrados de seus juramentos.

Os cruzados rumaram para o sul em direção à Palestina. Furioso com a perda de sua capital Niceia, Kilij Arslan, o sultão de Rum, reuniu um enorme exército e atacou em Dorileia em 1º de julho. Os cruzados mataram dezenas de milhares de Turcos em uma batalha de um dia, esmagando o principal exército Turco na Anatólia ocidental.

Os vitoriosos Francos marcharam para o sul por três meses. A Anatólia é seca e desolada na melhor das hipóteses, mas em meio a uma seca, com os Turcos destruindo plantações e envenenando poços ao longo do caminho, a jornada se tornou um pesadelo. O imperador Bizantino não forneceu suprimentos e mais de 50.000 cruzados morreram de fome, sede e doenças ao longo da rota. Os nobres foram forçados a comer seus falcões e cães de caça, seguidos logo por seus cavalos; em setembro, a maior parte do exército estava a pé. Os restos do outrora grande exército chegaram à Armênia cristã no final de setembro.

Enquanto o exército principal descansava, dois nobres, Balduíno (irmão de Godofredo de Bouillon) e Tancredo (sobrinho de Boemundo), saíram para o leste com seus cavaleiros vassalos e construíram seus próprios enclaves. Balduíno tomou Tarso e declarou-se Príncipe de Edessa em março de 1098, recusando-se a ir mais longe. Tancredo capturou Adana e Mamistra, deixando também da Cruzada.

## ANTIOQUIA

Após descansar por um mês, o bispo Ademar instou os cruzados restantes para o sul, rumo a Jerusalém. Eles logo chegaram a Antioquia, a cidade mais fortemente protegida da Palestina. Os cruzados sitiaram a cidade, mas não tinham suprimentos para um longo cerco. Com a chegada do inverno, milhares de Francos adoeceram de frio, chuva e comida podre. Após três meses, Estêvão de Blois recuou para o norte com seus cavaleiros, criando um beco sem saída, uma vez que os defensores de Antioquia esperavam um exército Turco do leste e os Francos aguardavam reforços Bizantinos do oeste.

Em fevereiro, os Francos sitiados foram atacados por um exército Turco recém-chegado em coordenação com uma incursão da guarnição da cidade. Os Turcos foram repelidos com pesadas perdas, e o enfraquecido exército dos cruzados continuou o cerco. Enquanto isso, Estêvão de Blois encontrou o imperador Aleixo e seu exército marchando para o sul para ajudar os Francos, mas disse a Aleixo que os cruzados haviam perdido e sido dispersos. Convenido por esta informação falsa Aleixo voltou para Constantinopla.

## A Cruzada Popular

Na esteira do apelo de Urbano, uma figura obscura conhecida como Pedro, o Eremita (ou Pedro de Amiens), começou a pregar uma Cruzada entre as pessoas comuns.

Pouco se sabe sobre Pedro; alguns dizem que ele era um monge, outros que ele era um eremita meio louco. Ele era baixo, despenteado e pouco atraente, mas extremamente carismático. Pedro afirmou que Deus o havia ordenado a liderar os pobres na Cruzada, e que somente eles compartilhavam o verdadeiro valores cristãos de pobreza e fé. Ele rejeitou o luxo de muitos clérigos e não pediu aos camponeses que pagassem dízimos ou comprassem bênçãos e indulgências.

As pessoas comuns se aglomeravam em torno dele. Os nobres ressentiam-se de perder seus servos, mas falar algo contra uma Cruzada era impensável; A popularidade de Pedro era uma proteção poderosa.

Muitos homens livres e sacerdotes também se juntaram a Pedro, assim como um número significativo de cavaleiros. Um grupo de mais de 20.000 partiu para Constantinopla na primavera de 1096. Na Hungria, um grande grupo de cavaleiros e camponeses em busca de comida marchando à frente da força principal entrou em conflito com os habitantes locais.

Em Belgrado, o saque levou a uma batalha, e a cidade foi saqueada antes que as tropas imperiais matassem mais de um quarto dos camponeses cruzados.

A Cruzada Popular chegou a Constantinopla em agosto. O imperador Aleixo cumprimentou Pedro com cortesia, embora este não fosse o exército disciplinado que ele esperava. Quando os camponeses começaram a pilhar suas terras, ele rapidamente transportou Pedro e seus seguidores através do Bósforo.

As forças de Pedro avançaram para Niceia, onde os Turcos estavam cercados, e capturaram muitos deles. Outros foram massacrados em emboscadas. Dezenas de milhares de cavaleiros e plebeus morreram na imprudente Cruzada de Pedro. O próprio Pedro escapou e chegou a Jerusalém por uma rota tortuosa.

A pregação de Pedro inspirou outros movimentos camponeses espontâneos. Na Alemanha, multidões inspiradas nas Cruzadas roubaram e assassinaram milhares de judeus; não menos infiéis do que os muçulmanos, eles estavam muito mais próximos. Irritados com a pilhagem do exército de Pedro, os nobres húngaros atacaram outros grupos de camponeses cruzados, matando a maioria deles.

Desesperados para romper o impasse, os Francos subornaram um comandante das defesas da cidade para que abrisse os portões. Em 3 de julho, os cruzados invadiram e qualquer um que pudesse ser identificado como muçulmano foi passado à espada.

A vitória durou pouco. Em poucos dias, outro grande exército comandado por Querboga, o Atabegue de Mossul, sitiou os cruzados na cidade recém-conquistada. Os Francos estavam exaustos do cerco e não tiveram tempo de reabastecer a cidade com suprimentos. Esperando a ajuda de Bizâncio, mas sem saber nada sobre a traição de Estêvão, eles culpavam Aleixo. O moral despencou e os líderes da Cruzada precisavam de um milagre.

Como se fosse um sinal, um místico chamado Pedro Bartolomeu se apresentou. Pedro alegou ter sido visitado por Santo André, que lhe deu uma visão da Lança de Longinus — a lança sagrada que perfurou o tórax de Cristo na cruz no Evangelho de São João. Uma lança de ferro enferrujada foi encontrada enterrada sob a catedral de Antioquia, convencendo os cruzados de que Deus ainda estava do lado deles. Com o moral alto, os líderes dos cruzados planejaram uma batalha decisiva.

O exército cruzado saiu da cidade em 28 de junho e derrotou os Turcos sitiante em uma batalha de um dia. A cidade mais poderosa da Palestina estava agora nas mãos dos cruzados, e não havia mais exércitos Turcos de qualquer tamanho para se opor a eles.

A vitória dos cruzados logo foi prejudicada. Uma epidemia, possivelmente de febre tifoide, irrompeu na cidade. O bispo Ademar estava entre os que morreram e, sem líder, os cruzados começaram a brigar entre si. Raimundo insistiu que Antioquia deveria ser entregue a Aleixo enquanto a Cruzada continuava em Jerusalém, mas Boemundo reivindicou Antioquia para si. Outros discutiram sobre a liderança dos exércitos cruzados. A lei e a ordem começaram a entrar em colapso e a escassez de alimentos aumentou.

Enojado, Raimundo e seus seguidores partiram para Jerusalém em janeiro de 1099. A maioria dos outros líderes teve vergonha de segui-lo, mas Boemundo ficou, nomeando-se Príncipe de Antioquia.

## JERUSALÉM

Marchando para o sul nas terras Fatímidas, o exército cruzado foi abastecido por navios cristãos ao longo da costa. As cidades Fatímidas na Palestina não eram fortemente guarnecidas e subornava os Francos com suprimentos, tributos e salvo-conduto. Tiro, Sidom e Acre foram ocupadas sem incidentes. Em Arçufe, os cruzados marcharam para o interior. Ao saber de sua chegada, o povo majoritariamente cristão de Belém apelou por socorro. Os cruzados alegremente desviaram o caminho para libertar o local de nascimento de Cristo, atrasando sua chegada a Jerusalém até o início de junho de 1099.

Pela maioria das estimativas, o exército dos cruzados agora estava reduzido a menos de 20.000 cavaleiros e homens de armas. Sem tropas para cercar e sitiar a cidade, os Francos montaram um ataque apressado, mas foram repelidos pela guarnição Fatímida. Os desapontados cruzados vasculharam a região circundante em busca de material para construir torres de cerco, com seu moral cada vez menor parcialmente sustentado por palavras de visões encorajadoras descritas por seus líderes religiosos.

Em meados de julho, várias grandes torres de cerco estavam prontas e vários ataques foram lançados. Os homens de Godofredo de Bouillon foram os primeiros a cruzar as muralhas de Jerusalém, e a batalha se espalhou pelas ruas enquanto outros cruzados o seguiam. No final de 15 de julho, a resistência cessou — mas o derramamento de sangue não. Enlouquecidos pela batalha e por três anos de sofrimento na estrada para Jerusalém, os Francos massacraram homens, mulheres e crianças em um dos piores massacres das Cruzadas. Algumas estimativas colocam o número de mortos em dezenas de milhares.

## Os REINOS LATINOS

Apesar do custo em vidas, a Primeira Cruzada foi um sucesso. Com a queda de Jerusalém, muitos cruzados consideraram seus votos cumpridos e estavam ansiosos para voltar para suas casas.

No entanto, a conquista de Jerusalém criou novos problemas. Outras cidades e fortalezas precisavam ser subjugadas para garantir o domínio dos cruzados na cidade sagrada, e a defesa das terras recém-conquistadas precisava ser organizada.

Enquanto os cruzados originais consolidavam suas conquistas, uma terceira onda de cruzados partiu para a Terra Santa. Totalizando mais de 100.000, esses exércitos refizeram a rota terrestre dos cruzados originais, mas a maioria teve o mesmo destino. Dezenas de milhares foram perdidos devido aos implacáveis ataques Turcos e outros perigos da longa jornada pela Ásia Menor.

Quando os sobreviventes chegaram à Palestina, Guido de Lusinhão havia sido eleito rei de Jerusalém e dos países vizinhos. Boemundo ainda governava o Principado de Antioquia, o irmão mais novo de Guido, Balduíno, governava Edessa, Tancredo estava conquistando a vizinha Galileia e Raimundo de Toulouse estava conquistando o Condado de Trípoli ao longo da costa Síria. O imperador Aleixo lembrou aos novos príncipes Francos suas promessas de restaurar o território imperial, mas eles o ignoraram.

### *Deus o Quer!*

### *– Grito de guerra da Primeira Cruzada*

O massacre em Jerusalém havia aterrorizado muitos muçulmanos. Muitas cidades abriram voluntariamente seus portões para os novos senhores, dispostos a pagar impostos e restabelecer o comércio. Os Francos queriam estabelecer o tipo de sociedade feudal que conheciam da Europa, mas isso se mostrou difícil. Eles careciam de mão de obra suficiente para defender os novos reinos, e os recursos naturais da Palestina não podiam sustentar propriedades feudais. Os Francos finalmente perceberam que deveriam governar uma população mais urbana por meio do domínio das rotas comerciais. As alianças com os árabes locais tornaram-se cruciais, e alguns cavaleiros cristãos começaram a tomar esposas cristãs ortodoxas locais.

O Rei Guido morreu depois de apenas um ano e foi substituído por seu irmão Balduíno, que fez muito para estabilizar os reinos cruzados. Ele expandiu as fronteiras do Reino de Jerusalém e construiu castelos ao redor do Mar Morto, na Transjordânia. Ele repeliu um grande exército Egípcio em 1102, capturou ou negociou acordos com a maioria das cidades costeiras da Palestina e travou constantes batalhas na fronteira até sua morte em 1131.

Eventos semelhantes estavam ocorrendo nos outros reinos cruzados. As viagens de peregrinos da Europa aumentaram; mais Francos seguiram para a Palestina, alguns viajando sozinhos ou em pequenos grupos, outros em exércitos sob a liderança de nobres menores. Alguns aventureiros e caçadores de fortunas ficaram para jurar lealdade a um senhor local, enquanto outros vieram para lutar ou adorar em Jerusalém antes de retornar à Europa.

## Outremer

Este foi um período selvagem em *Outremer* (literalmente “além dos mares”), como as terras dos cruzados ficaram conhecidas. Ao longo do século XII, a situação militar era fluida. Os Francos estavam constantemente repelindo invasões, invadindo território muçulmano ou sitiando castelos. Cidades e castelos mudavam de mãos regularmente, e os cavaleiros capturados eram frequentemente resgatados, alguns várias vezes. Boemundo de Antioquia foi mantido em cativeiro por vários anos antes de ser resgatado, assim como Balduíno de Bourcq e Joscelino de Edessa. Não era incomum para a esposa de um cruzado capturado, ou um nobre nomeado por seu rei, governar suas propriedades em casa por muitos anos.

Em 1103, o Rei Balduíno e várias centenas de cavaleiros foram cercados por um exército Egípcio em rápido movimento ao sul da Palestina. Balduíno escapou com a ajuda de um xeque Árabe cuja esposa ele havia poupado durante seu ataque a uma caravana no ano anterior, mas todos os seus cavaleiros foram capturados ou mortos.

Balduíno de Bourcq e Joscelino foram resgatados em 1107. Após seu retorno, uma guerra civil estourou entre Balduíno e Tancredo, ambos lutando com aliados muçulmanos locais; essas alianças temporárias entre muçulmanos e cruzados eram comuns. O Rei Balduíno foi forçado a mediar entre os dois nobres cristãos. Em 1113, um exército cristão combinado repeliu uma grande invasão Sarracena com a ajuda de aliados muçulmanos, mas muitas vezes os vários reinos cristãos não coordenaram seus esforços defensivos.

O Rei Balduíno morreu em 1118 e foi sucedido por seu sobrinho Balduíno de Bourcq, que se autodenominava Rei Balduíno II. No ano seguinte, uma grande força Turca invadiu o Principado de Antioquia. Desconsiderando as ordens do Rei Balduíno II de esperar por reforços, Rogério de Antioquia atacou; ele foi morto e seu exército disperso. Balduíno conseguiu eventualmente repelir os Turcos, mas a perda do exército de Rogério foi um golpe sério. O próprio Rei Balduíno foi capturado enquanto caçava, mas logo foi resgatado.

## JIHAD

Quando ficou claro que os Francos haviam se acomodado para uma longa estadia, os muçulmanos começaram a falar em *jihad*. A ideia começou devagar, discutida nas Mesquitas e mencionada em alguns textos religiosos. No entanto, na década de 1120, o apoio à *jihad* estava se espalhando rapidamente.

## Zengui

Durante este período, Imad al-Din Zengui, o Atabegue de Mosul estava consolidando seu domínio sobre o Iraque. Ele percebeu que para expulsar os Francos do território muçulmano seria necessário unir os vários povos islâmicos sob um único líder. Ele se mudou para a Síria, capturando Alepo em 1128 e pregando a *jihad* para seus novos súditos. Ele rapidamente atraiu seguidores, mas então encontrou um obstáculo que se mostrou intransponível.

A chave para a Síria era Damasco, controlada pelos muçulmanos, mas dividida em facções Sunitas e Ismaelitas. Ismail, o emir tirânico de Damasco, ofereceu-se para entregar a cidade a Zengui em troca da proteção de seus próprios cidadãos, mas foi assassinado antes da chegada de Zengui. Zengui sitiou Damasco em 1135, mas foi repellido. Ele voltou em 1137, mas a cidade havia feito uma aliança defensiva com os senhores cristãos locais e ele foi repellido novamente.

Deslocando-se para o norte, Zengui invadiu Trípoli e capturou o conde Raimundo. Logo depois, ele cercou e sitiou o exército do Rei Fulque de Jerusalém. O Rei foi salvo pela chegada oportuna de um exército Bizantino liderado pelo imperador João Comneno, e essa presença bizantina restringiu as ações de Zengui por vários anos. Quando as tropas Gregas se retiraram, Zengui reivindicou seu maior triunfo. Em 1144, ele capturou a cidade de Edessa e expulsou os Francos da maior parte do principado circundante. Esse revés levou à Segunda Cruzada, e Zengui morreu menos de dois anos depois.

# A SEGUNDA CRUZADA

A queda de Edessa em 1144 para Zengui causou um choque nos Reinos Latinos e em suas pátrias europeias. O Papa Eugênio III acolheu a ideia de uma nova Cruzada, mas estava envolto em uma luta pelo poder com os Normandos na Itália e não pôde se dedicar ao projeto. Ele deixou para o maior clérigo da época, Bernardo de Claraval, pregar a Cruzada em 1146, apoiando o chamado de Bernardo com uma gama completa de indulgências da igreja. Um pregador carismático com laços de sangue com os cruzados, Bernardo viajou para as cortes do rei Luís VII da França e do Sacro Imperador Romano Conrado III.

Ambos responderam com entusiasmo. O rei Luís organizou mais de 15.000 cavaleiros e soldados, enquanto Conrado III levantou mais de 20.000 soldados. Ambos os exércitos foram acompanhados por muitos milhares de seguidores. Na primavera de 1147, os Alemães partiram por terra para Constantinopla; por causa do atrito entre os dois monarcas, o exército Francês viajou separadamente.

Surpreendentemente, os dois exércitos cruzaram a Hungria sem grandes incidentes, mas as habituais atrocidades começaram quando entraram em território Bizantino. Os cruzados extorquiram suprimentos das cidades Gregas, saqueando e incendiando várias cidades.

O neto do imperador Aleixo, Manuel, governou o Império Bizantino nessa época. Ao contrário de seu avô, o imperador Manuel não havia pedido ajuda ao Ocidente e não esperava um exército de cruzados em Constantinopla. Com dezenas de milhares de solda-

dos armados nos portões da cidade, ele lhes deu suprimentos e os transportou através do Bósforo o mais rápido possível.

Manuel aconselhou Conrado a esperar pelos Franceses antes de avançar ao longo da costa, prometendo o apoio da frota Bizantina. Desprezando esse conselho, Conrado partiu pela Anatólia, mas seu exército logo teve problemas. A comida acabou e a água estava em níveis muito baixos.

Em 25 de outubro de 1147, perto do campo de batalha de Doraia, o exército chegou a um pequeno riacho. Desesperados por água, os soldados sedentos romperam as fileiras e avançaram, mas o que encontraram foi uma emboscada de um exército Turco. Os Turcos se aproximaram por todos os lados, disparando nuvens de flechas e atacando os cruzados desorganizados. Foi uma derrota terrível. Conrado e seu filho, o futuro Frederico Barbarossa, abriram caminho com uma pequena guarda pessoal de cavaleiros, mas a maior parte do exército Alemão foi destruída.

Luís aprendeu a lição com esse terrível erro e levou seu exército pela rota costeira. A viagem foi longa, lenta e cara; os suprimentos eram escassos e muito caros quando comprados localmente. Na cidade de Átila, um Luís impaciente embarcou para Antioquia com um pequeno contingente de cavaleiros. Outros nobres seguiram seu exemplo, e a maioria dos milhares de soldados comuns do exército foram deixados para seguir seu próprio caminho. Alguns ficaram desmoralizados e voltaram atrás, e outros foram mortos em brigas ao longo do caminho. Menos da metade da infantaria francesa finalmente chegou a Antioquia.

Em Antioquia, Luís, Conrado e os líderes Francos locais debateram seu próximo passo. Alguns eram a favor de retomar Edessa, enquanto outros preferiam tomar Alepo. Qualquer curso teria ampliado os limites e ajudado a estabilizar os Reinos Latinos ameaçados, mas no final Conrado e Luís moveram suas forças reduzidas para Jerusalém e planejaram um ataque conjunto a Damasco em conjunto com os Francos locais. Damasco não era uma ameaça; na verdade, era um importante parceiro comercial dos Reinos Latinos.

Em 24 de julho de 1148, os cruzados sitiaram Damasco. Não familiarizados com as condições da Palestina, os novos exércitos montaram acampamento sem suprimentos adequados e em posições vulneráveis ao ataque de forças muçulmanas altamente móveis. À medida que as perdas aumentavam, surgiram discussões entre os nobres e, em poucos dias, os sitiantes se retiraram.



Um Conrado desiludido voltou para casa. Luís ficou, não querendo partir com tão pouco para mostrar pelos enormes recursos que havia gasto. Por fim, porém, ele também navegou de volta para a Europa, onde colocou a culpa por seu fracasso no imperador Manuel, enfraquecendo ainda mais as relações entre a Europa e Bizâncio.

O fracasso da Segunda Cruzada destacou as diferenças entre a Europa e os estados cruzados. Os Reinos Latinos queriam reforços para solidificar seu domínio, enquanto as novas ondas de cruzados eram motivadas por novas conquistas e saques. Alguns estavam ansiosos para lutar contra os infiéis, mas depois de algumas batalhas muitos deles consideraram seu dever cumprido e voltaram para casa, deixando uma sempre presente escassez de mão de obra para trás. Jerusalém precisava de reforços permanentes, não nobres incontroláveis e ambiciosos que só iriam desestabilizar a situação.

## NORADINE

O filho de Zengui, Noradine, governou a maior parte do sul da Síria, mas compartilhou o sonho de seu pai de unir todos os muçulmanos em uma *ji*had contra os europeus. O apelo de Damasco por ajuda contra seus sitiantes Francos aumentou seu poder na área e, durante esse tempo, ele fez um esforço contínuo para atacar a liderança dos cruzados.

Em 1149, ele matou Raimundo de Antioquia e destruiu um exército cristão. No ano seguinte, ele capturou Joscelino de Edessa; em vez de ser resgatado, Joscelino morreu anos depois em uma prisão muçulmana. Em 1152, Assassinos mataram Raimundo II de Trípoli nos portões de sua cidade, possivelmente a pedido de Noradine. Enquanto os cruzados montavam um ataque em larga escala na cidade costeira de Ascalão, Noradine capturou Damasco e fez dela sua capital enquanto consolidava seu poder na Síria.

Com a Palestina e a Síria sob seu controle, Noradine precisava apenas do Egito para completar seu cerco às terras dos cruzados. Percebendo o risco, os líderes cristãos formaram uma aliança com os Fatímidas para detê-lo.

## SALADINO

O sucesso da Primeira Cruzada deveu-se em grande parte ao fato de que os muçulmanos estavam divididos. Zengui e Noradine perceberam que a unidade muçulmana era necessária para derrotar os Francos, e seu sonho foi finalmente realizado pelo maior líder Sarraceno de todos.

Em 1164, Noradine enviou o general Asad al-Din Shirkuh, um Curdo Iraquiano, para conquistar o Egito. Shirkuh estava acompanhado de seu sobrinho Salah ad-Din Yusuf ibn Ayyub, que ficou conhecido no Ocidente como Saladino (pág. 36). Quando Shirkuh morreu, Saladino o sucedeu como líder das terras conquistadas. A ascensão de Saladino à proeminência no Egito criou uma tensão crescente com Noradine até a morte deste último em 1174.

No mesmo ano, o Rei Amalrico de Jerusalém morreu. Seu sucessor, Balduíno IV, era um menino que sofria de lepra. Com a saída dos dois governantes mais poderosos do Oriente Médio, Saladino viu sua chance. Levou alguns anos até que seu império estivesse seguro, mas Saladino nunca perdeu de vista seu objetivo principal. Mesmo enquanto consolidava seu domínio sobre a Síria e a Mesopotâmia, ele continuou a atacar os reinos cruzados. Ele foi repellido de Jerusalém em 1177 por Balduíno e um grande exército cruzado, mas voltou a ameaçar as cidades cristãs em 1179. Em 1180, Saladino assinou uma trégua com Balduíno para ganhar tempo enquanto ele construía seu poder. Acredita-se que ele tinha um respeito genuíno pelo frágil jovem rei cristão.

Enquanto isso, o governo de Balduíno foi cercado de intrigas. Um aventureiro europeu chamado Guido de Lusinhão chegou a *Outremer* e reivindicou o trono de Jerusalém ao se casar com a irmã de Balduíno, Sibila. Reinaldo de Châtillon (págs. 36–37), libertado após 16 anos de cativo, ganhou o controle do poderoso castelo de Kerak, dominando rotas cruciais de caravanas muçulmanas e se comportando como um barão ladrão. Balduíno e Saladino tentaram manter a paz enquanto Reinaldo capturava caravanas muçulmanas e atacava peregrinos.

Reinaldo também construiu uma frota de galés no Mar Vermelho para atormentar os peregrinos muçulmanos que viajavam para Meca. Quando os muçulmanos finalmente destruíram a frota pirata de Reinaldo, ele escapou para o norte, para Kerak. Saladino invadiu os Reinos Latinos em 1183 após os ultrajes de Reinaldo, mas fez pouco progresso.

A situação mudou com a morte de Balduíno em 1185. Ele havia nomeado seu sobrinho Balduíno de Monferrato como seu sucessor, mas sua irmã Sibila e seu marido Guido de Lusinhão tomaram o trono. Uma facção conservadora de barões liderada por Raimundo de Trípoli se opôs a Guido, mas relutantemente jurou fidelidade a ele em vez de enfraquecer Jerusalém por um conflito interno.

Em Kerak, Reinaldo aproveitou essa distração. Ele continuou seus ataques a postos avançados muçulmanos e extorquiu dinheiro de caravanas muçulmanas que passavam. A paciência de Saladino se esgotou quando o nobre europeu capturou uma grande caravana muçulmana no início de 1187 e levou seu tesouro para Kerak. Saladino convocou uma *jiḥād* contra os Francos e seu exército aumentou para dezenas de milhares. Ele estava determinado a acabar com a ocupação Franca de uma vez por todas.

*Se a guerra é para ser  
agora ou mais tarde, eu  
prefiro agora.*

*– Reinaldo de Châtillon,  
Cruzada*

### **Hatim**

Saladino planejou atrair os exércitos cristãos combinados para uma batalha decisiva. Ele enviou grupos de ataque a postos avançados isolados dos cruzados para atrair o exército cristão. O Rei Guido convocou os nobres cristãos para uma conferência em Acre. Raimundo e muitos dos barões pediram cautela ao avançar contra Saladino, mas uma facção guerreira liderada por Reinaldo e o Grão-Mestre Templário Geraldo de Ridefort exigiu um ataque imediato. Inseguro sobre seu melhor curso, o Rei Guido ordenou que o exército avançasse até Séforis.

Em 1º de julho de 1187, Saladino cercou Tiberíades. Esquiva, a esposa de Raimundo de Trípoli, reuniu todas as forças disponíveis

e resistiu ao cerco. Em Séforis, alguns senhores cristãos queriam marchar imediatamente para Tiberíades, mas o calor extremo do verão fazia arder a terra e não havia fonte de água entre as duas cidades. Apesar da situação de sua esposa, Raimundo novamente pediu cautela, querendo preservar o exército para enfrentar Saladino. O Rei Guido decidiu aguardar o desenrolar dos fatos.

Naquela noite, o templário Geraldo de Ridefort exigiu uma audiência pessoal com o Rei. Ele argumentou que Guido seria visto como um covarde a menos que atacasse e lembrou ao Rei sobre seu dever de destruir os infiéis e libertar os cristãos. O fraco Rei Guido foi influenciado e ordenou um avanço ao amanhecer.

As tropas imediatamente começaram a sofrer. A água acabou rapidamente e o exército foi continuamente perseguido por esquadrões de arqueiros a cavalo disparando saraivadas de flechas e recuando antes que os cavaleiros cristãos pudessem organizar um ataque. Ao cair da noite, o exército acampou perto de colinas gêmeas conhecidas como Cornos de Hatim. Sem água naquela noite, poucos descansaram.

Na manhã seguinte, o exército tentou chegar às nascentes da vila de Hatim. Os auxiliares de Saladino atearam fogo a oeste e a infantaria cristã começou a perder a coesão em meio a nuvens de fumaça sufocante. Alguns começaram a quebrar para o leste, onde o lago Tiberíades podia ser visto à distância. Pequenos grupos lutaram contra as tropas de Saladino ou foram autorizados a fugir. Quase cercado, Rei Guido ordenou que Raimundo e a vanguarda atacassem e rompessem as forças inimigas. Raimundo escapou com alguns cavaleiros e soldados de infantaria, mas Saladino rapidamente fechou o círculo em torno dos cruzados. Os restos quebrados do exército se reuniram no topo das colinas com Rei Guido.

A infantaria de Saladino atacou do leste e do norte, enquanto sua cavalaria atacou do oeste e do sul. Os soldados de infantaria cristãos foram esmagados; a maioria foi morta. Os cavaleiros do Rei Guido tentaram vários ataques e alguns realmente romperam os muçulmanos ao redor, mas quase toda a liderança restante do Reino de Jerusalém foi capturada ou morta. Os soldados de infantaria sobreviventes foram vendidos como escravos. A maioria dos cavaleiros foi mantida para um futuro resgate. Todos os Templários e Hospitalários foram executados por ordem de Saladino. Reinaldo de Châtillon foi decapitado na tenda de Saladino — segundo alguns historiadores, pelo próprio Saladino.

Em poucas semanas, a maioria das cidades controladas pelos cristãos se rendeu a Saladino. Apenas Tiro resistiu.

## **A TERCEIRA CRUZADA**

Mais uma vez, a Europa ficou chocada com os acontecimentos na Terra Santa. O Papa Urbano III desmaiou e morreu ao ouvir a notícia. Seu sucessor, Gregório VII, escreveu ao Rei Henrique II da Inglaterra e ao Rei Filipe II da França pedindo uma nova Cruzada. Líderes religiosos refugiados da Palestina viajaram pelo interior convocando uma nova Cruzada. O Rei Henrique comprometeu a Inglaterra com a Cruzada, cobrando um novo imposto de 10% conhecido como “Dízimo de Saladino” para financiar a expedição, mas morreu repentinamente em julho de 1189. Seu filho, o Rei Ricardo I (pág. 35), foi coroado em setembro de 1189 e assumiu a Cruzada como sua.

O Sacro Imperador Romano Frederico Barbarossa partiu em maio de 1189 com um exército que se dizia ter quase 100.000 homens, com 20.000 cavaleiros. No entanto, alguns historiadores acreditam que isso é um exagero e que o número real estava mais próximo de 15.000 homens, incluindo 3.000 cavaleiros.

A marcha de Frederico pela Hungria foi pacífica — de fato, ele foi acompanhado pelo príncipe Géza, irmão do Rei Bela III, com um exército Húngaro de 2.000 homens — mas os problemas começaram quando ele se aproximou de Constantinopla. O Imperador Bizantino Isaque II Ângelo fez uma aliança secreta com Saladino e fez tudo o que pôde para retardar o exército de Frederico. Frederico foi forçado a ameaçar a própria Constantinopla antes que o Imperador transportasse suas tropas através do Bósforo para a Anatólia.

Embora perseguido pelas tropas Sarracenas, Frederico cruzou com sucesso a maior parte da Ásia Menor. Infelizmente, perto das montanhas de Tarso, ele se afogou no rio Saleph enquanto seu exército se aproximava de Antioquia vindo da Armênia. Segundo historiadores árabes, ele havia ido tomar banho no rio e foi levado pela correnteza.

Desmoralizados pela morte de seu líder, milhares de soldados voltaram para a Alemanha. O filho do imperador Frederico, Frederico VI da Suábia, avançou para Antioquia com o restante do exército. Uma vez em Antioquia, porém, muitos de seus soldados decidiram não ir para a Síria. Para piorar as coisas, uma praga atingiu a cidade. Milhares morreram e apenas uma fração desprezível do grande exército de Frederico alcançou as Terras Santas. Frederico da Suábia adoeceu e morreu logo após chegar à Palestina.

Para proteger seu comércio altamente lucrativo com os Reinos Latinos, as cidades-estados Italianas decidiram cooperar com esta nova cruzada e transportaram os exércitos Inglês e Francês de navio. Ricardo desviou-se para conquistar a Sicília e Chipre, deixando Filipe para seguir em frente.

Filipe chegou bem a tempo de salvar o ex-Rei Guido de Jerusalém do desastre. Saladino havia libertado Guido algum tempo antes, possivelmente para semear discórdia entre os Francos. O recém-chegado Conrado de Monferrato reuniu os nobres cristãos restantes para defender Tiro e se recusou a reconhecer Guido como soberano do Reino de Jerusalém.

Guido decidiu atacar Acre por conta própria, seu pequeno exército reforçado pelos remanescentes do exército de Frederico, alguns sobreviventes de Hatim e uma frota de soldados e suprimentos da cidade-estado italiana de Pisa. No entanto, Saladino reuniu um exército e rapidamente cercou as forças de Guido, sitiando os sitiados. Filipe reforçou o exército cercado de Guido quando ele desembarcou em março de 1191, e os cruzados fortalecidos fizeram vários ataques a Acre enquanto reprimiam as forças de Saladino, mas não conseguiram tomar a cidade.

## As Cruzadas do Norte

Também conhecidas como as Cruzadas do Báltico, as Cruzadas do Norte foram uma série de campanhas entre 1198 e 1316 para esmagar os remanescentes do paganismo no norte da Europa. Algumas foram Cruzadas oficiais e outras foram chamadas de Cruzadas por historiadores posteriores.

Os reinos da Dinamarca e da Suécia eram nominalmente cristãos, mas grandes populações rurais ainda seguiam os antigos deuses Nórdicos. Os Finlandeses e as várias tribos do Báltico oriental eram uma mistura de cristãos e pagãos. Várias campanhas já haviam sido travadas contra os pagãos quando o Papa Celestino III convocou uma Cruzada do Norte em 1193.

As forças da Dinamarca e da Suécia foram aumentadas pelos Cavaleiros Teutônicos e outra ordem militar alemã, os Irmãos Livônios da Espada. Ambas as ordens passaram a controlar terras no Báltico oriental. A Irmandade tinha seu quartel-general em Fellin (Viljandi, na atual Estônia), enquanto os Cavaleiros Teutônicos chegaram ao Báltico para se juntar à Cruzada Prussiana de 1230 e passaram a lutar contra a Rússia Ortodoxa.

## RICARDO CORAÇÃO DE LEÃO

O Rei Ricardo I da Inglaterra chegou em junho de 1191, mudando a sorte a favor dos cruzados. Nas semanas seguintes, ambos atacaram Acre e repeliram as forças de Saladino. Ricardo inicialmente adoeceu com escorbuto e dizem que ele foi carregado para dentro do alcance de Acre em uma maca, da qual se divertiu acertando guardas das muralhas com uma besta. Quando Acre se rendeu em 12 de julho de 1191, tropas Francesas e Inglesas ocuparam a cidade.

Como parte da rendição negociada com a cidade, Saladino deveria pagar grandes somas a Ricardo e Filipe e libertar cerca de 1.500 cativos cristãos. Saladino não havia sido consultado sobre esses termos, entretanto, e recusou, alegando que Acre não tinha autoridade para negociar em seu nome. Indignado, Ricardo ordenou a execução de mais de 3.000 prisioneiros muçulmanos, incluindo mulheres e crianças, à vista do acampamento de Saladino.

Em 27 de julho de 1191, Ricardo negociou um acordo que reconfirmou Guido como rei de Jerusalém, com a coroa indo para Conrado de Monferrato após a morte de Guido. Ricardo também se envolveu em uma disputa pela posse de Acre. Ele recusou a demanda de Filipe por metade da cidade e também insultou Leopoldo V da Áustria, o novo comandante dos cruzados Alemães. Irritado e sentindo que seus votos foram cumpridos, Filipe partiu para a França com a maior parte de seu exército em 3 de agosto. Ricardo mudou-se para o sul e derrotou Saladino na Batalha de Arçufe, abrindo caminho para Jerusalém.

## Trégua

Enquanto planejava a captura de Jerusalém, Ricardo abriu negociações com Saladino. Nada resultou delas, embora Ricardo tenha descoberto que Conrado também estava em negociações secretas com Saladino.

Ricardo avançou e, no Natal, estava a poucos quilômetros de Jerusalém. No entanto, ele hesitou em atacar porque estava convencido de que Jerusalém estava isolada e não poderia ser mantida sem apoio e mais mão de obra. Ele já estava planejando seu retorno à Inglaterra e sabia que poucos de seu exército escolheriam ficar depois que ele partisse.

Ele voltou seu exército para a costa e novamente tentou negociações com Saladino, avançando ter Jerusalém à vista mais uma vez em junho. Saladino aproveitou a oportunidade para atacar Jafa. Ricardo recuou e reforçou Jafa pelo mar, infligindo uma derrota humilhante às forças de Saladino.

Após esses movimentos e contra-movimentos, tornou-se evidente para ambos os líderes que nenhum deles poderia facilmente obter vantagem. Em 2 de setembro de 1192, Ricardo e Saladino assinaram uma trégua de três anos, reconhecendo a faixa costeira que os cruzados haviam reconquistado e permitindo salvo-conduto em Jerusalém para os peregrinos cristãos.

## APUROS EM JERUSALÉM

Depois que a trégua entrou em vigor, o Reino de Jerusalém teve que ser reorganizado. A reivindicação de Guido ao trono foi apoiada por Ricardo e os Pisanos, mas Filipe e Gênova apoiaram Conrado, assim como muitos nobres.

Ricardo convocou um conselho de barões, que escolheram Conrado de Monferrato como seu rei. Como consolo, Ricardo vendeu Chipre para Guido. Menos de duas semanas depois, Conrado foi morto em uma rua pública.

Seus sicários foram capturados e admitiram serem Assassinos (pág. 8). Um deles afirmou que Ricardo havia planejado o assassinato. Isso nunca foi provado de forma conclusiva, mas esse escândalo grudou em Ricardo.

A viúva de Conrado casou-se rapidamente com Henrique de Champagne, que se tornou Rei de Jerusalém. Talvez fosse apenas coincidência que Henrique fosse sobrinho de Ricardo. Com a partida de Ricardo e Filipe, e Guido enviado para Chipre, um certo grau de estabilidade retornou à Terra Santa. Henrique governou por cinco anos bastante pacíficos de sua capital no exílio no Acre.

Ricardo voltou de Acre para casa em outubro de 1192. Filipe da França e seu próprio irmão João estavam aproveitando sua ausência da Inglaterra para conspirar contra ele. Ao longo do caminho, ele foi capturado por Leopoldo da Áustria, primo de Conrado, que o culpou pelo assassinato de Conrado e guardou rancor da disputa pelo Acre no ano anterior. A Inglaterra levantou um grande resgate e Ricardo foi libertado, passando o resto de sua vida lutando contra Filipe pelas posses inglesas na França.

A Terceira Cruzada marcou o fim de uma era no *Outremer*. Nunca mais exércitos tão grandes alcançariam a Palestina. Reis e papas lançariam novas Cruzadas, mas os exércitos pareciam ir a todos os lugares, exceto onde eram necessários. Os Reinos Latinos permaneceriam, mas nunca mais alcançariam sua glória anterior.

# A QUARTA CRUZADA

O Papa Inocêncio III convocou uma Quarta Cruzada no final de 1198, mas foi somente em novembro de 1199 que um grupo de nobres em um torneio decidiu abraçar a causa. Preocupado em encontrar um líder que pudesse controlar, o papa escolheu o conde Teobaldo de Champagne para liderar a Cruzada.

Esta Cruzada mostrou menos espontaneidade e mais organização do que qualquer outra. Aprendendo com as campanhas anteriores, os líderes da Cruzada decidiram ir por mar para evitar o desgaste de uma jornada terrestre e desembarcar um exército intacto e fresco nas Terras Santas. Teobaldo contratou Veneza para fornecer transporte.

Quando o exército se reuniu em Veneza em 1202, Teobaldo morreu repentinamente. Bonifácio de Monferrato foi eleito para substituí-lo como líder dos cruzados. Bonifácio era altamente independente e aliado de muitos líderes anti-Bizantinos na Alemanha. Com sua eleição, o controle do papa sobre a Cruzada começou a desaparecer.

## DESVIADOS PELO DOGE

Os venezianos pediram uma quantia enorme por sua ajuda. Cada cruzado deveria pagar uma parte, mas mesmo depois que o exército foi reunido, ainda havia um déficit significativo. O Doge de Veneza, um cego chamado Dandolo, propôs um acordo: Veneza transportaria os cruzados se eles o ajudassem a recuperar o porto de Zara, na Dalmácia, dos Húngaros. Para evitar que a Cruzada desmoronasse, seus líderes concordaram. O exército foi transportado através do Adriático e atacou Zara em novembro de 1202. A cidade caiu rapidamente e foi saqueada por cruzados furiosos. Milhares de cristãos foram massacrados por um exército cristão. O Papa Inocêncio ficou indignado e excomungou toda a Cruzada.

## O SAQUE DE CONSTANTINOPLA

Na primavera de 1203, Aleixo Ângelo, o filho exilado do deposto imperador bizantino Isaque II Ângelo, apareceu em Zara. Falando das riquezas encontradas em Constantinopla, ele persuadiu os líderes da expedição a ajudá-lo a recuperar seu trono. Apesar de alguma dissidência, a maior parte do exército concordou com esse novo desvio de seu propósito. O Papa Inocêncio encontrava-se impotente para evitar o desastre que se aproximava.

Transportada pela frota Veneziana, a Quarta Cruzada chegou a Constantinopla em junho de 1203. O atual imperador, tio de Aleixo, Aleixo III Ângelo, ficou chocado com o aparecimento deste grande exército à sua porta,

mas incapaz de expulsá-lo. Em vez disso, ele esperou dentro das enormes muralhas de Constantinopla enquanto os cruzados atacavam várias pequenas cidades. Eles esperavam que os Bizantinos se reunissem sob a bandeira de seu Aleixo, mas quando isso não aconteceu, os cruzados ficaram perdidos.

Enquanto os cruzados hesitavam em atacar as enormes fortificações de Constantinopla, os Venezianos assumiram a liderança. Suas frotas romperam a barreira de correntes que bloqueava a entrada do porto e atacaram as fortificações marítimas, desembarcando tropas dos cruzados. Aleixo III juntou tanta riqueza quanto pôde carregar e fugiu da cidade em 16 de julho de 1203. Na esperança de evitar um saque de Constantinopla, os líderes da cidade libertaram Isaque e reconheceram seu filho Aleixo como o imperador restaurado.

## As Cruzadas das Crianças

Apesar dos resultados catastróficos da Quarta Cruzada, o espírito cruzado ainda brilhava em certos lugares. Em 1212, um jovem Alemão chamado Nicolau começou a convocar uma Cruzada com base em sonhos que lhe aconteceram. Ele pregou uma conversão pacífica de infiéis com base em um exemplo pessoal de fé e devoção.

Milhares de pessoas o seguiram. A maioria eram crianças analfabetas, mas alguns eram adultos e até mesmo alguns clérigos empreenderam a Cruzada. Nicolau e 30.000 seguidores cruzaram os Alpes e seguiram para os portos italianos. Muitos morreram na viagem. Chocados ao descobrir que os ricos donos de embarcações Italianos não estavam preparados para dar-lhes passagem gratuita para a Terra Santa, eles vagaram sem saída por meses. Muitos se tornaram vítimas de crimes. Por fim, os remanescentes dessa Cruzada das Crianças se dispersaram para suas casas.

Um movimento semelhante surgiu na mesma época na França, onde um jovem pastor chamado Estêvão também teve visões. Depois de ser expulso da corte do Rei, ele viajou pela França pregando e atraiu milhares de jovens seguidores. Ele levou as crianças para o sul, até o porto de Marselha, e encontrou a mesma relutância em fornecer passagens gratuitas que seus colegas Alemães encontraram em Veneza. Finalmente, dois empresários Franceses se ofereceram para transportar as hordas de crianças através do mar.

As crianças encheram sete navios e partiram. Dois dos navios foram perdidos no mar; os outros cinco ancoraram na Argélia, onde as crianças foram rapidamente feitas prisioneiras e vendidas como escravas nos mercados locais. Apenas anos depois alguns deles escaparam e trouxeram a notícia da tragédia para a Europa.

A princípio as coisas correram bem, mas o recém-coronado Aleixo IV esgotou seu tesouro pagando aos Francos. As tensões aumentaram em um ciclo de tumultos Bizantinos e atrocidades Francas. Uma revolta começou em fevereiro de 1204; Aleixo foi preso e os Francos foram forçados a sair. Liderados por navios Venezianos, eles atacaram novamente a cidade. De alguma forma, um incêndio começou e destruiu grande parte da cidade. Uma vez no controle de Constantinopla, os líderes da Cruzada decidem pagar suas tropas — e sua dívida com os Venezianos — abrindo a cidade para três dias de saques.

Cruzados bêbados vagavam pelas ruas roubando cidadãos e estuprando mulheres. Muitos edifícios foram queimados e milhares de civis foram assassinados. Igrejas e empresas foram saqueadas. Muitos tesouros antigos e obras de arte foram levados pelos Venezianos, enquanto muitos outros foram destruídos. A maior cidade do mundo cristão foi saqueada por um exército cristão. O Papa Inocêncio ficou chocado com a carnificina. O movimento das Cruzadas havia tomado um rumo sombrio. Nunca mais seria o mesmo.



Após a captura de Constantinopla, os Venezianos estabeleceram um governo Latino no Egeu. Eles colonizaram muitos portos e estabeleceram assentamentos comerciais fortificados. Eles também se mudaram para o Mar Negro, estabelecendo colônias tão distantes quanto a Crimeia. Veneza governou Bizâncio por quase 60 anos até que uma contra-revolução restaurou os imperadores Gregos. Os Italianos continuaram a manter muitas de suas colônias fortificadas por décadas depois.

## A QUINTA CRUZADA

O Papa Inocêncio III percebeu que o espírito cruzado estava diminuindo na Europa. No Quarto Concílio de Latrão em 1215, ele impôs um novo imposto cruzado de 5% a todos os cristãos, estabelecendo uma nova organização burocrática para arrecadar o imposto em toda a Europa. Ele também estabeleceu um plano de recrutamento sistemático. Comerciantes e nobres foram coagidos a equipar cavaleiros para as Cruzadas. Inocêncio morreu inesperadamente no final de 1216, muito cedo para ver os resultados de seus esforços.

Em 1217, 30.000 cruzados da Alemanha, Áustria e Hungria se reuniram em Veneza. Seu objetivo final era capturar o Cairo e subjugar o Egito, protegendo o flanco sul dos Reinos Latinos. No entanto, nem todos os cruzados concordaram com esse objetivo. À medida que as discussões se arrastavam, o Rei da Hungria levou suas tropas para casa. O Rei João de Jerusalém finalmente liderou a Cruzada para Damietta, Egito, em junho de 1218.

### A Cruzada Albigense

Ironicamente, uma das poucas Cruzadas a alcançar um resultado duradouro foi travada contra os cristãos.

Os Cátaros (também conhecidos como Albigeneses, de sua fortaleza de Albi, no sul da França) eram uma seita herética que se espalhou pelo sul da França entre os séculos 11 e 13. Chamando a si mesmos de a Verdadeira Igreja de Deus, os Cátaros lançaram um claro desafio à Igreja Católica.

Muitos nobres locais poderosos também eram Cátaros, e o Rei Filipe II da França estava preocupado em perder o controle da região sul de Languedoc. Com uma língua e tradições culturais diferentes, o domínio da França na área era tênue.

Em 1209, o papa Inocêncio III declarou uma cruzada contra os Cátaros, que foram exterminados em uma campanha de 20 anos. Em termos militares, a Cruzada Albigense foi uma

campanha do rei e dos nobres do norte contra os nobres do sul, mas a Igreja forneceu apoio moral e a Inquisição teve um papel ativo na erradicação dos Cátaros sobreviventes no final da campanha.

Como os Templários, os Cátaros tornaram-se associados à lenda do Santo Graal. Na década de 1930, o historiador Alemão Otto Rahn publicou *Cruzada Contra o Graal*, no qual argumentava que a obra do século XIII, *Parzival*, de Wolfram von Eschenbach, era um relato velado dos Cátaros. Sua pesquisa atraiu a atenção do governo Nazista, e Heinrich Himmler fez dele um arqueólogo da SS. *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln (veja bibliografia nas págs. 43–44) também explorou possíveis ligações entre os Cátaros e o Graal.

Os cruzados construíram torres de cerco em seus navios para atacar as fortificações que guardavam uma grande corrente que bloqueava o acesso ao Nilo. Eles então se estabeleceram em um cerco próximo a Damietta. Eles sofreram inundações e uma praga que matou milhares de soldados. Por fim, os líderes do Egito se ofereceram para dar aos cruzados Jerusalém, Belém e Nazaré se eles deixassem o Egito. O Rei João queria aceitar esta oferta generosa, mas foi contrariado por um contingente Veneziano que esperava saques maciços e pelo arrogante legado papal Pelágio, que esperava a vitória total no Egito.

O cerco se arrastou e ambos os lados sofreram. Em novembro de 1219, os cruzados invadiram a cidade e encontraram toda a população morta ou morrendo pela peste.

Com a queda de Damietta, os egípcios aumentaram sua oferta para que os cruzados partissem. Eles prometeram devolver a Vera Cruz capturada na Batalha de Hattin. Pelágio novamente contrariou o Rei João, exigindo uma marcha para o Cairo. Chegando à cidade, os cruzados involuntariamente acamparam em uma planície de inundação. Quando uma forte tempestade destruiu todo o acampamento, todos os suprimentos foram perdidos e o exército foi forçado a recuar para a costa. Muitos foram perdidos antes que os remanescentes retornassem à Palestina.

*Os soldados a pé bastaram para repeli-los; antes que os cavaleiros pudessem ter tomado partido na ação, tais soldados entraram na cidade misturados aos sitiados e viram-se senhores dela. O único problema era distinguir os heréticos dos ortodoxos: “Matai-os todos”, disse o abade de Cîteaux, “o Senhor reconhecerá os Seus”*

– Jules Michelet,  
*História da França, Tomo II*

## A SEXTA CRUZADA

Após sua coroação como Sacro Imperador Romano em 1220 pelo Papa Honório III, Frederico II (pág. 37) declarou que lideraria uma nova Cruzada. No entanto, ele precisava de tempo para consolidar sua posição na Alemanha e não tinha pressa em cumprir sua promessa. Enquanto a Quinta Cruzada esperava sua chegada ao Egito, Frederico mudou-se para a Sicília, mas não foi mais longe.

Um impaciente Honório convocou uma cúpula de líderes cristãos e cruzados para resolver a situação, e foi decidido que Frederico deveria se casar com Iolanda, a herdeira do trono de Jerusalém. Esperava-se que isso desse a Frederico um incentivo para lançar sua Cruzada. Assim como um grande exército de supostos cruzados reunidos em Brindisi. Frederico casou-se com Iolanda, mas ainda protelou.

Em 1227, depois que Gregório IX se tornou papa, Frederico e seu exército partiram para Acre, mas uma epidemia forçou Frederico a retornar à Itália.

O papa Gregório IX excomungou Frederico por quebrar seu voto de cruzado; as tensões entre o papado e o Sacro Império Romano sobre territórios na Itália foram um fator tácito na excomunhão de Frederico.

Frederico parecia despreocupado, mas em setembro de 1228 ele finalmente partiu para Acre com um pequeno exército. A partir daí, ele manteve uma longa correspondência com o sultão Camil do Egito. Sentindo-se pressionado por outras facções muçulmanas, Camil estava procurando aliados. O sultão concordou em desistir de Jerusalém, Nazaré, Sidon, Jafa e Belém em troca de uma aliança com Frederico e promessas de ajuda em suas lutas dinásticas. Frederico viajou triunfante para Jerusalém e ali se coroou rei, pois sua excomunhão não permitia que o clero o coroasse. Sozinho e por meio da negociação, Frederico recuperou Jerusalém após 40 anos de controle muçulmano.

## A SÉTIMA CRUZADA

O acordo de Frederico com o Egito exigia uma trégua de 10 anos. Essa trégua foi honrada em sua maior parte, mas os reinos dos cruzados desperdiçaram muito do tempo que ela lhes deu. Frederico continuou a se intrometer nos assuntos dos cruzados por meio de nobres fantoches enquanto rivalizava com o papado. Os reforços chegaram à Palestina, mas não em número suficiente para mudar o equilíbrio de poder.

Teobaldo de Champagne liderou um grupo incomumente grande em 1239 com o apoio tácito do papa, mas levou sua força a uma grande derrota em Gaza meses depois de sua chegada. No

entanto, ele conseguiu fortalecer o Reino de Jerusalém recapturando os castelos de Ascalão, Beaufort e Safed antes de retornar à Europa.

Durante um período de conflito entre o Egito e a Síria, o Reino de Jerusalém aliou-se à facção de Damasco. Isso levou a facção Egípcia, reforçada por mercenários Persas, a recapturar Jerusalém dos cruzados em 1244. Logo depois, os Egípcios destruíram um exército Sírio e cruzado combinado na Batalha de La Forbie. Mais de 5.000 soldados cristãos foram mortos, incluindo um grande número de Templários e Hospitalários.

A aniquilação desse exército cristão foi um desastre no nível de Hatim, que deu o ímpeto para a Terceira Cruzada. Por outro lado, este último desastre tornou-se apenas mais um fiasco nas Terras Santas. O espírito cruzado havia se transformado em apatia, e Jerusalém estava destinada a permanecer nas mãos dos muçulmanos por quase 700 anos.

Um dos poucos a tomar conhecimento das más notícias foi o rei Luís IX da França. Um homem piedoso e ascético, ele já havia feito votos de cruzada. Em 1248, ele instigou a Sétima Cruzada, liderando um exército de quase 25.000 cruzados, a maioria Franceses, para Chipre em navios Genoveses.

De Chipre, Luís e outros líderes cruzados decidiram atacar o Egito novamente. Damietta caiu no verão de 1249, e o sultão do Egito se ofereceu para trocar a Jerusalém capturada por Damietta, mas sua oferta foi recusada.

Em 1250, Luís sofreu uma grande derrota em Mansourah; as perdas foram pesadas, especialmente entre os Templários. As forças muçulmanas bloquearam o Nilo. Com seus suprimentos cortados, Luís tentou recuar, mas foi cercado. A maior parte do exército foi destruída e Luís foi capturado.

O Rei Luís foi resgatado em um ano por sua família na França. Ele permaneceu nas Terras Santas tentando ajudar os Reinos Latinos, mas não conseguiu muito e partiu para a França em 1254. Mais um exército cristão havia sido destruído sem nenhum ganho.

## A CRUZADA DOS PASTORES

A captura do amado rei Luís IX em 1250 causou ondas de choque na França. Para muitos, parecia inconcebível que um homem tão nobre e piedoso pudesse ser capturado pelos infiéis.

Enquanto os nobres e o clero debatiam o que fazer, um homem conhecido apenas como “O Mestre da Hungria” — aparentemente um velho monge Húngaro que vivia na França — afirmou que a Virgem Maria o havia ordenado em uma visão para liderar os pastores da França para resgatar o rei. Ele reuniu cerca de 60.000 seguidores das províncias do norte de Brabante, Hainaut, Flandres e Picardia e os conduziu a Paris. Em maio de 1251, ele se encontrou com Branca de Castela, mãe de Luís e regente em sua ausência.

O influente monge e cronista Meteus de Paris suspeitava que o Mestre da Hungria era um impostor e um dos líderes da desastrosa Cruzada das Crianças (pág. 18). Outros em Paris temiam que essa multidão representasse uma ameaça potencial à ordem pública, e os movimentos dos pastores na cidade foram restritos.

Os pastores se separaram e deixaram Paris. Alguns foram para Rouen, onde expulsaram o arcebispo e jogaram alguns padres no Sena. Outros atacaram mosteiros em Tours.

Liderado pelo Mestre, um grupo chegou a Orléans em 11 de junho e foi denunciado pelo bispo após distúrbios anticlericais semelhantes. Eles passaram a atacar os judeus em Amiens e Bourges.

Branca ordenou que os pastores errantes fossem presos e excomungados. Na maioria das vezes isso foi feito com facilidade, mas o grupo liderado pelo Mestre resistiu fora de Bourges, e o próprio Mestre foi morto.

A Cruzada dos Pastores foi mais uma revolta contra a igreja e os nobres do que uma verdadeira cruzada. Foi alimentado pelo descontentamento popular com sua aparente lentidão em se mover para resgatar o Rei Luís, e não por qualquer zelo em lutar contra o infiel. De qualquer forma, Luís foi resgatado por sua família no ano seguinte.

## Os Mongóis

Os muçulmanos logo enfrentaram um novo invasor. Em 1251, os Mongóis elegeram Mongke como Khan. Dois anos depois, ele despachou seu irmão Hulagu para conquistar a Pérsia. Hulagu varreu a Pérsia, destruindo tudo em seu caminho. Ele até capturou as fortalezas dos Assassinos nas montanhas do norte da Pérsia. Em 1258 aniquilou o exército do Califa e saqueou Bagdá, matando dezenas de milhares. Alepo caiu e os Mongóis avançaram em direção a Damasco. Na Síria, os Mongóis receberam ajuda dos Armênios e dos cruzados de Antioquia, que viam os Mongóis como sua única esperança para conter a crescente força Mameluca.

Mongke Khan morreu em 1258 e Hulagu voltou para a China, levando grande parte de seu exército com ele. O sultão Qutuz aproveitou a oportunidade para se mudar para a Palestina e lidar com os Mongóis restantes. Os Francos do sul lhe deram permissão para cruzar suas terras, mas decidiram permanecer neutros.

Em 3 de setembro de 1260, a maior batalha travada durante as Cruzadas ocorreu em Ain Jalut, na Palestina. Curiosamente, os cruzados não participaram dessa imensa batalha. No final do dia, os Mongóis já batiam em retirada.

Com a ameaça Mongol contida, os Mamelucos voltaram sua atenção para as fortalezas dos cruzados. Nos 15 anos seguintes, muitas cidades e castelos dos cruzados foram capturados pelo exército Mameluco sob o comando do sultão Baibars (pág. 38). Após a morte de Baibars, os Mongóis tentaram voltar para a Síria, mas foram derrotados de forma decisiva em 1281 e recuaram em direção à Pérsia.

# A OITAVA CRUZADA

O idoso rei Luís IX da França tentou organizar uma última cruzada. No verão de 1270, ele partiu da França com vários milhares de homens. Estranhamente, ele não navegou para a Palestina ou mesmo para o Egito.

Em vez disso, ele desembarcou sua pequena força de soldados na cidade de Túnis. Seus motivos para este desembarque não são claros. Talvez ele pensasse que a captura de Túnis poderia ser um prelúdio para a captura do norte da África e, eventualmente, do

Egito. Talvez ele tenha acreditado em um relatório de que o governante muçulmano de Túnis estava interessado em se converter ao cristianismo.

Seja qual for o motivo, as tropas de Luís não atacaram a cidade. Em poucos dias, muitos deles adoeceram e Luís morreu de uma doença desconhecida. Suas tropas restantes rapidamente se dispersaram de volta para a Europa. Reverenciado por sua piedade e espírito de cruzada, Luís acabou sendo canonizado.

# A NONA CRUZADA

Alguns historiadores consideram isso como parte da Oitava Cruzada, enquanto outros a tratam separadamente. Teve as mesmas origens, mas rapidamente se tornou uma expedição separada.

O príncipe Eduardo Pernas Longas da Inglaterra, que mais tarde se tornaria o rei Eduardo I, partiu para Túnis, mas chegou após a morte de Luís. Implacável, ele seguiu para a Terra Santa para ajudar Boemundo VI, Príncipe de Antioquia e Conde de Trípoli, contra a ameaça Mameluca a Trípoli e aos restos do Reino de Jerusalém.

Eduardo se encontrou com o irmão de Luís, Carlos de Anjou, e os dois foram para Acre, agora capital do Reino de Jerusalém. Seu exército conjunto chegou em 1271 e quebrou um cerco do sultão Mameluco do Egito, Baibars.

Eduardo enviou embaixadores a Abaca, o governante Mongol da Pérsia, buscando apoio militar contra os muçulmanos. Algumas tropas Mongóis chegaram, devastando a terra e espalhando o terror entre a população muçulmana, mas se dispersaram antes que Baibars montasse um contra-ataque. Baibars desembarcou em Chipre para ameaçar as terras de Hugo II de Chipre, o rei nominal de Jerusalém. Esta campanha não deu em nada, no entanto, e Baibars foi forçado a se retirar para o Egito.

Eduardo tentou reconciliar Hugo com alguns de seus vassalos de Chipre, percebendo que as disputas internas eram desastrosas para a causa dos cruzados. Ele também entrou em negociações com Baibars, mas estas foram interrompidas quando Baibars ten-

tou assassiná-lo. Eduardo se preparou para um ataque direto a Jerusalém, mas seus planos foram interrompidos pela notícia da Inglaterra de que seu pai Henrique III havia morrido. Eduardo concluiu um tratado com Baibars e voltou para a Inglaterra para ser coroado rei da Inglaterra em 1272.

*Não parece ser a  
vontade divina que o Santo  
Sepulcro seja recuperado,  
uma vez que o grande  
número de tentativas parece  
ter sido em vão.*

*– Salimbene di Adam*

## Outras Cruzadas

Enquanto a Cruzada Albigense e as Cruzadas do Norte foram as principais ações cruzadas travadas fora da Terra Santa, vários conflitos menores foram apelidados de Cruzadas.

### ***Cruzadas Contra os Mongóis***

Em 1259, os Mongóis da Horda Azul devastaram os territórios da Polônia e da Lituânia, levando o Papa Alexandre IV a convocar, sem sucesso, uma Cruzada contra eles. Sessenta anos depois, quando as Hordas Azul e Branca se combinaram para formar a Horda Dourada, o Grão-Duque Vytautas, o Grande da Lituânia, liderou um enorme exército contra eles, apoiado pelos Cavaleiros Teutônicos.

### ***Cruzadas dos Bálcãs***

De 1396 a 1456, três cruzadas foram travadas nos Bálcãs contra os Turcos Otomanos em que se expandiam. Seus ecos foram sentidos nas tensões étnicas e religiosas que ressurgiram nos Bálcãs após a queda da União Soviética.

### ***Cruzadas Suecas***

A conquista Sueca da Finlândia nos séculos 12 e 13 é às vezes descrita como uma série de três Cruzadas. No entanto, os historiadores concordam que a Primeira Cruzada Sueca (por volta de 1155) é uma lenda criada posteriormente para

datar as reivindicações Suecas na região. A Segunda Cruzada Sueca (por volta de 1249) é pouco documentada, mas os historiadores concordam que ela ocorreu. A Terceira Cruzada Sueca foi travada entre a Suécia e a expansão da República da Novogárdia em 1293.

### ***A Cruzada Aragonesa***

A Cruzada Aragonesa foi declarada pelo papa Martinho IV contra o rei de Aragão, Pedro III, o Grande, em 1284 e 1285. Surgiu da conquista da Sicília por Pedro, que havia sido doada como feudo papal pelo avô de Pedro, Pedro II. Martinho o concedeu a Carlos, conde de Valois, filho do rei francês Filipe III e sobrinho de Pedro III.

As forças francesas juntaram-se às do irmão de Pedro, o Rei Jaime II de Maiorca, mas sofreram uma série de derrotas e foram dizimadas na Batalha do Col de Panissars enquanto tentavam se retirar para a França. A cruzada falhou, mas Pedro não sobreviveu por muito tempo ao seu fim.

### ***A Cruzada Alexandrina***

Lutada em outubro de 1365, esta expedição foi um ataque preventivo do rei Pedro I de Chipre, que soube de um planejado ataque Egípcio. Suas forças se reuniram em Rodes, onde se juntaram aos Cavaleiros Hospitalários, e saquearam Alexandria por três dias antes de se retirarem de volta para o Chipre.

# ENFIM, O FIM

Nos 30 anos seguintes, os reinos cruzados sofreram um lento declínio. O Papa Gregório X convocou uma nova Cruzada no Concílio de Lyon em 1274, mas sem sucesso. Os reinos cristãos restantes no *Outremer* foram divididos por lutas internas e, quando os Venezianos perderam Constantinopla para um Império Bizantino restabelecido, começaram a agitar uma cruzada contra aquela cidade cristã, mas sem sucesso.

Com a ameaça Mongol evitada, a ofensiva muçulmana final começou. Margate, a famosa fortaleza Hospitalária, caiu em 1285. Lataquia caiu em 1287 e Trípoli em 1289. Acre, Tiro, Sidom e Beirute seguiram em 1291. Em 1303, o último ponto de apoio cristão nas Terras Santas — a Fortaleza de Arruade, na costa Síria — havia sido perdido, e com ele o sonho das Terras Santas cristãs.

## CRONOLOGIA DAS CRUZADAS

- 1054** — Cisma entre as Igrejas Ortodoxa Grega e Católica Romana.  
**1070** — A Ordem do Hospital de São João de Jerusalém (Hospitalários) é fundada em Jerusalém.  
**1071** — Batalha de Manzikert. Os Turcos Seljúcidas capturam Jerusalém dos Fatímidas.  
**1091** — O Imperador Bizantino Aleixo I Comneno pede ajuda à Europa.  
**1095–1099** — A Primeira Cruzada.  
**1095** — Papa Urbano II prega a Primeira Cruzada.  
**1096** — A Cruzada Popular e a Primeira Cruzada partem para as Terras Santas. Os Fatímidas reconquistam Jerusalém dos turcos.  
**1097** — Batalha de Dorylaea. Cerco de Antioquia.  
**1098** — Balduino captura Edessa. Batalha de Antioquia.  
**1099** — Queda de Jerusalém. Reino Latino do Oriente formado.  
**1101** — Exército cruzado derrotado pelos Turcos na Anatólia.  
**1113** — Os Hospitalários recebem o reconhecimento papal.  
**1118** — É fundada a Ordem dos Pobres Cavaleiros do Templo de Salomão (Templários).  
**1127–1250** — A dinastia Sunita Zênghuida governa a Síria e o norte do Iraque.  
**1128** — Zengui captura Alepo.  
**1137** — Zengui captura Mossul.  
**1139** — Zengui sitia Damasco, mas não consegue capturá-la.  
**1144** — Edessa cai para Zengui.  
**1146** — Noradine sucede a Zengui.  
**1198–1316** — As Cruzadas do Norte.  
**1147–1148** — A Segunda Cruzada.  
**1154** — Noradine captura Damasco.  
**1163–1169** — Invasões cruzadas do Egito.  
**1169** — A dinastia Xiita Fatímida do Egito é substituída pelos Sunitas Zênghuidas.  
**1169–1171** — Saladino assume o controle do Egito.  
**1174** — Saladino captura Damasco.  
**1187** — Saladino derrota o exército cruzado em Damasco e conquista a maior parte do Reino de Jerusalém.  
**1189–1192** — A Terceira Cruzada.  
**1193** — Morte de Saladino.  
**1198** — O estatuto dos Cavaleiros Teutônicos é assinado.  
**1202–1204** — A Quarta Cruzada.  
**1204–1261** — Estabelecimento do Reino Latino da Romênia.  
**1209–1229** — A Cruzada Albigense ataca os Cátaros no sul da França.  
**1212** — A Cruzada das Crianças.  
**1217–1221** — A Quinta Cruzada.  
**1220** — Frederico II é coroado Sacro Imperador Romano e anuncia sua intenção de empreender uma Cruzada.  
**1227** — O Papa Gregório IX excomunga Frederico II por não participar da Cruzada.  
**1229** — A Sexta Cruzada.  
**1229** — Jerusalém é devolvida aos cruzados por meio de tratado.  
**1244** — Os muçulmanos retomam Jerusalém. Batalha de La Forbie.  
**1248–1250** — Sétima Cruzada.  
**1250** — O Rei Luís IX da França é capturado no Egito. O Sultanato Mameluco é fundado no Egito.  
**1251** — A Cruzada dos Pastores.  
**1255–1258** — Guerra civil no Reino de Jerusalém.  
**1260** — Baibars derrota os Mongóis.  
**1261** — Os Bizantinos reconquistam Constantinopla.  
**1268** — Baibars conquista Jafa e Antioquia.  
**1270–1272** — A Oitava e a Nona Cruzadas.  
**1274** — Papa Gregório IX prega sem sucesso para promover uma nova Cruzada.  
**1275–1277** — Os Mamelucos devastam a Armênia.  
**1289** — Trípoli cai para os Mamelucos.  
**1291** — Acre, Tiro, Sidom e Beirute caem nas mãos dos Mamelucos.



# CAPÍTULO TRÊS

# A VIDA DURANTE AS CRUZADAS

As Cruzadas mudaram a Europa, mesmo para quem nunca havia pisado fora de seu país de origem. Muitos europeus tomaram conhecimento do islamismo e do cristianismo ortodoxo pela primeira vez. As condições no *Outremer* desafiaram a eficácia do feudalismo como modelo social e econômico. Novos conhecimentos, perdidos para o Ocidente desde a queda de Roma, retornaram à Europa, junto com os avanços muçulmanos em matemática e outras ciências.

Todos os Francos eram cristãos, ensinados a considerar os muçulmanos como infiéis odiados. Eles achavam que os cristãos ortodoxos como os Gregos eram um pouco melhores. Muitos Francos partiram para as cruzadas por verdadeiras razões religiosas. Alguns viam uma Cruzada como uma peregrinação armada, outros como uma guerra santa para libertar locais cristãos. Outros ainda embarcaram na Cruzada com sonhos de aventura e riqueza, sem nenhuma intenção de voltar para a Europa.

Cruzados vieram de todas as esferas da vida. Soldados circulavam entre reis, nobres, clérigos, mercadores, camponeses e até mesmo crianças rebeldes.

Os Francos tentaram estabelecer sociedades feudais de estilo europeu nos territórios capturados do *Outremer*, mas foram derrotados pela terra árida e pela falta de mão de obra. O contato com muçulmanos e cristãos não-Latinos desafiou suas opiniões sobre muitas coisas. No final, *Outre-*

*mer* mudou os cruzados pelo menos tanto quanto eles o mudaram. Eles foram forçados a se adaptar em quase todas as frentes, e algumas de suas adaptações foram mais bem-sucedidas do que outras.

## Feudalismo

O feudalismo baseava-se na ideia de que todos, independentemente de seu status na sociedade, deviam algo aos que estavam acima deles e algo era devido pelos que estavam abaixo deles. Deus era o ápice teórico da pirâmide feudal; ele concedeu terras aos reis por Direito Divino e, por sua vez, os reis concederam terras aos seus nobres.

Em troca, os nobres deviam a seus reis e senhores um dever de apoio militar e — pelo menos em teoria — os reis deviam o mesmo a Deus. Cada proprietário de terras tinha o dever de fornecer a seu suserano um número de cavaleiros e outras tropas com base na extensão de suas propriedades, ou *feudo*, e estes eram aumentados por impostos de camponeses em tempos de guerra.

Embora o feudalismo funcionasse mais ou menos bem na Europa, as condições nos reinos dos cruzados eram diferentes. A terra árida simplesmente não sustentava cavaleiros e soldados, levando a uma escassez de mão de obra militar que teve sérias repercussões.

## DISTÂNCIA E VIAGEM

A Terra Santa ficava muito longe da Europa. Mesmo partes do leste da Áustria estão a mais de 1.600 quilômetros de distância de Constantinopla por terra. Foram mais 750 a 900 quilômetros da Anatólia até Antioquia, e Jerusalém estava ainda mais longe.

Havia duas rotas principais para a Palestina. A rota terrestre passava pelo sul da Alemanha, os Bálcãs e Constantinopla. Depois de cruzar o Bósforo, os cruzados viajavam para o sul através da Anatólia até a Síria. A rota marítima atravessava o Mediterrâneo a partir dos portos do sul da França ou da Itália. As cidades-estado de Gênova, Pisa e Veneza enriqueceram fretando frotas para transportar homens, cavalos e suprimentos para a Palestina, mas estavam constantemente lutando contra navios de guerra Bizantinos, invasores muçulmanos e diversos piratas.

As ditas estradas muitas vezes não passavam de uma trilha através do deserto, e as pessoas que viviam ao longo das rotas das cruzadas frequentemente reagiam a grandes grupos de estranhos armados com medo e hostilidade. Atividades que os cruzados con-

sideravam uma legítima busca por alimentos eram roubo e pilhagem aos olhos dos habitantes locais, e os distúrbios resultantes frequentemente explodiam em uma guerra aberta ou degeneravam em atrocidades. Depois de cruzar o Bósforo, a comida e até a água às vezes ficavam completamente indisponíveis.

A viagem marítima, embora fosse mais rápida e confortável, estava bem além das possibilidades de todos, a não ser dos cruzados mais ricos, especialmente quando eles tinham que pagar por dezenas ou centenas de cavaleiros, soldados e lacaios. A viagem marítima desembarcou os exércitos dos cruzados praticamente intactos, evitando as enormes perdas envolvidas em uma jornada terrestre, mas também tinha seus perigos. Um navio pode acabar afundando em uma tempestade ou ser vítima de corsários muçulmanos. Piratas cristãos fora da lei também vagavam pelo Mediterrâneo, enquanto as frotas Veneziana, Genovesa e Bizantina não hesitavam em atacar e capturar navios mercantes e peregrinos.

Foi por isso que as primeiras Cruzadas viajaram por terra até Constantinopla: elas eram muitas vezes de natureza espontânea (veja *A Cruzada Popular*, pág. 12) e mal financiadas. Para as pessoas comuns apanhadas na febre das cruzadas, viajar a pé era a única maneira de chegar a Constantinopla. Dezenas de milhares morreram antes que pudessem chegar à Terra Santa e entrar em conflito com os infiéis.

Cruzadas posteriores foram por mar. Essas cruzadas foram financiadas principalmente por impostos da Igreja e dinheiro arrecadado por monarcas como o rei Ricardo I da Inglaterra e o rei Luís IX da França, e podiam pagar para fretar navios das cidades-estado Italianas. As frotas pertencentes aos Templários e Hospitalários também desempenharam um papel importante no transporte de cruzados, no transporte de peregrinos e no combate à pirataria muçulmana.



## UMA TERRA ESTRANGEIRA

Os cruzados no *Outremer* encontraram-se em um ambiente totalmente novo. O clima era radicalmente diferente do da Europa. A população era diferente tanto étnica quanto culturalmente. Comida, vestimenta e costumes eram diferentes. A sociedade funcionava de maneira muito diferente daquela da Europa feudal. De muitas maneiras, a cultura muçulmana era mais avançada nessa época. Cidades como Bagdá e Damasco eram centros de civilização e aprendizado. Textos antigos, há muito considerados perdidos na Europa, sobreviveram em bibliotecas orientais. A medicina e outras ciências eram mais avançadas do que na Europa. Os colonos tinham acesso a luxos como especiarias, sedas e frutas exóticas.

Os cruzados foram expostos a novas doenças, como a malária, às quais não tinham resistência natural. Embora o conhecimen-

to médico local fosse avançado em comparação com a Europa, milhares de cruzados morreram de doenças neste novo país. A maioria dos reis de Jerusalém morreu de doença ainda jovem; sua expectativa de vida era metade da de seus colegas Europeus da época.

Os feudos estabelecidos pelos governantes cristãos não eram feudos feudais clássicos baseados em centenas de camponeses cultivando a terra de um nobre, mas "feudos monetários" baseados no comércio. Nunca houve grandes ondas de camponeses imigrantes, e a terra não comportava o feudalismo de base agrária. Os cruzados permaneceram principalmente uma classe dominante de nobres e guerreiros com uma pitada de mercadores, peregrinos e sacerdotes. Embora governado por nobres Francos, *Outremer* permaneceu uma terra oriental.

## A ORIENTALIZAÇÃO DOS FRANCOS

Gerações de cruzados nasceram e cresceram no *Outremer* e gradualmente adotaram atitudes semelhantes às de seus vizinhos muçulmanos e Bizantinos. Eles se casaram com mulheres cristãs nativas, adotaram as roupas soltas e frescas dos climas mais quentes e aprenderam a ser pragmáticos no trato com os locais, desenvolvendo certa tolerância com muçulmanos e cristãos ortodoxos.

Muitos desses cavaleiros podiam traçar sua linhagem até os ancestrais da Primeira Cruzada, mas as ondas de novos cruzados achavam seu comportamento chocante; eles pareciam ter sido corrompidos pelo modo de vida oriental. Aqueles recém-chegados

que não simplesmente voltaram para casa depois de cumprir seus votos cruzados também adotaram rapidamente os costumes orientais, mas o conflito entre colonos nascidos no oriente e europeus recém-chegados cresceu durante a era das Cruzadas.

## A IGREJA

Os líderes da Igreja estabeleceram bispados e paróquias de estilo ocidental no Reino de Jerusalém, mas viram-se com mais bispos do que párocos. Eles careciam de paroquianos suficientes para sustentar esta elaborada organização, e era preciso fazer concessões. As igrejas ortodoxas, por sua vez, permaneceram em uso durante a era das Cruzadas.

## Sinais e Maravilhas

A religião estava inserida na psique medieval de maneiras que um leitor moderno pode achar difícil de entender. Todos os tipos de objetos e eventos foram imbuídos de significado religioso, especialmente quando um grande empreendimento religioso como uma Cruzada estava envolvido. Embora poucos cruzados duvidassem de que Deus estava do seu lado, havia grande segurança a ser obtida de objetos de significado religioso e sinais de apoio divino.

### *Relíquias Sagradas*

Independentemente de a descoberta oportuna da Lança de Longinus sob a Catedral de Antioquia (veja pág. 13) ter sido forjada ou não, os cruzados acreditaram na relíquia e isso ajudou a mudar o rumo de sua campanha. Os peregrinos que viajavam para santuários distantes eram muito respeitados. Relíquias sagradas, como uma lasca de madeira da Vera Cruz ou uma mecha de cabelo de um profeta ou santo, eram altamente valorizadas. Poucas pessoas duvidaram que elas fossem genuínas.

Mais tarde, nas Cruzadas, campanhas elaboradas e negociações de tratados giraram em torno do retorno de tais relíquias. A recuperação de uma relíquia sagrada constitui um excelente enredo de aventura.

### *Presságios Celestiais*

Em uma época em que a astrologia era considerada uma ciência, eventos celestes como cometas, chuvas de meteoros e eclipses eram vistos como mensagens divinas anunciando o bem ou o mal. As pessoas comuns muitas vezes pensavam que o clero tinha uma visão direta da vontade de Deus, e quanto mais alto o posto do sacerdote, maior sua visão. Para eles, o papa praticamente compartilhava uma mente com o Criador.

Alguns meses antes do Papa Urbano II pregar a Primeira Cruzada, uma espetacular chuva de meteoros foi vista em toda a França. Em 1096, a lua entrou em eclipse duas vezes enquanto os cruzados formavam seus exércitos, e a Aurora Boreal tornou-se visível na Europa. Os europeus viram esses eventos como presságios divinos de vitória.

A primeira metade do século XII foi um período de exibições celestes particularmente frequentes, possivelmente devido à atividade solar incomum. Essas exibições são um dispositivo maravilhoso para o MJ. O momento adequado de um eclipse ou chuva de meteoros pode influenciar uma batalha, conquistar negociações de trégua ou aterrorizar um inimigo vacilante.

## QUESTÕES E PROBLEMAS

Apesar de um começo promissor, os reinos cruzados enfrentaram uma série de problemas que acabaram se revelando fatais. A mão-de-obra era um problema constante e o comércio não era suficiente para sustentá-los economicamente, uma vez que as cidades-estado Italianas haviam tomado sua parte. Os eventos na Europa desviaram a atenção das Terras Santas, e as lutas internas entre os nobres Francos enfraqueceram o *Outremer* diante de um inimigo muçulmano cada vez mais unificado.

## MÃO DE OBRA

Quando os reinos cristãos estavam no auge, nos primeiros 50 anos após seu estabelecimento, não houve Cruzada em grande escala. Os cruzados iam e vinham ao acaso em uma época em que os reinos precisavam de um fluxo constante de novas tropas.

Um desastre como a queda de Edessa ou a batalha de Hatim dispararia alarmes na Europa e provocaria uma nova convocação

para as Cruzadas, mas muitas vezes esses novos exércitos tentavam conquistar novas terras em vez de reclamar e defender o território existente. Muitos desses exércitos se depararam com o desastre.

Essa constante escassez de mão de obra levou ao uso crescente de mercenários. Alguns eram Turcópulos criados localmente, enquanto outros eram bandos armados semi-profissionais da Europa. As ordens militares ofereciam os únicos exércitos confiáveis disponíveis, mas tanto os Templários quanto os Hospitalários exigiam um grande número de mercenários para guarnecer seus castelos e frotas.

As cidades-estado Italianas forneceram um grande número de tropas para defender suas concessões comerciais nas cidades costeiras, juntamente com os mercenários exigidos pelos reinos cruzados e pelas ordens militares. Mesmo quando os reinos cristãos continuaram a encolher, porém, nunca houve tropas suficientes para defendê-los.

## A Economia das Cruzadas

Um nobre que tomasse a cruz não só tinha que pagar sua própria passagem para a Terra Santa, mas também a de seus cavaleiros, homens de armas, servos e outros laçaios. Um cavaleiro pode gastar de três a cinco vezes sua renda anual para financiar sua campanha. Alguns cavaleiros ou nobres optaram por viajar sozinhos como peregrinos armados, muitas vezes ligados a outros grupos, mas o caminho ainda era longo e caro.

As primeiras cruzadas foram financiadas pelos próprios nobres. Eles venderam ou hipotecaram propriedades, pediram dinheiro emprestado e mergulharam nas economias da família. Os nobres que sobreviveram a uma Cruzada muitas

vezes se encontravam falidos quando voltavam para casa. Feudos menores desapareceram à medida que a terra foi consolidada nas mãos de nobres mais ricos, mudando o cenário político da Europa.

À medida que o fervor das cruzadas diminuía, a Igreja foi forçada a cobrir mais os custos. Eles taxavam os paroquianos, vendiam indulgências e usavam ameaças de condenação ou excomunhão para arrecadar fundos. Os reis Filipe II e Ricardo I recorreram a impostos nacionais para financiar a Terceira Cruzada. Eventualmente, a necessidade financeira combinou-se com outros fatores para acabar com as Cruzadas.

## COMÉRCIO

Antes das Cruzadas, as cidades-estado Italianas dominavam o pouco comércio que havia entre a Europa e o Mediterrâneo oriental. A mais importante era Veneza, embora Pisa e Gênova fossem suas constantes concorrentes. Algum comércio com o mundo muçulmano passava pela Palestina, mas as rotas mais lucrativas passavam por Constantinopla e o Império Bizantino. Ao longo dos anos, as relações de Veneza com os Bizantinos variaram do comércio florescente à guerra total. Bizâncio tinha uma forte tradição marítima e se ressentia da dominação Italiana do comércio no Mediterrâneo.

Enquanto alguns Italianos individuais responderam aos chamados papais para a Cruzada, a participação Italiana na Primeira Cruzada foi limitada a alguns navios que abasteceram as forças cristãs depois que chegaram a Antioquia em 1098.

Os Pisanos e Genoveses assumiram a liderança no comércio com os estados cruzados, e a primeira frota Veneziana forte chegou à Palestina em 1100, após a queda de Jerusalém. Após a “Batalha do Campo de Sangue” em Antioquia em 1119, Veneza enviou uma frota maior para apoiar os cruzados, destruindo uma frota Egípcia ao largo de Ascalão e desembarcando tropas e suprimentos. Em troca, recebeu direitos preferenciais de comércio e obteve quase um terço de Tiro como uma concessão semi-autônoma.

Ao longo dos reinos cruzados, os Italianos começaram a negociar outras concessões: propriedades como prédios, igrejas e banhos públicos em um bairro específico de uma cidade costeira; direitos jurisdicionais de baixo alcance jurídico sobre seus próprios cidadãos; e privilégios comerciais, como a redução de taxas, acesso a portos e o direito de construir um mercado.

Os reis dos Reinos Latinos concordaram porque precisavam de grandes somas de dinheiro para pagar os mercenários e custear outras despesas, e tais somas só podiam ser obtidas através do comércio. Mercadorias lucrativas como algodão, lã, madeira, seda e açúcar circulavam pelas terras dos cruzados, e os mercadores Italianos ficaram ricos e influentes.

Em meados do século 13, as cidades de Jerusalém, Antioquia e Trípoli haviam perdido tanto território que precisavam ser abastecidos por navios Italianos. As tropas Italianas defenderam os quartéis mercantes nas cidades costeiras, somando-se às guarnições já repletas de mercenários Italianos.

As rotas comerciais mudaram para o norte, para o Mar Negro, após as invasões Mongóis do século 13, e o interesse Italiano mudou com elas, deixando os Reinos Latinos para trás. A Itália também estava mudando; os Genoveses aniquilaram a frota Pisana em 1284, levando Pisa ao eclipse. O papado e o Sacro Império

Romano travaram uma luta pelo controle do centro e do sul da Itália. Outras mudanças na política Italiana afastaram o interesse do Oriente justamente quando os Reinos Latinos estavam em perigo por causa de um inimigo muçulmano cada vez mais unido.

## UMA EUROPA DISTRAÍDA

O desastre da Segunda Cruzada custou alguma boa vontade pública na Europa, mas geralmente a população continuou apoiando a cruzada. Entre a nobreza, as cruzadas não eram apenas populares, mas se tornaram uma tradição em muitas famílias: jovens cavaleiros participavam das cruzadas com seus pais e levavam seus próprios filhos para as Terras Santas uma geração depois.

A queda de Jerusalém em 1187 acrescentou urgência ao zelo das cruzadas, mas isso foi abalado pelo fiasco da Quarta Cruzada. No século 13, os impostos das cruzadas eram comuns. O povo comum ouvia falar das Cruzadas, mas sua única contribuição eram os impostos que pagavam à Igreja e ao monarca.

O século 13 também viu uma difusão dos esforços das cruzadas. A *Reconquista* ainda não havia desalojado os muçulmanos da Espanha, as Cruzadas do Norte atraíram mão de obra para o norte da Europa, os Mongóis devastaram o oeste até a Polônia e houve uma campanha feroz contra os Cátaros no sul da França. Tudo isso reduziu o número de cruzados indo para a Terra Santa.

A longa guerra papal com o Sacro Império Romano não ajudava a melhorar as coisas. Após a morte de Frederico II (pág. 37), os papas continuaram a lutar com seus sucessores. Na década de 1260, o papado havia declarado várias cruzadas para libertar a Itália, a Sicília e o norte da Espanha dos nobres cristãos que ameaçavam o poder de Roma. Como os plebeus passaram a ver as Cruzadas como nada mais do que guerras papais particulares, seu fervor diminuiu.

Embora nunca houvesse escassez de cavaleiros em busca de glória e pilhagem, as cruzadas papais na Itália ou na França eram mais atraentes do que a longa viagem às Terras Santas. As vidas daqueles que fizeram a jornada foram muitas vezes desperdiçadas enquanto os governantes do *Outremer* lutavam entre si. À medida que as Cruzadas avançavam, os exércitos cristãos tornaram-se cada vez menos eficazes. Alguns nunca viram uma batalha antes de sua liderança ser dissolvida.

A Igreja continuou a enviar algum dinheiro para o Oriente Latino, mas foi usado principalmente para pagar guarnições de mercenários nas cidades e castelos dos cruzados. Os Reinos Latinos tiveram negado o grande número de reforços de que precisavam da Europa.

## A POLÍTICA NO ESTADO CRUZADO

Nominalmente um estado vassalo do Império Bizantino, Antioquia era independente em muitos aspectos. Os outros principados eram vassalos nominais do Rei de Jerusalém, mas na prática apenas os reis mais fortes conseguiam impor sua autoridade. Trípoli, Edessa e Antioquia frequentemente faziam suas próprias alianças e tratados.

Novas ondas de cruzados pioraram a confusa situação. Vendo cada muçulmano como um inimigo, eles não conseguiam enxergar a necessidade de tratados com o odiado Sarraceno, e alguns não consideravam desonroso quebrar um tratado com um infiel. Os líderes cristãos locais, por outro lado, estavam dolorosamente cientes de que sua sobrevivência muitas vezes dependia de manter boas relações com seus vizinhos.

*Tratados entre Sarracenos e Cristãos às vezes eram necessários para a sobrevivência.*

### Alianças Inconstantes

A situação militar nos reinos cristãos estava mudando constantemente. Os líderes cristãos muitas vezes negociavam tréguas ou mesmo alianças com chefes muçulmanos locais ou cidades para se defender contra incursões de outros muçulmanos, apenas para se ver lutando contra seus antigos aliados alguns meses depois. Em outras ocasiões, um nobre cristão pode até se aliar a um líder muçulmano em uma disputa contra um colega cruzado.

### Os Gregos

Os gregos respeitavam o ofício e a malícia tanto quanto o poderio militar. Eles fizeram uso extensivo da diplomacia para manter seu poder. Subornar oponentes ou fazer tratados para ganhar tempo eram considerados ferramentas legítimas de estadismo, mas faziam os Gregos parecerem intrigantes e indignos de confiança para os Francos.

Os Gregos, por sua vez, desconfiavam das ambições dos Francos no Oriente. Após a Primeira Cruzada, os Gregos reconquistaram grandes áreas da Ásia Menor. Além de algumas tentativas de impor a soberania sobre o enclave cristão de Antioquia, eles deixaram os cruzados em paz, contentes por terem estabilizado seu império em ruínas. As tentativas de coordenar as forças cruzadas e bizantinas geralmente falharam.

Os Gregos foram encontrados em todos os estados dos cruzados, em todas as esferas da vida. Os mercadores Gregos eram ativos no comércio. Peregrinos, ex-soldados, artesãos e fazendeiros eram mais numerosos nos estados do norte de Antioquia e Edessa, mas podiam ser encontrados em qualquer lugar.

### Os Francos

Como já foi observado, os Francos que se estabeleceram nas Terras Santas eram diferentes em muitos aspectos dos recém-chegados. No entanto, eles tinham muitas coisas em comum, e a mais significativa delas era a fome por terra, que segundo o feudalismo era a base de todo poder. Eles queriam esculpir novos reinos feudais com base no modelo europeu. Eles rapidamente descobriram que isso era impraticável.

Na Europa, um cavaleiro vivia do excedente agrícola de seu feudo. Nas Terras Santas, onde a agricultura era, na melhor das hipóteses, uma atividade marginal, esses excedentes eram pequenos ou inexistentes. Um feudo no *Outremer* pode consistir em impostos, pedágios ou taxas em vez de terras; muitos feudos eram uma combinação de ambos. O comércio passou a ser aceito como uma atividade legítima da nobreza, uma ideia desprezada e às vezes até proibida na Europa.

Uma ênfase reduzida na agricultura significava que havia poucas casas senhoriais e grandes propriedades de terra. Os nobres passavam grande parte do tempo nas cidades, vivendo perto de mercadores, artesãos e demais habitantes da cidade. Essa sociedade urbana permitia um grau de mobilidade social desconhecido na Europa feudal. Casamentos que seriam impensáveis lá — como com as filhas de famílias ricas de comerciantes, por exemplo — eram excelentes casamentos aqui. Essas novas ideias foram exportadas para a Europa junto com as sedas e especiarias orientais.

Os monarcas europeus lutavam regularmente por terras, sucessão, soberania e outras questões. Até os nobres lutavam entre si e ocasionalmente se rebelavam contra seus reis. Se os papas esperavam que o zelo da cruzada superasse a ambição pessoal e unisse todos os cristãos contra os infiéis, ficaram desapontados. Em vez de trabalhar juntos para consolidar os reinos cristãos, os reis e príncipes Francos frequentemente se enfraqueciam com suas lutas internas.

## GUERRA NO OUTREMER

Os exércitos e táticas europeus eram ideais para lutar na Europa, mas, como outras manifestações do feudalismo, eram menos adequados às condições e oponentes que os cruzados encontraram nas Terras Santas.

### TÁTICAS E COMPOSIÇÃO

Acostumados a enfrentar outros cavaleiros nos campos de batalha europeus, os cruzados ficaram surpresos com a confiança muçulmana na mobilidade e no arremesso de projéteis. Eles adap-

taram um pouco seus equipamentos e táticas, mas sem dúvida não o suficiente para combater esse novo inimigo com eficácia.

### Exércitos Europeus

O braço de ataque de qualquer exército cristão era um núcleo de cavalaria blindada, composta de cavaleiros bem blindados e sargentos com armaduras mais leves, ambos armados com lança, espada e escudo. A cavalaria foi usada para esmagar as linhas inimigas em avanços em massa, enquanto a infantaria avançava para tirar vantagem da interrupção criada pelo avanço inicial.

A armadura aumentou em peso e cobertura — e custo — à medida que a era das Cruzadas avançava, o que tendia a aumentar as diferenças entre cavaleiros e sargentos montados. Ao mesmo tempo, porém, a Igreja e a alta nobreza faziam maior uso dos sargentos, e seus recursos permitiam aos sargentos um melhor equipamento. Dependendo do tempo e dos recursos de seus senhores, os sargentos podiam ser muito semelhantes aos cavaleiros ou radicalmente diferentes.

## Táticas em Mudança

Os cruzados descobriram rapidamente que suas táticas europeias não eram eficazes na *Outremer*. Os exércitos muçulmanos usavam um grande número de arqueiros, tanto a pé quanto montados, equipados com o superior arco composto. A maioria da cavalaria muçulmana preferia a mobilidade à armadura pesada e, diante de uma investida de cavalaria, eles recuavam, trazendo o inimigo para a frente e cansando pesadamente seus cavalos carregados enquanto os enchiam de flechas. Eles procuraram separar a cavalaria Franca da infantaria e atacar cada uma separadamente.

Os primeiros cruzados sofreram pesadas perdas em batalhas campais. Com uma boa organização e disciplina, eles podiam derrotar seus inimigos, mas a disciplina geralmente era fraca, especialmente entre a nobreza obstinada. Grupos de cavaleiros arrogantes perdiam a paciência e atacavam o inimigo, quebrando as formações Francas e dando aos Sarracenos a oportunidade de empregar seus arqueiros com mais eficácia. A cavalaria dos cruzados aprendeu da maneira mais difícil a operar em grupos menores usando investidas mais limitadas.

A infantaria foi usada para proteger a cavalaria dos arqueiros inimigos enquanto eles se preparavam para um ataque ou se reagrupavam após um. Como os líderes cristãos viram a eficácia dos arqueiros muçulmanos, a besta foi frequentemente adicionada ao equipamento padrão de infantaria de lança e escudo. Arqueiros nativos, geralmente cristãos Maronitas locais ou Turcópulos nominalmente cristãos, usavam arcos compostos. A maior parte da infantaria usava apenas armadura levemente acolchoada ou de couro, com algum tipo de capacete e escudo, embora a armadura pudesse variar de roupas leves às capturadas cotas de malha.

## Os Turcópulos

Os Turcópulos serviram entre os exércitos cruzados. Seu nome deriva do Grego *tourkopouloi*, que significa “filhos de Turcos”, e muitos eram descendentes de casamentos mistos Greco-Muçulmanos. Outros eram cristãos ortodoxos locais, ou convertidos do islamismo ao cristianismo — embora pelo menos alguns servissem sem se converter.

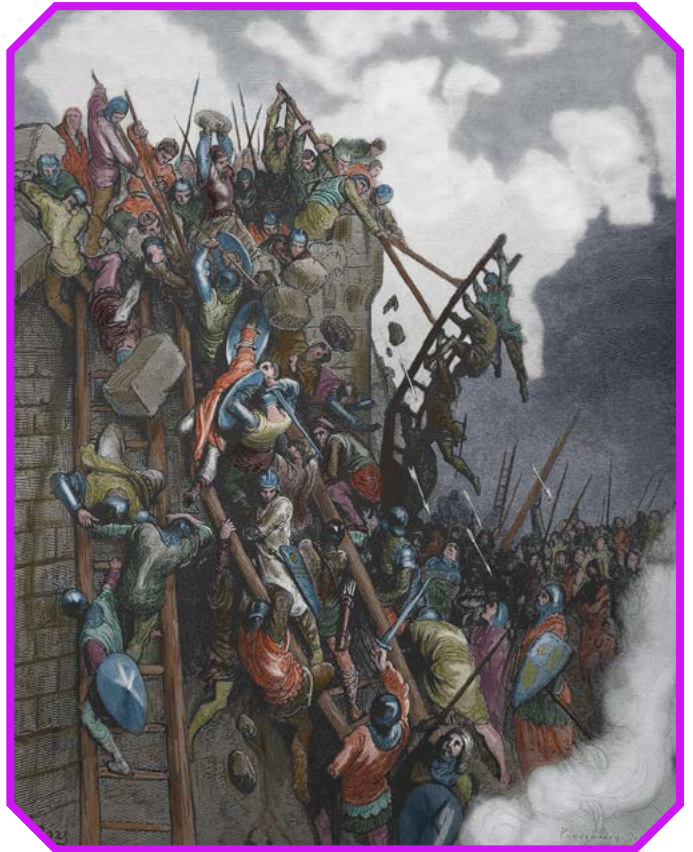
Os Turcópulos usavam equipamentos e táticas locais, e a maioria eram arqueiros montados. Arqueiros a cavalo muçulmanos leves e móveis causaram estragos entre os primeiros exércitos cruzados, e os Turcópulos foram uma adição valiosa aos exércitos cruzados, que anteriormente evitavam a cavalaria leve em favor de cavaleiros e sargentos montados.

Além de fornecer a seus empregadores uma força móvel armada com projéteis, os Turcópulos cumpriram as funções atribuídas à cavalaria leve nos exércitos pós-medievais: reconhecimento, escaramuças e hostilização dos flancos das forças inimigas. Eles também serviram como uma segunda linha de cavalaria, apoiando ataques de cavalaria mais pesada e explorando todas as aberturas que elas criavam.

Além do arco composto, os Turcópulos eram comumente equipados com uma lança e protegidos com um gibão acolchoado e um capacete de aço cônico. Eles eram considerados inferiores aos cavaleiros Francos e sofriam de várias restrições, incluindo não poder comer com eles.

Os líderes Turcópulos, chamados Turcopoleiro, agiam como oficiais e intérpretes e eram mais altos em hierarquia que os sargentos normais. As fileiras superiores dos Cavaleiros Templários incluíam um Turcopoleiro que comandava toda a cavalaria mercenária da Ordem.

Os Mamelucos, e provavelmente outras facções muçulmanas, consideravam os Turcópulos traidores e apóstatas, e os Turcópulos capturados eram geralmente mortos imediatamente. Após a queda de Acre, os Turcópulos foram para Chipre com as ordens militares, seguindo-os posteriormente para Rodas e Malta.



## CONDIÇÕES LOCAIS

Na Terra Santa, o próprio campo de batalha era mais importante do que na Europa. Calor, falta de água e terreno acidentado eram frequentemente fatores decisivos. Em Hatim, os muçulmanos usaram o calor e a falta de água dos cruzados a seu favor e praticamente os aniquilaram.

O terreno acidentado dificultava os ataques de cavalaria em massa e, especialmente na Anatólia, permitia que uma força local comparativamente pequena incomodasse um exército em marcha. Era quase impossível para um exército cruzado carregar comida e água suficientes para uma longa marcha, e os muçulmanos muitas vezes se aproveitavam dessa fraqueza despojando uma área de suprimentos e envenenando poços na frente do avanço dos cruzados.

O calor de *Outremer* era novo para os cruzados, e a temperatura do corpo de um cavaleiro ou sargento fortemente blindado poderia subir a níveis perigosos em batalha. A transpiração aumentava a desidratação e podia praticamente cegar um cavaleiro dentro de um capacete já restritivo. Muitos cruzados foram enfraquecidos por doenças locais, às quais não tinham resistência natural, antes mesmo de irem para o campo de batalha.



## CERCOS

O *GURPS Middle Ages* 1 contém informações adicionais sobre guerras medievais e cercos. O *GURPS Combate em Massa* pode ser usado para recriar cenários históricos.

### Castelos

Muitos dos maiores e mais impressionantes castelos medievais foram construídos nas Terras Santas, e a maioria das cidades também foi fortemente fortificada. Os castelos foram colocados em locais protegidos, como colinas íngremes ou promontórios, muitos locais de antigas fortificações Romanas ou Bizantinas que os cruzados repararam e melhoraram. Os castelos dos cruzados basearam-se no design das melhores fortificações Armênicas e Bizantinas, com refinamentos adicionais, como posições defensivas de artilharia.

Os castelos eram importantes como centros de governo e como locais de defesa, mas muitas vezes foram construídos para projetar o poder Franco, dominando as rotas de caravanas ou áreas nas quais os Francos tentavam se expandir. Castelos bem abastecidos também foram usados como bases ofensivas pelos exércitos dos cruzados.

Especialmente mais tarde nas Cruzadas, os Francos careciam de mão de obra para defender seus imponentes castelos. Quando Krak de Chevaliers caiu nas mãos dos Mamelucos, sua guarnição contava com apenas 200 homens, em vez dos mais de 2.000 para os quais foi projetada.

## Cidades

As cidades eram centros de comércio, especialmente portos como Acre, Tiro e Sidom. As cidades cruzadas também eram centros administrativos. Investir contra um porto exigia um bloqueio naval para evitar que a cidade fosse reabastecida por mar e, em alguns casos, os cruzados transformaram alguns de seus navios em torres de cerco flutuantes e plataformas de artilharia para atacar a partir do mar.

## Perigos

Um cerco era perigoso tanto para o atacante quanto para o defensor. Um grande exército geralmente precisava de tantos suprimentos quanto uma cidade, e um acampamento de cerco era tão vulnerável a doenças quanto qualquer povoado lotado — às vezes mais, porque as cidades e alguns castelos podiam contar com água potável de poços dentro de suas muralhas. Em mais de uma ocasião, um exército de socorro cercou uma força sitiante, prendendo-a entre dois inimigos.

## Terminando um Cerco

Castelos e cidades podiam ser tomados por assalto, submetendo os habitantes à fome ou por meio da traição interna. Os sitiados costumavam usar uma combinação dessas duas técnicas. Os cercos às cidades ou castelos importantes às vezes duravam anos; Acre passou quase quatro anos sob cerco durante a Terceira Cruzada.

Um cerco poderia ser levantado com a chegada de um exército de socorro que obrigasse os atacantes a se retirarem. Também poderia terminar se a força sitiante ficasse sem suprimentos ou fosse enfraquecida por uma doença. Ambos os resultados foram mais frequentes no *Outremer* do que na Europa.

## Táticas de Cerco

Durante a maior parte da era das cruzadas, a engenharia de cerco muçulmana era mais avançada do que a dos europeus. Os trabucos, a arma de cerco mais eficaz, provavelmente foram inventados na Ásia, embora os muçulmanos preferissem atacar as muralhas por demolição e uso de manganelas massivas. Os Francos preferiram usar enormes torres de cerco para colocar tropas fortemente blindadas em combate corpo a corpo com os defensores de uma muralha. Os engenheiros de cerco sempre foram bem pagos e muito procurados por ambos os lados.

*Nós fomos cegos. Ficamos orgulhosos em achar a cruz... e com nosso orgulho, lutamos para conquistar Jerusalém. Tentamos chegar com sangue ao local sagrado de Deus. Mas agora... Agora sofremos.*

*– Berengária, Princesa de Navarra, As Cruzadas*

# CAPÍTULO QUATRO

# PERSONAGENS

Um galante cavaleiro cavalcando pelo deserto não é a única opção de personagem em **GURPS Cruzadas**. Em uma campanha baseada nas Cruzadas, um personagem pode ser qualquer coisa, de comerciante a mercenário, de Sarraceno a um furtivo Assassino.

Os modelos neste capítulo assumem um jogo típico de 150 pontos e são adequados para um estilo de campanha aventureiro. Eles podem ser ajustados para diferentes estilos de campanha a critério do MJ.

## VANTAGENS E DESVANTAGENS

As seguintes características merecem uma discussão especial em uma campanha de **GURPS Cruzadas**. Veja também *Espécimes Não Tão Perfeitos* (caixa abaixo).

### **Antecedentes Incomuns**

veja pág. MB39

Os cavaleiros cristãos tinham antecedentes semelhantes. Se eles não tivessem os antecedentes corretos, não teriam sido nomeados cavaleiros. Em uma campanha realista, o MJ deve ficar atento a essa vantagem. Pode ser mais aplicável em uma campanha cinematográfica.

### **Clericato**

veja pág. MB47

Guerreiros religiosos (pág. 33) nas ordens militares fazem votos semelhantes aos dos monges. Eles são piedosos e passam muito tempo fora do campo de batalha em buscas religiosas. No entanto, eles não são sacerdotes ou clérigos no sentido clássico. Eles não podem realizar casamentos, conduzir exorcismos ou ouvir

confissões. É possível, mas altamente improvável, que ex-clérigos possam ingressar nas ordens militares.

### **Hábitos Detestáveis**

veja pág. MB22

As Cruzadas ocorreram em uma época em que os padrões de higiene pessoal eram bastante baixos. Tomar banho, mesmo que uma vez por mês, era raro para as classes altas. O que hoje consideramos um Hábito Detestável era uma falha cotidiana na época; o MJ deve ser cuidadoso ao determinar o valor dessa desvantagem. Nas Terras Santas, os Francos que lá moravam adotaram alguns hábitos muçulmanos de limpeza; isso pode entrar em jogo em campanhas estendidas.

### **Idiomas**

veja pág. MB23

Na época das Cruzadas, a grande maioria das pessoas (incluindo cavaleiros e nobres) era analfabeta. Alguns cavaleiros e nobres falavam línguas diferentes das deles; alguns falavam muitas línguas. Assim, qualquer personagem pode reduzir a compreensão escrita de seu idioma nativo (veja *Alfabetização*, págs. MB24–25), além das opções de desvantagem em seu modelo. Isso não conta contra quaisquer limites de desvantagem. Além disso, seria razoável e realista para o MJ limitar os idiomas adicionais à compreensão falada apenas.

### ***Espécimes Não Tão Perfeitos***

Os cruzados lutaram com deficiências que impediriam um homem moderno de ingressar nas forças armadas. Um cavaleiro nasceu com status de guerreiro, e perder um olho ou um par de dedos não lhe daria dispensa médica. Nomes como “Fulque, o Gordo” ou “Rafael, o Aleijado” eram bastante comuns na história medieval. O MJ deve ser flexível ao permitir que os cavaleiros sofram desvantagens físicas.

## MODELOS

Os modelos a seguir representam PdMs típicos ou PdJs iniciais. Qualquer modelo pode ser ajustado e personalizado para se adequar à visão que o jogador tem de seu personagem, ou simplesmente usado como fonte de ideias ao criar um personagem do zero. Em um jogo de 150 pontos, os jogadores que usarem esses modelos terão 20 pontos restantes (ou até 25 pontos, após pecu-

liaridades) para personalizar ainda mais seus personagens; esses pontos adicionais podem aumentar as habilidades adquiridas no modelo, mas também podem comprar outras perícias e características para ajudar a diferenciar cada herói.

Para mais detalhes sobre armas e armaduras, veja **GURPS Low-Tech**.

# ASSASSINO

130 pontos

Este modelo é representativo da fanática seita Ismaelita. A maioria dos Assassinos vinha das classes mais baixas e era bastante jovem; eles poderiam ter qualquer antecedente. Eles geralmente estavam em boa forma e teriam outras perícias oriundas dos ofícios que seguiram antes de serem recrutados. Além da profissão

que escolheram, eles também cultivaram outros ofícios comuns para se adaptarem durante as missões.

Os Assassinos eram fanáticos em sua devoção ao cumprimento de suas missões e na obediência às suas ordens. Eles só revelariam os segredos dos Assassinos sob tortura. Eles preferiam matar suas vítimas em locais públicos para espalhar o medo. Além do assassinato, outras missões dos Assassinos incluíam reconhecimento e espionagem. Havia muita intriga em torno das missões dos Assassinos, e um Assassino pode não saber as motivações por trás das ordens que recebeu.

Embora a maioria dos Assassinos tenha morrido realizando assassinatos públicos, alguns foram capturados. Embora estivessem dispostos a morrer por sua causa, não há evidências históricas de Assassinos sendo ordenados a cometer suicídio para evitar a captura.

## Equipamento Sugerido

Aqui estão os arsenais típicos para vários guerreiros da era dos cruzados que os PdJs podem interpretar ou encontrar.

### Cavaleiro

As armas típicas de um cavaleiro são lança, espada de lâmina larga, escudo e adaga. A armadura de um cavaleiro geralmente aumentava em cobertura, peso e custo com o passar do tempo. Os elmos ficaram mais pesados e totalmente fechados. Couraças para cotas de malha aumentadas nas costas e no peito e armaduras de pernas, braços e mãos tornaram-se mais comuns. Veja as *Observações de Personalização* para o Cavaleiro Cruzado (pág. 33) para mais ideias.

### Sargento

Um sargento montado usava as mesmas armas de um cavaleiro, mas usava uma armadura menos pesada. A cota de malha era mais comum do que a placa, e os elmos eram menos propensos a serem fechados.

### Infantaria

Um soldado de infantaria geralmente estava armado com uma lança e uma adaga ou espada curta. A armadura era leve ou totalmente ausente, mas quase todos os soldados de infantaria tinham escudos. Mais tarde, nas Cruzadas, as bestas foram adicionadas ao equipamento de algumas unidades de infantaria.

### Arqueiro a Pé

Os arqueiros a pé europeus não eram tão comuns durante as Cruzadas quanto se tornariam nas guerras europeias posteriores. Eles estavam armados com um arco longo e uma adaga ou espada curta, e não tinham armadura.

### Turcópulo

Os Turcópulos (pág. 29) estavam armados com uma lança, ou lança e um arco composto, e armaduras mais leves do que os sargentos montados. Eles também tinham adagas ou espadas para combate corpo a corpo, embora contassem com sua velocidade e disparo de projéteis sempre que possível.

### Turcomeno

Os Turcomenos serviram aos turcos Seljúcidas nos séculos XI e XII. A infantaria estava armada com espada e arco. Seus líderes usavam cota de malha, mas os escalões inferiores geralmente usavam gibões acolchoados ou outras armaduras leves. Os cavaleiros eram arqueiros a cavalo. Todos usavam elmos de aço cônicos e muitos usavam pequenos escudos redondos.

### Cavaleiro Sarraceno

A cavalaria pesada dos exércitos muçulmanos era mais leve que os cavaleiros Europeus. Os cavalos não tinham armadura e os cavaleiros usavam cota de malha ou cota de escamas na parte superior do corpo e carregavam escudos. Eles estavam armados com lanças pesadas, ou lanças leves e espadas.

**Atributos:** ST 10 [0]; DX 13 [60]; IQ 11 [20]; HT 12 [20].

**Características Secundárias:** Dano 1d-2/1d; BC 10 kg; PV 0 [0]; Vontade 11 [0]; Per 11 [0]; PF 12 [0]; Velocidade Básica 6,25 [0]; Deslocamento Básico 6 [0].

**Vantagens:** Um total de 30 pontos a serem gastos em vantagens escolhidas entre ST +1 a +3 [10/nível], Vontade +1 a +3 [5/nível], Per +1 ou +2 [5/nível], Ambidestria [5], Deslocamento Básico +1 [5], Hipoalgia [10], Senso de Direção [5], ou Visão Noturna [1/nível].

**Desvantagens:** Doutrinas Religiosas (Asceticismo) [-15] e Fanatismo Extremista [-15]. • Outros -10 pontos em desvantagens escolhidas entre Excesso de Confiança [-5\*], Obsessão (qualquer) [-5\* ou -10\*], Senso do Dever (Culto Assassino) [-5], ou Voto [Varia].

**Perícias Primárias:** Corrida (M) HT [2]-12; Disfarce (M) IQ+1 [4]-12; Faca (F) DX+2 [4]-15; Furtividade (M) DX+1 [4]-14; Perseguição (M) IQ+1 [4]-12; e Venefício (D) IQ [4]-11.

**Perícias Secundárias:** Arrombamento (M) IQ [2]-11 e Sobrevivência (Deserto) (M) Per [2]-11. • Uma entre Costura ou Trabalhos em Couro, ambas (F) DX+1 [2]-14; Alvenaria ou Carpintaria, ambas (F) IQ+1 [2]-12; Artista (Cerâmica ou Marcenaria) (D) IQ-1 [2]-10; ou Perícia Profissional (qualquer ofício), todas (M) DX [2]-13 ou (M) IQ [2]-11.

**Perícias de Antecedentes:** Seis entre Garrote (F) DX+1 [2]-14; Fuga, Prestidigitação, ou Punga, todas (D) DX-1 [2]-12; Conhecimento do Terreno (qualquer) (F) IQ+1 [2]-12; Caminhada (M) HT [2]-12; Captação (F) Per+1 [2]-12; ou Rastreamento ou Sobrevivência (Montanhas), ambas (M) Per [2]-11.

\* Multiplicada pelo número de autocontrole; pág. MB120.

## Observações de Personalização

Assassinos viviam uma vida ascética, mas eram bem alimentados e em boa forma física. O MJ deve ser cauteloso ao permitir quaisquer desvantagens físicas que interfiram na habilidade de um assassino de se disfarçar ou se misturar ao ambiente.

# CAVALEIRO CRUZADO

130 pontos

Este modelo representa um típico cruzado da classe cavaleiresca/nobre. Cavaleiros com armaduras eram o coração de qualquer exército cruzado. Eles também foram a força motriz na política, colonização e administração dos cruzados. Embora venham de muitos reinos europeus diferentes, a classe dos cavaleiros no *Outremer* tem um antecedente social bastante comum e treinamento militar semelhante.

Os cavaleiros dessa época eram quase sempre analfabetos. Embora pudessem ser devotos, suas preocupações geralmente giravam em torno dos interesses da família e da classe, em vez de Deus, do país e do bem comum. Entre campanhas ativas ou incursões punitivas, um cavaleiro com terras passava seu tempo espalhando a justiça, mantendo seu feudo e engajando-se (ou apenas sobrevivendo) na política dos cruzados.

Os cavaleiros recém-chegados ou sem terras tinham menos responsabilidades, mas estavam sempre sem dinheiro, dando-lhes maior liberdade para se aventurar e um maior incentivo para fazê-lo.

Importantes não apenas como guerreiros, mas como pilares da sociedade dos cruzados, os cavaleiros desempenharão um papel importante em qualquer aventura. As classes mais baixas procuravam a liderança dos cavaleiros. Em um grupo de aventureiros, personagens não nobres podem na verdade ser servos e lacaios de um cavaleiro.

**Atributos:** ST 12 [20]; DX 13 [60]; IQ 10 [0]; HT 11 [10].

**Características Secundárias:** Dano 1d-1/1d+2; BC 14 kg; PV 12 [0]; Vontade 10 [0]; Per 10 [0]; PF 11 [0]; Velocidade Básica 6,00 [0]; Deslocamento Básico 6 [0].

**Vantagens:** Status 1 [5]. • Um total de 40 pontos a serem gastos em vantagens dentre ST +1 a +2 [10/nível], IQ +1 [20], HT +1 a +2 [10/nível], Boa Forma [5], Destemor [2/nível], Equipamento Característico [Varia], Herdeiro† [5], Idiomas [Varia], Patrono [Varia], Reflexos em Combate [15], Reputação [Varia], Riqueza [Varia], ou Status 2+ [5/nível].

**Desvantagens:** Um total de -40 pontos em desvantagens escolhidas entre Briguento [-10\*], Cobiça [-15\*], Código de Honra (Cavaleiros) [-15], Dever [Varia], Estigma Social (Renegado) [-5], Excesso de Confiança [-5\*], Fanatismo [-15], Insensível [-5], Intolerância [-5 ou -10], Irritabilidade [-10\*], Sanguinolência [-10\*], ou Voto [Varia].

**Perícias Primárias:** Cavalgar (Cavalo) (M) DX [2]-13. • *Um* entre os seguintes pacotes de perícias:

1. Escudo (F) DX+1 [2]-14, Espadas de Lâmina Larga (M) DX+2 [8]-15, e Lança de Justa (M) DX [2]-13. • *Uma* entre Maça/Machado (M) DX [2]-13 ou Mangual (D) DX-1 [2]-12.
2. *Uma* entre Maça/Machado (M) DX+2 [8]-15 ou Mangual (D) DX+1 [8]-14. • Espadas de Lâmina Larga e Lança de Justa, ambas (M) DX [2]-13; e Escudo (F) DX+1 [2]-14.
3. Escudo (F) DX+2 [4]-15 e Lança de Justa (M) DX+2 [8]-15. • *Uma* entre Espadas de Lâmina Larga ou Maça/Machado, ambas (M) DX [2]-13; ou Mangual (D) DX-1 [2]-12.

**Perícias Secundárias:** Faca (F) DX [1]-13; Liderança (M) IQ+1 [4]-11; e Tática (D) IQ [4]-10.

**Perícias de Antecedentes:** Heráldica (M) IQ [2]-10. • *Quatro* entre Briga(F)DX+1 [2]-14; Primeiros Socorros (F) IQ+1 [2]-11; Falcaria ou Política, ambas (M) IQ [2]-10; Diplomacia ou Estratégia (Terrestre), ambas (D) IQ-1 [2]-9; ou Boemia (F) HT+1 [2]-12.

\* Multiplicada pelo número de autocontrole; pág. MB120.

† Uma vantagem potencial; veja pág. MB33.

## Observações de Personalização

No início das Cruzadas, a armadura de um cavaleiro típico consistia em um *gambeson* usado sob uma longa cota de malha e uma coifa com uma touca de aço simples. Ele pode ter usado perneiras de malha. Seu escudo era grande e em forma de pipa, possivelmente com seu emblema heráldico. Mais tarde, nas Cruzadas, uma couraça laminada (de couro ou ferro) foi adicionada à cota de malha, com um elmo mais pesado de face inteira. A *capelina* (capacete de abas largas) e perneiras de malha também foram populares nas Cruzadas posteriores; escudos eram menores e marcas heráldicas mais comuns. Cavalos, armas e equipamentos são muito caros em uma campanha medieval realista; a vantagem Riqueza seria muito útil.

Este modelo também pode ser ligeiramente adaptado para um *sargento* — um cavaleiro não nobre. As armas, perícias primárias e algumas perícias secundárias de um sargento seriam semelhantes às de um cavaleiro; seu antecedente seria diferente, no entanto, e ele geralmente usaria menos armadura.

Para armas típicas de cavaleiros e sargentos, veja *Equipamento Sugerido* (pág. 32).

# GUERREIRO RELIGIOSO

130 pontos

A rigor, os cavaleiros das ordens militares não eram cruzados. Eles eram guerreiros que faziam votos de pobreza, castidade e obediência como monges, e juravam serviço militar à Igreja para proteger as Terras Santas. Eles viviam uma existência quase Espartana em quartéis e passavam seu tempo livre em oração e treinamento.

Havia muitas ordens militares em toda a Europa, mas apenas três desempenharam papéis significativos nas Cruzadas. Os Templários e Hospitalários, ambos fundados na primeira metade do século XII, foram os mais importantes para os reinos cruzados. Os cavaleiros teutônicos, fundados em 1198, eram quase exclusivamente uma ordem Alemã e desempenharam um papel menor nos últimos anos das Cruzadas. Suas maiores campanhas foram na Europa Oriental, em cruzadas contra os pagãos na Polônia e na Lituânia.

Um guerreiro religioso tem muitas ocasiões para uma interpretação interessante. Esses guerreiros guarneceram muitos castelos importantes e estiveram envolvidos em quase todas as grandes campanhas durante as Cruzadas.

Os membros das ordens religiosas militares estavam armados como Cavaleiros Cruzados (pág. 33) e usavam as mesmas táticas. Eles diferiam principalmente em suas motivações, limitações e organização. Na batalha, as ordens militares eram famosas por sua bravura e tenacidade. Eles raramente se rendiam e muitas vezes lutavam até a morte. Se capturado, um guerreiro religioso normalmente não seria resgatado.

**Atributos:** ST 12 [20]; DX 13 [60]; IQ 10 [0]; HT 11 [10].

**Características Secundárias:** Dano 1d-1/1d+2; BC 14 kg; PV 12 [0]; Vontade 10 [0]; Per 10 [0]; PF 11 [0]; Velocidade Básica 6,00 [0]; Deslocamento Básico 6 [0].

**Vantagens:** Imunidade Legal [15] e Patrono (Igreja; 6 ou menos; Equipamento, +50%) [15]. • Um total de 15 pontos a serem gastos em vantagens escolhidas entre ST +1 [10], HT +1 [10], Vontade +1 a +3 [5/nível], Boa Forma [5], Carisma [5/nível], Idiomas (Latim ou outra) [Varia], Reflexos em Combate [15], Reivindicar Hospitalidade (Ordem Religiosa) [Varia], ou Status [5/nível].

**Desvantagens:** *Uma* entre Dever (Igreja; 15 ou menos) [-15] ou Fanatismo [-15]. • Um total de -25 pontos em desvantagens escolhidas entre essas duas e/ou Doutrinas Religiosas [Varia], Excesso de Confiança [-5\*], Impulsividade [-10\*], Intolerância [-5 ou -10], Sanguinolência [-10\*], Senso do Dever [Varia], ou Voto [Varia].

**Perícias Primárias:** Cavalgar (Cavalo) (M) DX [2]-13; Faca (F) DX [1]-13; e Teologia (Cristã) (D) IQ [4]-10. • *Um* entre os seguintes pacotes de perícias:

1. Escudo (F) DX+1 [2]-14, Espadas de Lâmina Larga (M) DX+2 [8]-15, e Lança de Justa (M) DX [2]-13. • *Uma* entre Maça/Machado (M) DX [2]-13 ou Mangual (D) DX-1 [2]-12.
2. *Uma* entre Maça/Machado (M) DX+2 [8]-15 ou Mangual (D) DX+1 [8]-14. • Espadas de Lâmina Larga e Lança de Justa, ambas (M) DX [2]-13; e Escudo (F) DX+1 [2]-14.
3. Escudo (F) DX+2 [4]-15 e Lança de Justa (M) DX+2 [8]-15. • *Uma* entre Espadas de Lâmina Larga ou Maça/Machado, ambas (M) DX [2]-13; ou Mangual (D) DX-1 [2]-12.

**Perícias Secundárias:** Conhecimento Oculto (Objetos Religiosos) (M) IQ [2]-10; Liderança (M) IQ [2]-10; e Tática (D) IQ-1 [2]-9.

**Perícias de Antecedentes:** Quatro entre Diplomacia, Estratégia (Terrestre), ou Naturalista, todas (D) IQ-1 [2]-9; Falcoaria ou Heráldica, ambas (M) IQ [2]-10; Primeiros Socorros (F) IQ+1 [2]-11; ou Rastreamento (M) Per [2]-10.

\* Multiplicada pelo número de autocontrole; pag. MB120.

## Observações de Personalização

As ordens militares construíram grandes frotas para transportar peregrinos e combater piratas. Os cavaleiros marítimos tinham perícias como Navegação (Mar) e Tripulante de Navio, além das perícias fornecidas no modelo.

Como parte de grandes organizações, os guerreiros religiosos não tinham a preocupação de se equipar; as despesas eram pagas pelas suas ordens. (Veja os arsenais de cavaleiro e sargento em *Equipamento Sugerido*, pág. 32, para ideias de armas e armaduras.) As únicas autoridades que eles reconheceram foram o papa e o grão-mestre de sua própria ordem. As ordens religiosas oferecem grande proteção e apoio aos PdJs, mas limitam sua liberdade de ação.

Latim é uma exceção ao dito em *Idiomas* (pág. 31), no sentido de que a compreensão escrita é pelo menos tão comum quanto a falada.

# GUERREIRO SARRACENO

130 pontos

Este modelo representa um típico nobre guerreiro muçulmano. A sociedade muçulmana era semifeudal. Em teoria as tribos beduínas árabes elegiam seus líderes democraticamente, mas na prática certas famílias dominavam a liderança e chegavam a ser tratadas como nobres. As sociedades Persa e Síria eram antigas monarquias com uma elite feudal. Os Turcos eram um povo tribal com clãs e famílias dominantes.

No entanto, o Islã teve uma forte influência em todas essas sociedades, ensinando que todos os homens são iguais aos olhos de Alá. Na época das Cruzadas, no entanto, a maior parte do Islã era uma sociedade aproximadamente feudal com mobilidade social um pouco mais ascendente do que na Europa contemporânea.

Os governantes dos reinos islâmicos eram Califas hereditários. Sob os Califas havia uma classe de Emires que prestavam serviços em troca de terras, como os cavaleiros ocidentais. Guerreiros ou senhores da guerra proeminentes recebiam status elevado nos exércitos islâmicos.

O povo islâmico respeitava tanto a riqueza (obtida por meio de trabalho árduo ou herança) quanto a erudição. Um guerreiro Sarraceno poderia atingir um status elevado por meio de feitos de guerra, erudição, riqueza adquirida ou uma combinação de todos. Os nobres islâmicos eram mais diversos racial e culturalmente do que seus equivalentes cristãos.

Embora a alfabetização certamente não fosse universal, nobres alfabetizados em um exército islâmico eram mui-

to mais comuns do que cavaleiros alfabetizados em um exército cruzado (*Idiomas*, pág. 31). Mais informações sobre a sociedade Árabe podem ser encontradas em *GURPS Noites da Arábia*.

**Atributos:** ST 11 [10]; DX 13 [60]; IQ 10 [0]; HT 12 [20].

**Características Secundárias:** Dano 1d-1/d+1; BC 12 kg; PV 11 [0]; Vontade 10 [0]; Per 10 [0]; PF 12 [0]; Velocidade Básica 6,25 [0]; Deslocamento Básico 6 [0].

**Vantagens:** Um total de 40 pontos a serem gastos em vantagens escolhidas entre ST +1 ou +2 [10/nível], IQ +1 [20], HT +1 [10], Carisma [5/nível], Equipamento Característico [Varia], Idiomas [Varia], Reflexos em Combate [15], Riqueza [Varia], ou Status [5/nível].

**Desvantagens:** Doutrinas Religiosas (Ritualismo) [-5]. • Um total de -35 pontos em desvantagens escolhidas entre Código de Honra (Cavaleiros, Soldados, ou Cavaleiros) [-10, -10, ou -15], Excesso de Confiança [-5\*], Fanatismo [-15], Intolerância [-5 ou -10], Irritabilidade [-10\*], Sanguinolência [-10\*], ou Voto [Varia].

**Perícias Primárias:** Arco (M) DX+1 [4]-14; Cavalgar (Cavalo) (M) DX+1 [4]-14; Escudo (F) DX+1 [2]-14; Espadas de Lâmina Larga (M) DX+1 [4]-14; Faca (F) DX+1 [2]-14; e Lança de Justa (M) DX+1 [4]-14.

**Perícias Secundárias:** Conhecimento do Terreno (País Pequeno) (F) IQ+1 [2]-11; Armeiro (Armas de Combate Corpo a Corpo ou Armas de Projétil) (M) IQ+1 [4]-11; Oratória (M) IQ [2]-10; e Sobrevivência (Deserto) (M) Per+1 [4]-11.

**Perícias de Antecedentes:** Quatro entre Camuflagem (F) IQ+1 [2]-11; Captação (F) Per+1 [2]-11; Falcoaria (M) IQ [2]-10; Primeiros Socorros (F) IQ+1 [2]-11; Rastreamento (M) Per [2]-10; ou Tática (D) IQ-1 [2]-9.

\* Multiplicada pelo número de autocontrole; pag. MB120.

## Observações de Personalização

A armadura típica de um sarraceno consistia em cota de malha e estofamento, semelhante à de um cruzado, mas um pouco mais leve. Seu escudo era médio e redondo; seu elmo era geralmente um quepe de aço simples. Para ideias de armas, veja o arsenal do cavaleiro Sarraceno em *Equipamento Sugerido* (pág. 32).

Os nobres sarracenos estavam mais preocupados com sua aparência do que seus equivalentes cristãos. Frequentemente, a armadura sarracena era costurada em suas roupas. Isso pode fazê-los parecer desarmados à distância.

A cavalaria sarracena geralmente vinha das classes abastadas. Frequentemente eram alfabetizados e cultos, familiarizados com a poesia e o Alcorão. A Riqueza é uma vantagem útil para pagar o caro equipamento de que um nobre Sarraceno precisava.

Uma vez que os guerreiros Sarracenos vieram de uma formação mais variada do que os cavaleiros cristãos, o MJ deveria permitir mais liberdade na seleção de perícias de antecedentes, bem como permitir que os jogadores mudassem pontos entre as perícias primárias para criar mais especialistas. Por exemplo, seria perfeitamente razoável criar um guerreiro com Arco (M) DX+2 [8]-15, Espadas de Lâmina Larga (M) DX [2]-13 e Lança de Justa (M) DX [2]-13, que concentra-se em combate à distância mais do que no corpo a corpo.

## Um Tesouro de Guerreiros

Os leitores que procuram modelos de personagens adicionais podem encontrar inspiração em *GURPS Warriors*, que possui mais de duas dezenas de modelos para lutadores de todos os tipos. Trata-se de um livro do *GURPS Terceira Edição*, e a *Atualização GURPS* (disponível gratuitamente em [sjgames.com/gurps/books/update](http://sjgames.com/gurps/books/update)) será útil para atualizá-los para as regras da *Quarta Edição*.

# CAPÍTULO CINCO

## BIOGRAFIAS

Este capítulo descreve alguns dos personagens pitorescos que fizeram história nas Cruzadas. As estatísticas para o **GURPS** são fornecidas para Ricardo I e Saladino, que podem aparecer em uma campanha cinematográfica.

### RICARDO I

407 pontos

Ricardo I da Inglaterra, popularmente conhecido como Ricardo Coração de Leão, nasceu em setembro de 1157. O filho sobrevivente mais velho de Henrique II, foi criado na corte de sua mãe na França. Altamente treinado nas artes da guerra, ele passou grande parte de sua juventude e início da idade adulta em campanha pela França, defendendo as propriedades de sua família e até mesmo se rebelando brevemente contra seu pai.

Perdoado por seus crimes, Ricardo tornou-se herdeiro de Henrique após a morte de seu irmão mais velho, Henrique, o Jovem Rei, em 1183. Ricardo assumiu o trono após a morte de seu pai em setembro de 1189. Ele havia tomado a cruz dois anos antes e passou muito pouco tempo na Inglaterra antes de partir para a Terceira Cruzada em 1190.

Ricardo planejava levar suas forças para a Palestina em conjunto com as do rei Filipe II da França, que havia tomado a cruz ao mesmo tempo. Ricardo passou o inverno na Sicília na corte do rei Tancredo, mas eclodiram combates entre suas forças Inglesas e os Normandos Sicilianos. Ricardo rapidamente subjugou a Sicília antes de continuar em direção à Terra Santa. No caminho, o navio que transportava sua irmã Joana da Inglaterra e sua futura noiva Berengária de Navarra foi atacado pelas forças do governante Grego de Chipre. Em retaliação, Ricardo conquistou o Chipre rapidamente. Depois de se casar com Berengária Lá, Ricardo seguiu para a Palestina.

Ele se juntou ao cerco cruzado de Acre em julho de 1191. Acre estava sob cerco por quase dois anos, mas os próprios cruzados estavam cercados por um grande exército muçulmano sob o comando de Saladino. Com a chegada de Ricardo, porém, Acre logo caiu para os cruzados. Após a queda da cidade, Ricardo ordenou que todos os prisioneiros fossem executados; milhares foram mortos. Ele brigou com Leopoldo da Áustria e Filipe II acerca dos despojos da cidade, e Filipe abandonou furiosamente a Cruzada e voltou para a França.

Ao sul de Acre, Ricardo derrotou o exército de Saladino em Arçufe, mas foi derrotado em suas tentativas de retomar Jerusalém. Sentindo que Saladino não poderia ser derrotado rapidamente e preocupado com os problemas na Inglaterra, Ricardo concluiu uma trégua com Saladino em setembro de 1192 que permitiu o acesso a Jerusalém e estabilizou a situação nos Reinos Latinos.

No caminho para casa, Ricardo foi capturado e mantido como refém por seu antigo inimigo Leopoldo da Áustria. Ele finalmente retornou à Inglaterra em 1194. Ele passou os cinco anos seguintes fazendo campanha contra Filipe na França, mas foi morto em novembro de 1199 durante o cerco de um castelo menor. Sua captura de Chipre e seu controle da ofensiva de Saladino foram contribuições vitais para as Cruzadas, e ele é lembrado como o maior líder militar cristão da época.

**ST** 14 [40]; **DX** 13 [60]; **IQ** 12 [40]; **HT** 13 [30].  
Dano 1d/2d; BC 19 kg.; PV 14 [0]; Vontade 15 [15]; Per 12 [0]; PF 13 [0].

Velocidade Básica 6,50 [0]; Deslocamento Básico 6 [0]; Esquiva 10\*; Aparar 11\* (Espadas de Lâmina Larga).  
1,93 m; 112,5 kg.

### Antecedentes Sociais

**NT:** 3 [0].

**FC:** Ocidental [0].

**Idiomas:** Inglês (Com Sotaque) [4]; Francês (Materna) [0]; Latim (Com Sotaque) [4].

*Eu nasci de uma  
posição que não reconhece  
superior senão Deus.*

– Ricardo I

### Vantagens

Boa Forma [5]; Carisma 3 [15]; Reflexos em Combate [15]; Reputação +3 (Líder respeitado; Todos) [15]; Riqueza (Multimilionário 3) [125]; Status 7 [20]†.

### Desvantagens

Código de Honra (Cavaleiros) [-15]; Egoísmo (12) [-5]; Excesso de Confiança (9) [-7]; Impulsividade (12) [-10]; Obsessão (Trazer às Terras Santas para Cristo) (12) [-10]; Senso do Dever (Reino) [-10].

### Perícias

Arco (M) DX [2]-13; Cavalgar (Cavalo) (M) DX+1 [4]-14; Conhecimento do Terreno (França) (F) IQ+3 [8]-15; Diplomacia (D) IQ+2 [12]-14; Escudo (F) DX+1 [2]-14; Espadas de Lâmina Larga (M) DX+1 [4]-14; Estratégia (Terrestre) (D) IQ+2 [12]-14; Faca (F) DX [1]-13; Falcoaria (M) IQ [2]-12; Lança de Justa (M) DX+1 [4]-14; Liderança (M) IQ+3 [2]-15‡; Maça/Machado (M) DX [2]-13; Oratória (M) IQ+2 [1]-14‡; Política (M) IQ+2 [8]-14; Tática (D) IQ+2 [12]-14.

\* Inclui +1 pelos Reflexos em Combate.

† Inclui +3 pela Riqueza.

‡ Inclui +3 pelo Carisma.

# SALADINO

402 pontos

Saladino foi o maior líder militar muçulmano das Cruzadas. Piedoso e devoto, foi um político astuto e um excelente general. Nascido em uma família guerreira em Tikrit em 1138, Saladino foi criado como um muçulmano devoto e mostrou desde cedo uma inclinação para a erudição religiosa.

Tanto seu pai Aiube quanto seu tio Shirkuh foram líderes de guerra sob o comando do grande Noradine. Na idade adulta, Saladino recebeu posições de crescente poder e responsabilidade, e frequentemente acompanhava seu pai e tio em campanha.

Ele acompanhou Shirkuh em campanhas contra o Egito Fatímida em 1164, 1167 e 1168. Durante essas guerras triplas com os exércitos cristão e Fatímida, ele ganhou experiência e fama. A certa altura, ele foi nomeado cavaleiro por bravura por Humberto de Toron.

Saladino foi nomeado Vizir do Egito sob o governante fantoche Fatímida em 1169, governando pelos Xiitas Fatímidas enquanto ainda era tenente do governante Sunita Noradine. Apesar da derubada dos Fatímidas em 1171, ele permaneceu governador do Egito até a morte de Noradine.

A morte de Noradine em 1174 deu a Saladino a oportunidade de unir os muçulmanos na Palestina, Síria e Egito e cumprir seu antigo objetivo de aniquilar os estados cruzados.

O Rei Amalrico de Jerusalém também morreu em 1174. Os sucessores de ambos os lados eram meninos, deixando Saladino como o governante mais forte do Oriente Médio.

Saladino começou sua *jiḥad* com uma ofensiva contra postos avançados cristãos em Gaza e no Sinai em 1170. Ele havia conquistado a maior parte da Síria em 1176, embora não pudesse subjugar totalmente as fortalezas dos Assassinos. Os Assassinos eram inimigos persistentes que tentaram matar Saladino várias vezes. Ele foi controlado pelos exércitos cruzados na batalha de Ramala em Gaza em 1177.

Lutando contra os exércitos combinados dos cruzados em 1179, Saladino capturou a maior parte da liderança cristã, incluindo o Rei Balduíno de Jerusalém, Raimundo de Trípoli e os grão-mestres dos Templários e dos Hospitalários. Isso levou a uma trégua de dois anos com os cruzados. Movendo sua capital para Damasco, Saladino estendeu seu domínio ao norte da Síria e à Mesopotâmia.

Com seu império unido, Saladino retornou aos reinos cruzados divididos e enfraquecidos. Doentio, o Rei Balduíno IV foi incapaz de controlar seus barões indisciplinados; eles estavam minando ativamente o reino quebrando tréguas e atacando os muçulmanos.

Após um ataque aos peregrinos muçulmanos por Reinaldo de Châtillon (abaixo) em 1186, Saladino iniciou uma ofensiva em grande escala. Movendo-se para a Galileia, ele atraiu o exército cristão combinado para atacá-lo em Hatim no verão de 1187. Durante esta batalha, ele destruiu ou capturou a maioria dos líderes cristãos e seus exércitos. A maioria das outras fortalezas dos cruzados caiu rapidamente para seus exércitos. Ele foi finalmente detido no cerco de Tiro em dezembro de 1187.

Os cruzados se reagruparam e sitiaram sua recém-capturada cidade de Acre em 1189. Saladino foi forçado a intervir, mas grande parte de suas forças se dispersou. Embora pudesse cercar os exércitos dos cruzados fora de Acre, não poderia destruí-los ou levantar o cerco.

Reforçado pelos cruzados ingleses liderados por Ricardo I, Acre caiu em julho de 1191. Saladino foi derrotado em Arçufe em setembro daquele ano. Convencido de que não poderia derrotar o rei Inglês, ele assinou uma trégua em setembro de 1192 para ganhar tempo até que Ricardo voltasse para a Inglaterra. Saladino adoeceu e morreu alguns meses depois.

**ST** 10 [0]; **DX** 11 [20]; **IQ** 14 [80]; **HT** 9 [-10].

Dano 1d-2/1d; BC 10 kg; PV 10 [0]; Vontade 17 [15]; Per 14 [0]; PF 9 [0].

Velocidade Básica 5,00 [0]; Deslocamento Básico 5 [0]; Esquiva 8; Aparar 10 (Espadas de Lâmina Larga).  
1,65 m; 65 kg.

## Antecedentes Sociais

NT: 3 [0].

FC: Oriente-Médio [0].

Idiomas: Árabe (Materna) [6]; Curdo (Materna) [0]; Persa (Materna) [6]; Turco (Materna) [6].

## Vantagens

Carisma 2 [10]; Reputação +3 (Líder sábio; Todos) [15]; Riqueza (Multimilionário 3) [125]; Sorte [15]; Status 7 [20]\*.

## Desvantagens

Código de Honra (Cavaleiros) [-15]; Doutrinas Religiosas (Ritualismo) [-5]; Generosidade Compulsiva (12) [-5]; Senso do Dever (Muçulmanos) [-10].

## Perícias

Administração (M) IQ+1 [4]-15; Arco (M) DX+3 [12]-14; Cavalgar (Cavalo) (M) DX+2 [8]-13; Conhecimento do Terreno (Egito) (F) IQ+1 [2]-15; Conhecimento do Terreno (Síria) (F) IQ+1 [2]-15; Diplomacia (D) IQ+2 [12]-16; Escudo (F) DX+2 [4]-13; Espadas de Lâmina Larga (M) DX+3 [12]-14; Estratégia (Terrestre) (D) IQ+3 [16]-17; Faca (F) DX+2 [4]-13; Falcoaria (M) IQ [2]-14; Jogos de Entretenimento (Xadrez) (F) IQ+2 [4]-16; Lança de Justa (M) DX+2 [8]-13; Liderança (M) IQ+2 [2]-16†; Literatura (D) IQ+1 [8]-15; Oratória (M) IQ+1 [1]-15‡; Política (M) IQ [2]-14; Tática (D) IQ+2 [12]-16; Teologia (Islã) (D) IQ+2 [12]-16; Trato Social (F) IQ+1 [2]-15.

\* Inclui +3 pela Riqueza.

† Inclui +2 pelo Carisma.

*A vitória está em  
mudar os corações de seus  
adversários pela gentileza e  
bondade.*

– Saladino

## REINALDO DE CHÂTILLON

Reinaldo de Châtillon foi um dos grandes vilões das Cruzadas. O filho mais novo de um nobre francês, Reinaldo partiu para *Oultremer* em busca de aventura e glória. Ele apareceu pela primeira vez em Antioquia como um dos cruzados de Luís VII. Jovem, charmoso, bonito e ousado, ele logo atraiu a atenção de Constança, a herdeira do trono de Antioquia. O Rei Balduíno III de Jerusalém deu a ela uma lista de pretendentes aceitáveis e ficou aborrecido quando ela escolheu o jovem aventureiro Reinaldo.

Eles se casaram em 1152. Reinaldo era agora príncipe de um dos estados cruzados mais poderosos. Ele rapidamente mostrou a que veio ao invadir Chipre em 1156, apesar de ser uma província cristã do Império Bizantino na época. Para financiar sua invasão, ele extorquiu dinheiro do Patriarca Ortodoxo de Antioquia.

A pilhagem de Chipre por Reinaldo rendeu-lhe a ira do Rei Balduíno de Jerusalém e do Imperador Manuel Comneno de Bizâncio. Balduíno tomou a irmã de Manuel, Teodora, como noiva para aplacar o imperador. Reinaldo prostrou-se diante do imperador, implorando arrependimento e implorando por perdão, mas logo estava invadindo e aterrorizando camponeses cristãos e muçulmanos novamente. Capturado durante um desses ataques em 1160, Reinaldo descobriu que nenhum príncipe cristão estava disposto a pagar seu resgate; ele passou os próximos 16 anos em uma prisão muçulmana.

Libertado em 1176 e com a esposa morta, Reinaldo casou-se com Lady Estefânia, a herdeira da província da Transjordânia. Este casamento deu a ele a posse de Kerak, um dos castelos mais poderosos do *Outremer*, que tinha visão das movimentadas rotas de caravanas. Em 1181, ele capturou uma importante caravana de peregrinos e, ao se recusar a fazer a restituição, iniciou uma guerra com as forças de Saladino. No ano seguinte, ele construiu uma frota de galés em Acaba e saqueou navios de peregrinação muçulmanos no Mar Vermelho. A certa altura, ele desembarcou forças e até ameaçou a cidade sagrada de Meca. Ele se tornou o cristão mais odiado no *Outremer* e se divertiu com o ódio dos muçulmanos.

Em 1187, Reinaldo capturou outra caravana perto de Kerak e matou os viajantes muçulmanos. Este ato levou diretamente à invasão de Saladino e à desastrosa derrota cristã em Hatim. Capturado junto com a maior parte da liderança cristã, ele não foi mantido como refém. Ele foi decapitado, supostamente pelo próprio Saladino.

## FREDERICO II

Nascido herdeiro do Sacro Império Romano em 1194, Frederico foi um dos cruzados mais estranhos. Intelectualmente talentoso, Frederico falava seis idiomas e estudou intensamente a cultura muçulmana, chegando a se corresponder com líderes muçulmanos. Todo-poderoso em seus domínios, tratou mal outros líderes, principalmente os papas.

Prometendo fazer uma cruzada quando foi coroado Sacro Imperador Romano em 1215, ele não teve pressa em cumprir seu voto. Sua cruzada foi planejada para 1221, mas ele deixou passar essa data. Ele mudou suas posses para a Sicília, onde adotou muitos costumes muçulmanos. Ansioso para obter o apoio Alemão para o movimento das cruzadas, o papa organizou uma cúpula de líderes, incluindo o Rei João de Jerusalém, que decidiu que Frederico deveria se casar com a filha de João, Iolanda, e tornar-se herdeiro do trono de Jerusalém.

Frederico se casou com Iolanda em novembro de 1225, mas continuou adiando a viagem. Ele finalmente marcou a data para a cruzada em agosto de 1227. Mais de 100.000 cruzados de toda a

Europa se reuniram no porto de Brindisi para este grande empreendimento. Então, supostamente por motivos de saúde, Frederico trocou Brindisi por Otranto. A maioria dos cruzados reunidos se dispersou para suas casas.

Desgostoso, um novo papa, Inocêncio III, excomungou Frederico em 1227. Sem aviso prévio, Frederico fez uma viagem vagarosa para o Acre. Usando sua amizade com o sultão do Egito, ele arranhou uma trégua de 10 anos que devolveu Jerusalém e várias outras cidades Palestinas aos cruzados, e passou a se coroar Rei de Jerusalém em fevereiro de 1229.

Embora ele tivesse realizado sem nenhum custo o que reis e enormes exércitos não conseguiram fazer, ninguém parecia satisfeito com as ações de Frederico. O papa se recusou a rescindir sua excomunhão e o povo de Jerusalém se recusou a reconhecê-lo. Ele deixou a Palestina logo depois. Embora nunca tenha retornado à Terra Santa, ele continuou a se intrometer na política Cipriota e cruzada por muitos anos.



## BALDUÍNO IV

Com a morte de Balduíno III em 1174, a coroa de Jerusalém passou para seu filho Balduíno IV, um jovem de 13 anos e leproso. Raimundo de Tripoli foi nomeado regente de Balduíno por três anos. Intrigas constantes cercavam sua corte, alimentadas pelo conhecimento comum de que ele estava doente e não poderia gerar herdeiros. Muitos manobravam para sucedê-lo.

Embora não fosse fisicamente forte, Balduíno demonstrou tremenda coragem. Apesar da saúde debilitada, ele liderou exércitos cristãos na batalha contra as forças de Saladino várias vezes. Quando estava muito doente para cavalgar, comandava de uma liteira que era carregada junto com o exército. Ele ganhou o respeito de Saladino e até negociou uma trégua com o grande líder muçulmano em 1180.

Como sua saúde piorou, Balduíno pouco pôde fazer para controlar barões poderosos como Reinaldo de Châtillon (págs. 36-37). Balduíno nomeou seu sobrinho de oito anos como seu herdeiro, mas sem um líder forte para se reunir, o reino estava vulnerável. Balduíno morreu em 1185, deixando para trás um herdeiro doente e um país dividido com Saladino à espreita nos bastidores.

*Zengui era tirânico e atacava com imprudência indiscriminada. Ele era como um leopardo em caráter, como um leão em fúria, sem renunciar a nenhuma severidade, sem conhecer nenhuma bondade.*

*– Imad ad-Din al-Isfahani*

## ZENGUI

Durante anos após a Primeira Cruzada, os muçulmanos permaneceram divididos. Zengui foi o primeiro grande líder a tentar uni-los em uma luta contra os cruzados. Nascido um Turco Seljúcida por volta de 1184, ele lutou contra os cruzados pela primeira vez aos 15 anos. Ele era um muçulmano severo e devoto que era muito temido, até mesmo por seus próprios guerreiros. Sua reputação militar cresceu e, em 1122, foi nomeado governador das províncias Mesopotâmicas de Baçorá e Wasit.

Nomeado governador da província de Mossul, no norte, em 1127, ele teve a chance de continuar sua guerra contra os invasores cristãos. Ele invadiu continuamente os Principados de Edessa e Antioquia, ganhando o apelido de “o flagelo dos Francos” de seus companheiros muçulmanos. Ele tomou Alepo em 1128 e se mudou para a Síria, atacando cruzados e muçulmanos. Sua tentativa de tomar Damasco em 1135 foi repelida, mas retornou dois anos depois. A cidade foi salva quando se aliou aos cruzados para afastá-lo. A resistência de Damasco derrotou seus planos na Síria, e ele voltou a atacar as fortalezas dos cruzados no norte.

Joscelino de Edessa foi sucedido por seu filho Joscelino II, um governante fraco e preguiçoso que não conseguiu lidar com a agressividade de Zengui. Zengui atacou a cidade de Edessa em novembro de 1144, depois que Joscelino moveu seu exército para o sul. A cidade caiu no Natal, após um cerco de um mês. Zengui poupou os cristãos ortodoxos, mas matou ou escravizou todos os habitantes Latinos da cidade. Ele então varreu a maior parte do resto das cidades do principado. Em poucos meses, a maior parte de Edessa foi reconquistada.

A destruição de Zengui de um dos estados cruzados mais valiosos causou grande angústia em todos os Reinos Latinos e na Europa, iniciando a Segunda Cruzada. Também levou a mais apelos à *jiḥad* contra os cruzados. Incapaz de desfrutar de seu sucesso por muito tempo, Zengui foi assassinado por um de seus próprios escravos apenas dois anos depois.

## BAIBARS

Reverenciado pelos muçulmanos quase tanto quanto Saladino, Baibars era um líder implacável e capaz. Criado como um dos guerreiros escravos Mamelucos, pouco se sabe sobre seu nascimento ou infância. Muitos Mamelucos foram levados quando crianças das estepes Russas e da costa do Mar Negro, criados em quartéis militares e receberam treinamento feroz. Eles se tornaram guerreiros fanáticos que eram tão turbulentos que muitas vezes derrubavam seus próprios líderes.

Baibars era alto e corpulento; seus cabelos castanhos e olhos azuis lhe davam uma aparência um tanto ocidental. Ele foi ouvido pela primeira vez em 1239, quando ajudou a derrotar um exército cristão na Palestina, e passou a comandar uma parte do exército Egípcio que derrotou e capturou o Rei Luís IX da França em Mansourah em 1250. Ele derrubou o sultão Turã Xá do Egito em 1250 e o substituiu pelo sultão Cutuz, a quem derrubou e assassinou em 1260.

Depois de consolidar seu poder na Síria, Baibars lançou uma série de ataques a cidades e castelos cristãos em 1265. Cesareia e Haifa caíram rapidamente; massacres em grande escala seguiram-se a ambas as rendições. Ele então atraiu a guarnição dos Templários em Safed para se render e os assassinou após prometer salvo-conduto.

Ao mesmo tempo, outras forças lideradas por Mamelucos leais a Baibars invadiram a Armênia cristã, destruindo Sis, uma de suas principais cidades. Em 1268, Baibar tomou Jafa e o castelo dos cruzados em Beaufort e mudou-se para Antioquia. Após um ataque massivo, ele capturou a cidade, e um massacre da população cristã se seguiu.

Preocupado com os rumores de que Luís IX estava organizando uma nova cruzada para atacar o Egito, Baibars retirou suas forças da Palestina. Após a morte de Luís, ele voltou e capturou o poderoso castelo templário de Krak de Chevaliers — uma façanha que nem mesmo Saladino foi capaz de realizar.

Enquanto isso, o futuro Rei Eduardo I chegou à Palestina com uma pequena força de cavaleiros. Preocupado que este fosse o início de uma nova cruzada Inglesa em grande escala, Baibars assinou uma trégua; logo depois, Eduardo quase foi assassinado. Circularam rumores de que Baibars havia organizado esse ataque com os Assassinos. Baibars mudou-se para o norte, capturando cidades e saqueando o território Armênio. Incapaz de completar suas conquistas, Baibars morreu envenenado em 1277; não se sabe se foi um ataque ou um acidente.

## Outras Biografias

**GURPS Who's Who** inclui uma biografia e estatísticas de jogo (para **GURPS Terceira Edição**) de Aleixo I, o imperador Bizantino cujo pedido de ajuda ocidental levou à Primeira Cruzada.

**GURPS Who's Who 2** abrange Rodrigo Diaz (mais conhecido como El Cid), o herói da Reconquista espanhola, e Rogério de Flor, um templário e aventureiro que esteve presente na queda de Acre em 1291 e fez uma tentativa malsucedida de derrubar o imperador Bizantino. Novamente, as estatísticas de jogo são para **GURPS Terceira Edição**.

# CAPÍTULO SEIS

# CAMPANHAS

O *GURPS Middle Ages 1* contém informações úteis na criação de aventuras medievais na Europa. Este capítulo apresenta deta-

lhes específicos para conduzir campanhas *GURPS Cruzadas* em vários estilos e cenários.

## ESTILOS DE CAMPANHA

Uma campanha *GURPS Cruzadas* — mesmo uma baseada na história — pode ter muitos estilos e cenários diferentes. Em cenários não-históricos, é claro, ainda mais variações são possíveis.

### CAMPANHAS REALISTAS

As Cruzadas foram uma série brutal de campanhas militares em um cenário de constante guerra de baixo nível. Não havia regras. Massacres eram comuns. Os prisioneiros capturados pelos muçulmanos eram vendidos como escravos, mortos ou ocasionalmente mantidos como reféns. Os cruzados eram pouca coisa melhores no tratamento dos prisioneiros; o massacre de muçulmanos capturados era comum.

A maior parte da Terra Santa é deserto. As temperaturas variam até 55 °C no verão e tão baixas quanto 4° C com chuvas geladas no inverno. A areia soprada pelo vento acaba temperando os alimentos e se juntando às roupas, tornando a vida miserável. Moscas e outros insetos atormentam os viajantes. Pequenos ferimentos ou feridas podem ser facilmente infeccionados, e os cruzados Europeus eram especialmente vulneráveis a doenças como a malária. Fora das cidades ou oásis, a água era um grande problema, especialmente durante os meses de verão. O *GURPS WWII: All the King's Men* (*Life in the Desert*, pág. 89) pode ser consultado para regras adicionais.

Em uma campanha realista, o MJ deve enaltecer as dificuldades da vida cotidiana, enfatizando o clima severo, a população hostil e a constante ameaça de ataque. A batalha era particularmente brutal. Despesas, miséria e morte equilibravam qualquer pilhagem ou glória que os cruzados pudessem acumular. O MJ deve prestar atenção especial a temperaturas extremas (pág. MB429) e desidratação (pág. MB426). O total de pontos básicos em uma campanha realista pode ser reduzido para algo entre 75 e 100 pontos, a critério do MJ.

### CAMPANHAS DE AÇÃO-AVENTURA

Em uma campanha de ação e aventura, os jogadores ainda estão cientes do clima, suprimentos de água, Sarracenos hostis e outras dificuldades mundanas, mas a ênfase muda mais para a missão em questão. Em uma campanha realista, a falta de água pode representar a vida ou a morte; em uma campanha de ação-aventura é apenas mais um desafio a ser superado.

Uma campanha de ação e aventura oferece aos cruzados mais chances de explorar, ganhar glória ou, pelo menos, fazer a diferença em qualquer situação que encontrarem. Em vez de simplesmen-

te guarnecer um castelo ou guardar uma caravana de peregrinos, os cruzados têm a oportunidade de se destacar no ponto crucial de uma batalha ou de salvar um castelo sitiado ou um grupo de cristãos presos.

O perigo ainda está presente em uma campanha de ação e aventura. Os cruzados ainda devem ter que lidar com os elementos e o terreno difícil. Seus sucessos lhes renderão uma boa Reputação e aumento de Status, o que, por sua vez, levará a missões mais interessantes e autônomas. Os modelos nas páginas 31–34 podem ser usados inalterados ou levemente alterados a critério do MJ.

*Em breve você será Rei;  
comece a pensar como um.  
Qualquer homem pode matar;  
só um Rei pode dar a vida!*

– Rodrigo Díaz, *El Cid*

### CAMPANHAS CINEMATOGRÁFICAS

Em campanhas cinematográficas, os PdJs são pessoas fora do comum. As lutas normais da vida cotidiana ficam em segundo plano ou se aplicam apenas a PdMs menores.

Missões que são quase impossíveis para humanos normais são simplesmente um desafio para personagens cinematográficos. Escalar as paredes de um castelo para libertar reféns, sair de um castelo sitiado para trazer ajuda ou entrar sorrateiramente em um acampamento Sarraceno são coisas do dia a dia dos cruzados cinematográficos. As batalhas épicas e os cercos das Cruzadas oferecem amplas oportunidades para uma interpretação heroica.

Um mestre criativo pode facilmente distorcer a história para adicionar mais cor às aventuras. Ter um personagem importante como Ricardo Coração de Leão fazendo uma aparição em uma aventura, ou evocando uma cruzada menor não registrada nos livros, são completamente aceitáveis em uma campanha cinematográfica, já que a história fica em segundo plano em relação às boas aventuras. O total de pontos do modelo Cavaleiro Cruzado pode ser ajustado para 200 ou mais para este tipo de campanha.

# CENÁRIOS DE CAMPANHA

Locais exóticos, seitas misteriosas, desertos inexplorados; o Oriente Médio das Cruzadas oferece muitos cenários para campanhas históricas e fantasiosas. A seção a seguir fornece algumas ideias para campanhas de RPG não-históricas baseadas nas Cruzadas.

## CAMPANHAS DE FANTASIA

Acrescentar magia e monstros às Cruzadas adicionará uma nova dimensão. O nível de fantasia pode variar de acordo com a preferência do MJ.

Em uma campanha de baixa fantasia, as superstições dos cristãos e muçulmanos contemporâneos são verdadeiras. Relíquias sagradas têm algumas propriedades mágicas, bruxas e feiticeiros são raros, mas não desconhecidos, e existem algumas criaturas sobrenaturais.

Em uma campanha de alta fantasia, vale tudo. Anjos e gênios vão para o campo de batalha ao lado de Cruzados e Sarracenos, padres cristãos e imãs muçulmanos se envolvem em duelos mágicos espetaculares, e os lugares sagrados vibram com um poder próprio.

O **GURPS Noites da Arábia** contém muitas ideias para realizar uma campanha de fantasia no Oriente Médio. **GURPS Places of Mystery** inclui informações sobre Jerusalém e a fortaleza de Alamut dos Assassinos.

O **GURPS Magia** e o **GURPS Middle Ages 1** oferece informações sobre magia medieval, enquanto o **GURPS Bestiary** está repleto de bestas míticas adaptáveis a uma campanha de fantasia das Cruzadas. Com exceção do **GURPS Magia**, todas essas são fontes da *Terceira Edição* no momento da redação, e exigirão adaptação para a *Quarta Edição*. A **Atualização GURPS** ajudará nesse processo e está disponível para download gratuito. **GURPS Poderes** fornece cobertura da *Quarta Edição* de superpoderes e magia de alta poder para uma campanha de fantasia sem limites.

## Os Evangelhos Gnósticos

A reconstrução do Evangelho de Judas em 2006 despertou uma onda de interesse pelos chamados Evangelhos Gnósticos. Esses escritos antigos não fazem parte do Novo Testamento, e os próprios Gnósticos foram perseguidos por heresia.

A descoberta de manuscritos Gnósticos em uma cidade em ruínas mergulhará os descobridores em um mundo de intrigas e perigos dignos de Dan Brown.

Esses livros estão escritos em idiomas — Grego Koiné, Copta e Aramaico — que poucos cruzados serão capazes de ler. Somente os estudiosos da Igreja serão capazes de entender os manuscritos, e a descoberta desses evangelhos apócrifos (e, portanto, heréticos) irá alarmar muitos.

Embora sigam abertamente a linha da Igreja, alguns eclesiásticos querem obter os manuscritos para si mesmos, seja para estudá-los, ou como objeto de chantagem capaz de levá-los a cargos mais elevados. Uma linhagem antiga e secreta de Gnósticos, escondida à vista de todos dentro da Igreja, fará de tudo para obter os livros sagrados e matará qualquer um que saiba de sua existência. Os cruzados involuntários que descobriram o manuscrito são os primeiros da lista.

Campanhas de fantasia funcionam melhor usando estilos de ação-aventura, ou cinematográficos, embora um estilo realista possa criar um mundo de baixa magia com desafios únicos.

## CAMPANHAS MARÍTIMAS

Conforme observado no Capítulo 2, muitos cruzados e peregrinos viajaram da Europa para a Terra Santa de navio. Havia muitos perigos ao longo do caminho. O Mar Mediterrâneo era assombrado por corsários muçulmanos e piratas cristãos renegados, e potências marítimas como Veneza, Gênova e o Império Bizantino não hesitavam em invadir o comércio marítimo de seus rivais. Tanto os Templários quanto os Hospitalários construíram frotas de navios de guerra para proteger os peregrinos em alto mar.

Os cruzados marítimos encontrarão muitas aventuras lutando contra piratas, sobrevivendo a tempestades e invadindo fortalezas muçulmanas ao longo da costa. Habilidades como Natação, Tripulante de Navio, e Navegação são úteis nesse tipo de campanha.

O Mediterrâneo não é o único mar para aventuras cruzadas. Navios cruzados apanhados em tempestades violentas podem ser levados para o oeste no Atlântico, onde podem encontrar exploradores Vikings ou encalhar em costas hostis Africanas. Cruzados e Sarracenos cruzaram espadas no mar no Golfo de Acaba e no Mar Vermelho também. O **GURPS Low-Tech** tem detalhes sobre muitos navios adequados.

## CAMPANHAS DE CIDADES PERDIDAS

Cidades perdidas, muitas vezes em partes desoladas da Ásia ou da África, são um elemento básico da literatura pulp e fantástica. **GURPS Places of Mystery** inclui um capítulo sobre cidades desertas; aqui estão algumas ideias específicas para as Cruzadas.

Um navio dos cruzados pode descobrir uma cidade perdida depois de ser desviado do curso e naufragar em algum lugar ao longo da costa da África, no Mar Vermelho ou no Oceano Índico. A África era desconhecida para a maior parte do mundo nos tempos medievais.

Cruzados perdidos podem encontrar uma cidade misteriosa habitada por descendentes de antigos Egípcios, Romanos ou Gregos. O clássico romance de fantasia de H. Rider Haggard, *Ela, a Feiticeira*, se passa em uma cidade deserta perdida, e um grupo de cruzados pode descobri-la antes dos exploradores de Haggard no século XIX. Eles podem ser capturados como intrusos, ou podem ajudar a salvar uma cidade antiga de tribos bárbaras — ou muçulmanos da era das Cruzadas.

No filme *Indiana Jones e a Última Cruzada*, o Santo Graal — o maior tesouro da cristandade — jaz em um complexo infestado de armadilhas no Canyon da Lua Crescente, cercado pelos desertos do norte da Síria e guardado pelo último cavaleiro sobrevivente da Primeira Cruzada. Em *Os Caçadores da Arca Perdida*, a Arca da Aliança — outra relíquia poderosa — jaz sob as areias do Egito. Qualquer uma dessas relíquias seria de importância incalculável para os cruzados.

Alternativamente, um grupo de aventureiros do **GURPS Cliffhangers** ou exploradores do **GURPS Steampunk** pode encontrar uma cidade cruzada perdida em quase qualquer lugar do Oriente Médio.

## CAMPANHAS DE HISTÓRIA ALTERNATIVA

Outro elemento básico da literatura de fantasia é a história alternativa. Histórias alternativas geralmente dependem de uma batalha importante ou outro evento com um resultado diferente do que na história. Uma campanha pode começar em um ponto crucial, e os cruzados devem decidir o destino de sua história alternativa.

Em uma cronologia diferente, as Cruzadas poderiam ter sido um sucesso. Espalhando-se pela Ásia e África, um império Cruza-

do em expansão pode ter lutado contra hordas Mongóis em batalhas titânicas nas estepes da Ásia, ou penetrado longe o suficiente na África para encontrar o império do antigo Zimbábue.

Em outra cronologia, talvez Bizâncio tenha sido salvo e revigorado pelas Cruzadas. Os exércitos Bizantinos expulsaram os Sarracenos, Turcos e Mongóis, voltaram suas atenções para a Europa e começaram a trazer a Europa católica de volta ao rebanho ortodoxo pela força.

Alternativamente, os muçulmanos poderiam ter repellido as primeiras Cruzadas e partir para a ofensiva. PdJs cruzados podem se encontrar defendendo a Itália ou a França de hordas de invasores muçulmanos.

## CENÁRIOS COMBINADOS

Combinando o **GURPS Cruzadas** com outros mundos de campanha **GURPS** pode produzir uma ampla gama de estilos de campanha. Alguns dos mundos de campanha mencionados são para o **GURPS Terceira Edição**, mas suas informações podem ser adaptadas para a **Quarta Edição** usando o suplemento **Atualização GURPS**.

### BLACK OPS

Com tensões entre cristãos e muçulmanos, relíquias sagradas e cavaleiros Templários, **GURPS Cruzadas** e **GURPS Black Ops** podem se combinar para fazer uma campanha cheia de violência e intriga. Há muito se suspeita que os Cruzados — e em particular, os nove pobres cavaleiros do Templo — descobriram coisas nas Terras Santas: coisas místicas que poderiam dar imenso poder a quem as possuísse. Naturalmente, a Companhia estaria interessada...

### CABAL

A Cabala também estaria interessada nos segredos das Terras Sagradas — principalmente para mantê-los longe de mortais intrometidos que poderiam causar danos incalculáveis. **GURPS Cabala** faz uma breve menção aos Templários nos dias modernos, mas uma campanha ambientada durante as Cruzadas adicionará uma nova reviravolta. Os jogadores podem até ter a chance de *fundar* a Cabala à medida que a comunidade sobrenatural responde a essa nova onda de fervor religioso e às perseguições que inevitavelmente resultam dela.

### CATACLISMO

Cruzadas aconteceram em Yrth assim como na Terra. **GURPS Cruzadas** pode ser usado como fonte de inspiração para campanhas do **GURPS Cataclismo** ambientadas durante as Cruzadas ou envolvendo a história desse período.

### CLIFFHANGERS

O **GURPS Cliffhangers** já foi mencionado em conexão com as cidades perdidas, mas há muitas outras maneiras pelas quais os aventureiros pulp corajosos podem encontrar as Cruzadas.

A busca por relíquias sagradas e outros segredos perdidos no Oriente Médio do início do século 20 oferece uma rica veia de aventura em locais exóticos. Os PdJs podem seguir o espírito dos filmes de Indiana Jones, correndo contra nazistas e outros inimigos sem escrúpulos para descobrir objetos de poder mágico e espiritual ou seguindo rumores de ouro perdido dos Templários. Eles podem encontrar um Saladino ou Baibars modernos — ou os originais, preservados pela magia antiga — com a intenção de restabelecer um império Islâmico após a queda dos Otomanos na Primeira Guerra Mundial. Ou, com as Terras Santas abertas novamente após o colapso Otomano, eles podem embarcar em uma cruzada do século 20 para restabelecer o Reino de Jerusalém.

### FAERIE

O Povo das Fadas (do **GURPS Faerie**) e o cristianismo geralmente não se misturam, mas sabe-se que as fadas migraram para o Novo Mundo e outros lugares junto com seus vizinhos mortais. Não é inconcebível, então, que as fadas tenham chegado às Terras Santas entre os cruzados. Alguns podem ter sido trocados ao nascer, inconscientes de sua verdadeira natureza.

Se as armadilhas do Cristianismo deixam as fadas desconfortáveis, os lugares sagrados das Cruzadas podem ter um efeito ainda maior. Elas terão que enfrentar *peris* nativos e outras fadas locais, além dos inimigos muçulmanos de suas contrapartes mortais. Eles podem até encontrar um reino oriental das fadas no estilo das Noites da Arábia (veja Noites da Arábia).

### HORROR E ATOMIC HORROR

Muito de **GURPS Cruzadas** ocorre nos desertos pouco povoados do Oriente Médio. Um grupo de cruzados perdidos pode tropeçar em um vale escondido repleto de criaturas pré-históricas, encontrar uma cidade perdida (veja a pág. 40) ou encontrar uma caravana tripulada por fantasmas ou zumbis. Cruzados acampados nas profundezas do deserto descobrem que suas sentinelas desaparecem sem deixar rastros todas as noites, e a investigação leva a formigas gigantes ou outras criaturas terríveis. **GURPS Horror** e **GURPS Atomic Horror** são úteis para esses tipos de aventuras.

As invasões alienígenas não aconteceram apenas na Hollywood dos anos 1950. Grupos isolados de Cruzados podem encontrar alienígenas explorando nosso mundo ou tropeçar em um “portal interdimensional” para alguma outra realidade. Vários romances de ficção científica de sucesso usaram esse tema. A excelente série *Lost Regiment* de William Forstchen e *The Janissaries* de Jerry Pournelle são ótimos exemplos desse tipo de fantasia histórica.



## ILLUMINATI

As Cruzadas trouxeram uma grande quantidade de conhecimento científico e esotérico de volta à Europa. Parte disso havia sido perdida para o Ocidente desde os tempos clássicos, e parte foi resultado dos avanços muçulmanos. Os Cavaleiros Templários devem sua origem às Cruzadas e eles não estão sozinhos.

Uma campanha **GURPS Illuminati** conduzida durante as Cruzadas leva os jogadores de volta a um momento crucial na história secreta do mundo e dá a eles a oportunidade de afetar essa história de maneiras que poucos já fizeram. Os segredos de Salomão permanecem intactos sob as ruínas de seu Templo em Jerusalém. Escritos perdidos aguardam descoberta em bibliotecas muçulmanas. Tudo é possível.

## IN NOMINE

Se as Cruzadas foram uma fase crucial nas histórias do cristianismo e do islamismo, não são menos importantes para as entidades da **In Nomine**. Uma campanha conduzida neste momento adiciona uma nova dimensão ao conflito, e os jogadores terão muito trabalho mantendo os príncipes Cruzados na linha, combatendo suas contrapartes Islâmicas e combatendo as maquinacões de grupos secretos dentro dos Cavaleiros Templários e em outros lugares.

## MIDDLE AGES 1

Muitos cavaleiros ingleses partiram para as cruzadas. Personagens Ingleses medievais podiam fazer votos de cruzados (ou entrar em conflito com as autoridades locais) e depois viajar para a Terra Santa para uma série de aventuras prolongadas antes de retornar à Inglaterra. Combinando este livro com o **GURPS Middle Ages 1** permite ao MJ adicionar ação combinada a uma campanha muito maior.

O **GURPS Middle Ages 1** também inclui observações sobre campanhas romântico-cavaleirescas, baseadas nos Romances do Graal e outras literaturas medievais. Antes de descobrirem a brutal realidade das cruzadas, alguns que tomaram a cruz podem ter nutrido uma visão mais romântica de sua busca sagrada. Misturar a fantasia europeia do cavaleirismo romântico com a fantasia oriental das Mil e Uma Noites produzirá uma campanha única e atmosférica.

## NOITES DA ARÁBIA

O **GURPS Noites da Arábia** já foi mencionado em conjunto com campanhas de fantasia. Também pode ser usado como parte de uma campanha que coloca os jogadores no papel de muçulmanos enfrentando ondas de bárbaros e ignorantes Francos com a intenção de arrancar a cidade sagrada de Jerusalém — e qualquer outra coisa que eles possam colocar em suas mãos — dos fiéis.

Quer a campanha tenha um tom histórico ou fantástico, colocar os jogadores no papel dos muçulmanos cria uma mudança de perspectiva histórica e dá a eles uma nova apreciação do “outro lado” da história. Os historiadores Árabes escreveram extensivamente sobre as Cruzadas, e a bibliografia (págs. 43–44) inclui alguns títulos que serão úteis no planejamento desse tipo de campanha.



## VIAGEM NO TEMPO

O **GURPS Viagem no Tempo** pode ligar as Cruzadas a qualquer cenário histórico no **GURPS**. Os viajantes do tempo podem querer estar presentes na queda de Jerusalém ou na Batalha de Hatim. Se mais de uma única aventura for necessária para os viajantes do tempo, um mau funcionamento pode prendê-los nos reinos dos Cruzados por um longo período de tempo. Encontros com viajantes do tempo perdidos seriam interessantes para personagens Cruzados. O livro (e o filme) *Linha do Tempo* de Michael Crichton baseia-se exatamente nessa situação.

A viagem involuntária no tempo abre mais possibilidades. E se um escritório de campo da CIA ou uma célula do Mossad em Jerusalém de repente voltar no tempo? E se uma equipe SEAL ou outro grupo de operações secretas no Oriente Médio aparecer durante as Cruzadas? Seu armamento moderno os ajudará por um tempo, mas eles ficarão sem munição rapidamente — e ganharão a reputação de monstros ou feiticeiros malignos nesse meio tempo. Com suas armas vazias úteis apenas como porretes, os soldados extra-temporais têm apenas sua inteligência e suas barras de chocolate mantê-los vivos em um ambiente muito hostil.

## VIKINGS

Embora seu período de maior prosperidade tivesse terminado, os vikings (discutidos em **GURPS Vikings**) ainda estavam ativos na época das Cruzadas. A Noruega conquistou a Groenlândia em 1261, e os Normandos, uma ramificação viking, estavam ativos na Itália e em outras partes do Mediterrâneo.

O exército Bizantino incluía a Guarda Varangiana, um corpo de mercenários Escandinavos que serviu aos imperadores por quase dois séculos na época da Primeira Cruzada. Eles lutaram com distinção para proteger Constantinopla durante a Quarta Cruzada.

Embora alguns tenham vindo por terra através das colônias Escandinavas de Kiev e Novogárdia, muitos Escandinavos viajaram para Bizâncio através do Mediterrâneo. Um encontro entre um navio dos Cruzados e um barco Viking é possível; uma batalha de três frentes, com corsários muçulmanos seria ainda mais interessante.

## WWII

O **GURPS Cruzadas** pode ser combinado a uma campanha de **GURPS WWII** ou **GURPS Weird War II** de várias maneiras.

O Oriente Médio foi de interesse para ambos os lados durante a Segunda Guerra Mundial. Os campos de petróleo da região eram um importante recurso estratégico, e os Nazistas supostamente tiveram grande interesse em recuperar relíquias sagradas como parte do *Ahnenerbe* e outros programas da SS.

A extensão da pesquisa oculta Nazista quase certamente foi exagerada, mas sabe-se que durante o Anschluss, quando a Áustria foi anexada à Alemanha, Adolf Hitler pegou uma lança de Viena que se pensava ser a Lança de Longinus; não era a descoberto em Antioquia (veja pág. 13), mas aquela que estava em posse dos Sacros Imperadores Romanos desde a época de Otto I (912–973). As operações no Oriente Médio não assumiram um aspecto religioso, mas em uma campanha inspirada em Indiana Jones, podem sim.

A motivação da cidade perdida (pág. 40) também pode aparecer em um cenário da Segunda Guerra Mundial. Membros do Grupo de Longo Alcance do Deserto podem tropeçar em vestígios de Cruzados — ou sobreviventes — enquanto atacam linhas de abastecimento Alemãs, assim como uma tripulação de tanque perdida do Oitavo Exército ou do Afrika Korps.

# BIBLIOGRAFIA

Essas fontes foram usadas na redação de **GURPS Cruzadas**.

## LIVROS

Baigent, Michael; Leigh, Richard; and Lincoln, Henry. *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada* (Cape, 1982). Uma teoria de que os Templários sobreviveram até os dias modernos, guardando um segredo que pode abalar a Igreja em seu âmago. Publicado nos Estados Unidos como *Holy Bood, Holy Grail* (Delacorte, 1982).

Bartlett, W. B. *God Wills It! An Illustrated History of the Crusades* (Sutton, 1999). Uma sólida história das Cruzadas desde a Batalha de Manzikert até a queda de Acre em 1291. Excelentes detalhes; bem escrito.

Billings, Malcolm. *The Crusades: Five Centuries of Holy War* (Sterling, 1996). Bem escrito, com boa cobertura das cruzadas posteriores no Mediterrâneo e na Ásia Menor.

Bray, R. S. *Armies of Pestilence: The Impact of Disease on History* (Barnes & Noble Books, 2000). Um olhar sobre o impacto das pragas nas Cruzadas e outros eventos históricos.

Brown, Dan. *O Código Da Vinci* (Doubleday 2003). Este romance best-seller explora as possibilidades apresentadas em *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada* — tão de perto que seus autores processaram Brown por plágio. O livro contém mais detalhes do que o filme.

*A realidade histórica das Cruzadas era mais complexa do que as visões simplistas que ainda são usadas pelos líderes políticos, religiosos e culturais, tanto no Oriente quanto no Ocidente.*

– David Nicolle,  
*The Crusades*

Clifton, Chas S. *Encyclopedia of Heresies and Heretics* (Barnes & Noble Books, 1998). Este livro inclui uma cobertura detalhada da heresia Cátara, que foi eliminada na Cruzada Albigense.

Daraul, Arkon. *Secret Societies: A History* (MJF Books, 1989). Inclui capítulos sobre os Assassinos e os Templários.

Duggan, Alfred. *Lord Geoffrey's Fancy* (Phoenix Press, 2007). Este romance histórico traça as experiências de um cavaleiro In-

glês em busca de fortuna em Outremer. Outro livro de Dugga, *The Lady for Ransom* (Phoenix Press, 2007) se passa em Bizâncio, no alvorecer das Cruzadas. E seu *Count Bohemond* (Phoenix Press, 2007) é um relato ficcional da vida de Boemundo, o primeiro Rei Latino de Antioquia.

Gabrieli, Francesco. *Arab Historians of the Crusades* (Barnes & Noble Books, 1993). Um olhar sobre as Cruzadas do ponto de vista muçulmano.

Heckethorn, Charles W. *The Secret Societies of All Ages and Countries* (Cosimo Classics, 2005). Dois volumes. Reimpressão de um livro de 1875 com informações sobre os Assassinos e os Templários.

Howard, Robert E. *Lord of Samarcand and Other Adventure Tales of the Old Orient* (Bison Books, 2005). O criador de Conan escreveu muitos contos de ação históricos, alguns ambientados em Outremer; esta é uma coleção dos melhores.

Lane-Poole, Stanley. *Saladin and the Fall of Jerusalem* (Greenhill Books, 2002). Boa biografia e crônica das campanhas de Saladino na Terra Santa e no Egito. Bons gráficos sobre os governantes dos vários reinos cruzados.

Lewis, Bernard. *Os Assassinos — Uma Seita Islâmica Radical* (Basic Books, 1968). Uma boa história das seitas Ismaelitas e Assassinas, com informações úteis sobre as divisões religiosas muçulmanas.

Logan, Donald F. *A History of the Church in the Middle Ages* (Routledge, 2002). Esta história detalhada do papado medieval fornece informações básicas sobre as motivações papais e a política das Cruzadas, bem como muitos mapas úteis.

Miller, David. *Brassey's Book of the Crusades* (Brassey's, 2001). Uma boa referência geral com capítulos sobre armas, guerra de cerco e ordens militares.

Nicholson, Helen. *The Knights Hospitaller* (Boydell, 2001). Uma história detalhada dos Cavaleiros Hospitalários, incluindo seus antecedentes, finanças e organização. A segunda metade do livro trata da história dos Hospitalários após as Cruzadas.

Nicolle, David. *The Crusaders* (Osprey, 2001). Parte da série *Essential Histories*, este livro oferece uma visão geral leve das Cruzadas, mas é útil por suas excelentes fotos e mapas coloridos, juntamente com várias biografias curtas e significativas.

Nicolle, David. *The Crusades and the Crusader States* (Osprey, 1988). Parte da série *Elite*. Este livro apresenta informações concretas sobre guerra, cercos e armas, com as excelentes ilustrações coloridas de soldados e seus equipamentos.

Nicolle, David. *Knight of Outremer* (Osprey, 1996). Parte da série *Warrior*. Um tratamento detalhado das armas, armaduras, equipamentos e táticas dos cruzados, com boas seções sobre pagamento, treinamento, sociedade e heráldica. As ilustrações são excelentes, como esperado de uma publicação da Osprey.

Nicolle, David. *Saladin and the Saracens* (Osprey, 1986). Uma referência ilustrada detalhada sobre armas, armaduras e táticas muçulmanas.

Read, Piers-Paul. *Os Templários* (St. Martin's Press, 1999). Uma história confiável dos Templários até sua dissolução em 1314.

Riley-Smith, Jonathan. *The Crusades* (Yale University, 1987). Uma história detalhada do movimento das Cruzadas até a Renascença e a Reforma, com excelente material de referência sobre os participantes, teoria das cruzadas, tendências e política.

Wasserman, James. *The Templars and the Assassins* (Inner Traditions International, 2001). A primeira parte do livro fornece informações históricas sobre a atividade dos Templários e Assassinos nas Terras Santas, e a última parte é dedicada a teorias da conspiração.

Williams, Paul L. *The Complete Idiot's Guide to the Crusades* (Alpha Books, Pearson Education Inc., 2002). Um volume de fácil leitura sobre a história e os antecedentes das Cruzadas. Parte da conhecida série *Idiot's Guide*, suas principais desvantagens são seu estilo de escrita casual e a escassez de datas na seção histórica.

## FILMES

Surpreendentemente, existem poucos filmes baseados nas Cruzadas. Talvez Hollywood devesse tomar nota.

*As Cruzadas* (Cecil B. DeMille, 1935). Dirigido por Cecil B. DeMille, com o historiador medieval Harold Lamb como consultor técnico e literalmente um “elenco de milhares”, este poderia ter sido um ótimo filme, mas fica aquém. Ele sofre de uma história muito confusa e carrega uma mensagem pesada de “paz”, provavelmente devido ao sentimento isolacionista da década de 1930 na América.

*Cruzada* (Ridley Scott, 2005). Este épico de Ridley Scott apresenta um elenco de estrelas e uma história arrebatadora sobre um ferreiro de uma vila francesa (Orlando Bloom) que viaja para defender Jerusalém de Saladino e se envolve com o Rei Balduino IV e o malvado Reinaldo de Châtillon.

*El Cid* (Anthony Mann, 1961). Distribuído pela Allied Artists, esta é na verdade uma produção espanhola estrelada por Charlton Heston. Filmado na Espanha com cidades muradas e castelos reais, é um maravilhoso registro visual de cenários medievais. Milhares de coadjuvantes e efeitos especiais gigantescos (incluindo oito torres de cerco em tamanho real) tornam-no uma alegria de assistir, embora seja baseado em uma visão muito romântica do maior herói medieval da Espanha. Não se passa na Terra Santa, mas mostra a *Reconquista* Espanhola que estava sendo travada simultaneamente com as Cruzadas. Tripulação e veículos são vistos em algumas tomadas.

*Saladin* (Youssef Chahine, 1961). Distribuído pela Lotus Films, uma empresa egípcia, este filme é uma mistura de história confusa e propaganda islâmica bastante pesada. Este filme é fortemente influenciado pelo regime egípcio de Nasser da época.



# ÍNDICE

- Ação-aventura, campanhas, 39.  
Acre, 13, 18, 20, 22, 23, 30; *ordens militares e*, 6–7; *cercos a*, 17, 30, 35, 36, 38.  
Ademar, 4, 12–13.  
Aiúbidas, 9.  
Aleixo I, 10, 23, 38.  
Antecedentes Incomuns, vantagem, 31.  
Antioquia, 5, 15, 17, 24, 27, 28, 36; *ataques a*, 14, 38; *Cruzadas envolvendo*, 12–13, 23, 26.  
Apuros em Jerusalém, 17.  
Arqueiros, 29, 32.  
Arsenal, 32.  
Assassinos, 8, 33–34.  
Assassino, modelo, 32.  
Atomic horror, campanhas, 42.  
Baibars, 9, 21–23, 38.  
Balduíno IV, 15, 37.  
Bibliografia, 43–44.  
Biografias, 35–38.  
Black ops, campanhas, 41.  
Cabal, campanhas, 41.  
Campanhas, combinação, 41–42; *cenários*, 40–41; *estilo*, 39.  
Castelos, cercos e, 30.  
Cataclismo, campanhas, 41.  
Cavaleiro Cruzado, modelo, 33.  
Cavaleiros, 28–29, 31; *Hospitalário*, 5–7, 16; *Templário*, 5–6, 16, 21, 38; *modelo*, 33, 34; *Teutônico*, 5, 7, 22.  
Cavaleiro, arsenal, 32.  
Cercos, 30.  
Cidade perdida, campanhas, 40.  
Cidades, cercos e, 30.  
Cinematográficas, campanhas, 39.  
Clericato, vantagem, 31.  
Cliffhangers, campanhas, 41.  
Combinações, campanhas, 41.  
Comércio, 27.  
Composição de exércitos, 28–29.  
Conrado III, 4, 14–15.  
Constantinopla, 18–19.  
Cristianismo Ortodoxo, 10, 26.  
Cronologia, 23.  
Cruzada Albigena, 19, 23.  
Cruzada Alexandrina, 22, 23.  
Cruzada Aragonesa, 22, 23.  
Cruzada dos Pastores, 21.  
Cruzada Popular, 12.  
Cruzadas Bálticas, 17.  
Cruzadas das Crianças, 18.  
Cruzadas do Norte, 17.  
Cruzadas dos Bálcãs, 22.  
Cruzadas, contra os Mongóis, 22; *fim das*, 23; *nas Terras Santas*, 10–23; *vida durante*, 24–30; *outras*, 22; *razões para*, 24.  
Cruzados, antecedentes, 24; *imperfeitos*, 31.  
Damasco, 14, 15, 23, 25, 36, 38.  
Desvantagens, 31.  
Díaz, Rodrigo, 38.  
Dinamarca, 17.  
Distância até as Terras Santas, 24–25.  
Doenças, 25.  
Doge de Veneza, 18.  
Economia das Cruzadas, 27.  
Edessa, 5, 12–14, 23, 28, 38.  
Eduardo I, 4, 22.  
Egito, 8, 9, 14, 20, 21, 36, 38; *invasões do*, 6, 7, 19–20, 23.  
Equipamento, 32.  
Espanha, parte nas Cruzadas, 5, 27.  
Europa, exércitos, 28–29; *mudanças na*, 24–30; *conflitos na*, 27; *veja também Francos*.  
Evangelhos Gnósticos, 40.  
Excomunhão, 18.  
Faerie, campanhas, 41.  
Fantasy, campanhas, 40.  
Fatímidas, 9.  
Ferimentos, 31.  
Feudalismo, 24, 25, 28.  
Fidelidade histórica, 10.  
Filmes, 44.  
França, Piratas Berberes e, 9; *parte nas Cruzadas*, 4, 19, 27.  
Francos, pessoas importantes, 35–37; *diferença entre ocidentais e orientais*, 28; *parte nas Cruzadas*, 4–7.  
Frederico II, 7, 20, 23, 37.  
Grécia, atitudes da, 28; *parte nas Cruzadas*, 7.  
Guerra nas Cruzadas, 28.  
Guerreiro religioso, modelo, 33.  
Guerreiros, modelo, 33, 34.  
Guido de Lusinhão, 13, 15–17.





**GURPS**, 34, 35, 38, 40–42; **Atomic Horror**, 42; **Atualização**, 34, 40, 41; **Bestiary**, 40; **Black Ops**, 41; **Cabal**, 41; **Cataclismo**, 41; **Cliffhangers**, 40, 41; **Combate em Massa**, 30; **Faerie**, 41; **Horror**, 42; **Illuminati**, 42; **In Nomine**, 42; **Low-Tech**, 33, 40; **Magia**, 3, 40; **Masmorras Fantásticas**, 3; **Middle Ages 1**, 3, 5, 30, 39, 40, 42; **Mundos Infinitos**, 3; **Noites da Arábia**, 3, 8, 33, 40, 41; **Places of Mystery**, 3, 40; **Poderes**, 40; **Russia**, 7; **Steampunk**, 40; **Swashbucklers**, 3; **Viagem no Tempo**, 42; **Vikings**, 3; **WWII**, 42; **WWII: All the King's Men**, 39; **Warriors**, 34; **Weird War II**, 42; **Who's Who 2**, 38; **Who's Who**, 38.

Hábitos Detestáveis, desvantagem, 31.

Hatim, batalha de, 16.

História Alternativa, campanhas, 41.

História, 10–23.

Horror, campanhas, 42.

Hospitalários, veja *Cavaleiros*.

Idades Médias, campanhas, 42.

Idiomas, 31.

Illuminati, campanhas, 42.

Império Bizantino, 4, 5, 7, 10, 14, 23, 27.

Império Romano, 4.

In Nomine, campanhas, 42.

Infantaria, 28–29, 32.

Inglaterra, parte nas Cruzadas, 4–5; veja também *Ricardo I Coração de Leão*.

Inocêncio III, 18, 19.

Irmãos Livônios da Espada, 17.

Ismaelitas, 8.

Itália, Piratas Berberes e, 9; parte nas Cruzadas, 5, 17, 27; comércio, 27.

Jerusalém, 5, 8, 15–18, 24, 26–28, 37; Cruzadas envolvendo, 11–13, 17, 20–23, 35; ordens militares e, 6–7.

Jihad, 14, 36.

Livros, 43.

Luís VII, 4, 14–15.

Mamelucos, 9, 21–23, 29, 38.

Mão de obra, falta de, 26–27.

Mapas, 11, 25.

Maravilhas e sinais, 26.

Marítima, campanhas, 40.

Modelos, 31–34.

Mongóis, 21, 22, 27.

Muçulmanos, 7–9; pessoas importantes, 36; táticas, 29; tratados com, 28; veja também *Cruzadas específicas*.

Noites da Arábia, campanhas, 41.

Nona Cruzada, 22.

Noradine, 15, 23, 36.

Oitava Cruzada, 21, 23.

Ordens militares, 5–7; modelo, 33.

Orientalização dos Francos, 26, 28.

Ortodoxia Oriental, 7, 10.

Outras Cruzadas, 22.

Outremer, 5, 14; veja também *Terras Santas*.

Pedro, o Eremita, 12.

Pentarquia da Igreja Cristã primitiva, 7.

Personagens, jogador, 31–34; PdMs importantes, 35–38.

Piratas Berberes, 9.

Política do estado cruzado, 28.

Presságios celestiais, 26.

Primeira Cruzada, 10, 12–14, 23.

Quarta Cruzada, 18–19, 23.

Questões resultantes das Cruzadas, 26–28.

Quinta Cruzada, 19–20, 23.

Realista, campanhas, 39.

Reconquista, 5, 6, 27, 38.

Reinaldo de Châtillon, 15–16, 36–37.

Reinos Latinos, 5; veja também *Cruzadas específicas e Jerusalém*.

Reinos Normandos, parte nas Cruzadas, 5.

Relíquias sagradas, 26.

Relíquias, 26.

Ricardo I Coração de Leão, 4, 17–18, 35.

Rogério de Flor, 38.

Rotas para as Cruzadas, 25.

Sacro Império Romano, 5.

Saladino, 15–16, 36.

Sargento, 28–29, 32; modelo, 33.

Sarracenos, 9; cavaleiro, 29, 32; guerreiro, modelo, 34; veja também *Muçulmanos*.

Segunda Cruzada, 14–16.

Seljúcidas, 8, 32.

Sétima Cruzada, 20–21.

Sexta Cruzada, 20.

Sicília, 5, 8, 9, 17, 20, 22, 27, 35.

Sinais e maravilhas, 26.

Síria, 8, 9, 14, 15, 20, 21, 23, 24, 36, 38.

Sociedade, 24–28.

Suécia, 17; *Crusades*, 22.

Sunitas, 7–8.

Tática, guerra, 28–30.

Templários, veja *Cavaleiros*.

Terceira Cruzada, 16–18.

Terras Cruzadas, veja *Terras Santas e Outremer*.

Terras Santas, condições da, 29; *Cruzadas nas*, 10–23; mapa, 11; ordens militares e, 6–7; viajar para, 24–25; veja também *Jerusalém*.

Teutônico, cavaleiro, veja *Cavaleiros*.

Trégua da Terceira Cruzada, 17.

Trípoli, 5, 6, 13–15, 22, 23, 27, 28.

Turcomeno, 32.

Turcópulo, 29, 32.

Turcos, 8, 10.

Urbano II, 10.

Vantagens, 31.

Viagem marítima, 24, 25.

Viagem no Tempo, campanhas, 42.

Viagem terrestre, 24, 25.

Viagem, 24–25.

Viking, campanhas, 42.

WWII, campanhas, 42.

Xiitas, 7–8.

Zengui, 9, 14, 23, 38.

# DEUS O QUER!

As Cruzadas duraram quase dois séculos, e seus efeitos são sentidos até hoje. Essas guerras foram uma época de conflito, uma era de crise secular e religiosa e uma era de aventura. **GURPS Cruzadas** apresenta todas as informações que você precisa para trazer este período emocionante para a mesa de jogo:

- Uma descrição do mundo na época das Cruzadas, que lança as bases para entender o alcance do conflito.
- Uma história das Cruzadas, com uma extensa cronologia, mapas das Terras Santas e as rotas para as Cruzadas e descrições de todas as campanhas das Cruzadas.
- Uma cartilha sobre o que era ser um Cruzado: as distâncias percorridas, as dificuldades enfrentadas, as táticas utilizadas, além dos riscos e recompensas para todos os envolvidos.
- Um guia completo para tornar os personagens ativos durante as Cruzadas, incluindo quatro modelos para **GURPS** e equipamentos sugeridos para muitas funções.
- Biografias de muitos dos maiores nomes neste conflito, com estatísticas **GURPS** completas para Ricardo Coração de Leão e Saladino!
- Um guia para campanhas baseadas em Cruzadas, incluindo aquelas que são histórias alternativas ou incorporam magia.
- Conselhos para usar este material com outras cenários, como *In Nomine*, **GURPS Cataclismo**, ou mesmo **GURPS Horror**.

O apelo por corações nobres foi divulgado em toda parte. Seja se aventurando por ouro, glória ou em nome de Deus, **GURPS Cruzadas** é o guia que você precisa. A história começa agora!

*Para usar o **GURPS Cruzadas** é necessário o **GURPS Módulo Básico** da **Quarta Edição**.  
As informações aqui contidas são úteis para **qualquer** campanha ambientada durante as Cruzadas.*

por Eugene Moyers com Graeme Davis

Editado por Alain H. Dawson e Jason "PK" Levine

Ilustrações por Paul Daly

Cartografia por Ed Bourelle



**STEVE  
JACKSON  
GAMES**

[www.sjgames.com](http://www.sjgames.com)